



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS FEITOSA

**Cura para quase tudo: Entre raizeiros e raízes, a
ressignificação do conhecimento tradicional no Distrito
Federal.**

**Brasília – DF
2023**

ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS FEITOSA

**Cura para quase tudo, entre raizeiros e raízes, a
ressignificação do conhecimento tradicional no Distrito
Federal.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPG/GEA do Curso de Doutorado em Geografia da Universidade de Brasília/UnB, como requisito para obtenção do título de Doutor(a) em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Luiza Peluso.

Linha de Pesquisa: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional
Área de Concentração: Representação Espacial da Dinâmica Territorial e Ambiental

**Brasília – DF
2023**

**Cura para quase tudo, entre raizeiros e raízes, a
ressignificação do conhecimento tradicional no Distrito
Federal**

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Marília Luiza Peluso (Orientadora) Universidade de
Brasília – UnB – orientadora.**

**Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho Universidade de
Brasília – UnB.**

**Profa. Dra. Regina de Souza Maniçoba (externo) Centro -
Universitário de Brasília – UNICEUB**

Profa. Dra. Regina Coelli Fernandes Saraiva

**Rossane Balsan – Universidade Federal de Tocantins - UFT
(externo)**

AGRADECIMENTOS

Certa que os sentimentos começam a normalizar e a tranquilidade pós-defesa de tese me impulsiona a então registrar neste trabalho doutoral as últimas palavras. Considero este, embora elemento pré textual o registro que elenca tanto as emoções que me trouxeram até aqui quanto a dimensão da gratidão, pois não caminhei esse percurso sozinha.

Foram muitos momentos significativos, encontros memoráveis e construções teóricas que levarei sempre comigo.

Inicialmente gratidão a Deus que na sua infinita bondade me ajudou, foi meu amigo presente nos momentos mais difíceis onde desistir não era uma alternativa e seguir com a convicção da importância deste estudo e do propósito de vida que é a pós-graduação.

Agradeço aos professores que contribuíram na minha caminhada desde o curso de Geografia na UEG de Formosa entre 2002 e 2005. Aos colegas que conquistei neste período que juntos formaram uma corrente de afeto, solidariedade e aprendizagens, destaco aqui Mirlete, Ana Paula, Graziela, Gersão, Fernando, Joenice, Sandra.

Na afetividade que permeou minha existência, gostaria de agradecer aos amigos Paulo Rocha (meu cumpadi), Vanessa Arruda (mãe do capitão América), Solange Souza, Daniel Neto, Ordália Guilherme, Núbia.

Agradeço a sensibilidade e fortalecimento recebidos da minha orientadora professora Dra Marília Luiza Peluso, com quem estou desde o mestrado nesta caminhada que se tornou uma parceria/amizade e que me permitiu neste trajeto conhecer o lado humano, o profissionalismo e a responsabilidade no que tange a pesquisa e a formação de professores de Geografia.

Registro minha gratidão a banca que apresenta os profissionais que admiro e me espelho tanto pelo profissionalismo como pelo caráter humanista: Prof. Dr. Fernando Sobrinho pela acolhida e atenção nos âmbitos da minha pesquisa e na nossa atuação no sistema da Universidade Aberta do Brasil UAB/UnB no curso de Geografia; à prof^a Regina Maniçoba pelas contribuições pontuais, assertivas e necessárias

à tese; a prof^a Regina Coelli Fernandes Saraiva pelo emocionar das palavras necessárias de encorajamento e de reflexão da importância do rigor científico; a Professora da UFT Rosane Balsan que trouxe a banca o olhar técnico do texto acadêmico e a responsabilidade de construir algo que substancie devidamente estudos futuros.

Fundamental expressar minha gratidão a todos os sujeitos que contribuíram com a pesquisa, feirantes, comerciantes, usuários, pessoas comuns que com as informações colhidas ajudaram a dar sentido e verdade ao texto.

E essencialmente agradeço aos raizeiros de Brasília, às parteiras, as benzedadeiras, os mateiros da Floresta Nacional que perpetuam seus saberes agora ressignificados.

Especialmente agradeço a Paulo César de Abreu de Santana, por estar comigo neste dia tão significativo a minha trajetória, por segurar a minha mão e fazer da minha vida cotidiana a alegria dantes desconhecida, a vida com você tem sabor, cheiros e sons de riso. E eu te amo até o céu e volta mil vezes.

RESUMO

O objetivo da presente tese é identificar e mapear os raizeiros e raizeiras do Distrito Federal, analisando suas relações na dinâmica urbana e seu conhecimento tradicional construído e compartilhado em seus espaços de cura, e as subjetividades que ameaçam a perpetuação de seus saberes através de seu ofício. A Ressignificação do ofício tradicional das raizeiras ocorre através do ingresso na modernidade que se processa de várias maneiras: da rede de produção, comercialização e divulgação dos produtos naturais. Os saberes (conhecimentos adquiridos e experimentados) e fazeres (as experimentações e receitas dos preparados tradicionais) presentes na medicina ancestral não se estabelecem somente pela identificação das plantas, antes retratam o aprimoramento dos usos medicinais a partir dos relatos de cura partilhados entre todos da comunidade. Considerar que o conhecimento tradicional sobre as propriedades terapêuticas das plantas medicinais, ervas e seus usos, expressão do ofício de raizeiros e raizeiras, tem tido grande procura não só pelo baixo custo no tratamento, mas pela tradição. Foram selecionados 6 entrevistados, residentes em diferentes regiões administrativas do Distrito Federal, detentores dos saberes ancestrais, notoriamente conhecidos pela comunidade local como erveiros, sujeitos que concordaram em fazer parte da pesquisa e assim contribuir com a ampliação da partilha de seus conhecimentos. O conhecimento tradicional dos raizeiros no Distrito Federal tem sido ressignificado assim como a própria evolução da sociedade, segundo os raizeiros intensificou-se a procura por xaropes, garrafadas de saúde, produtos e especiarias para aumento da imunidade e diversos males característicos da modernidade como a depressão e ansiedade.

Palavras chave: usos medicinais - conhecimento tradicional – raizeiros – propriedades terapêuticas - Distrito Federal –

ABSTRACT

The aim of this thesis is to identify and map the healers in the Federal District, analyzing their relationships in urban dynamics and their traditional knowledge built and shared in their healing spaces, and the subjectivities that threaten the perpetuation of their knowledge through their craft. The re-signification of the traditional craft of the healers occurs through the entry into modernity that takes place in several ways: of the network of production, commercialization and dissemination of natural products. The knowledge (acquired and experienced knowledge) and practices (experiments and recipes for traditional preparations) present in ancestral medicine are not established only by identifying plants, but rather portray the improvement of medicinal uses based on healing stories shared among everyone in the community. Six interviewees were selected, residing in different administrative regions of the Federal District, holders of ancestral knowledge, notoriously known by the local community as herbalists, subjects who agreed to be part of the research and thus contribute to the expansion of the sharing of their knowledge. The traditional knowledge of the healers in the Federal District has been reframed as well as the evolution of society itself, according to the healers, the search for syrups, health bottles, products and spices to increase immunity and various evils characteristic of modernity such as depression and anxiety.

Palavras chave: Keywords: medicinal uses - traditional knowledge – healers – therapeutic properties - Federal District –

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1- ESPAÇO, TERRITÓRIO E LUGAR: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA NA COMPREENSÃO DA DINÂMICA DO OFÍCIO DOS RAIZEIROS DO DISTRITO FEDERAL.....	18
1.1 Espaço.....	18
1.2 Território.....	24
1.3 Lugar.....	32
1.4 Redes.....	39
2 – CAMINHOS DA PESQUISA.....	45
2.1 Primeiros passos metodológicos.....	46
2.2 Abordagem espacial da pesquisa.....	49
2.3 Raizeiros de Brasília, sujeitos da pesquisa.....	52
2.4 Distrito Federal, local da pesquisa.....	54
3 - GEOGRAFIA DOS ESPAÇOS DE CURA: COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS NATURAIS DO DF.....	58
3.1 Origem das feiras.....	59
3.2 Feiras no Distrito Federal, a comercialização popular e integrativa.....	62
3.3. Feiras permanentes	66
3.4 Feira do Produtor e Atacadista de Ceilândia.....	66
3.5 Feira dos Goianos: moda a preços acessíveis.....	69
3.6 Feira Permanente do Núcleo Bandeirante: a feira a partir da cidade.....	73
3.7 Feira Central e Permanente da Ceilândia: a feira mais nordestina do Planalto Central.....	76
3.8 Feira Permanente de Taguatinga: Ave Branca – o charme do lugar onde se encontra sabor.....	77
3.9 Feira da Torre de TV.....	81
4- CONHECIMENTO TRADICIONAL: GEOGRAFIZANDO ENTRELUGARES, MEMÓRIAS, SABERES E FAZERES NO DISTRITO FEDERAL.....	83

4.1 Plantas medicinais do Cerrado, geografia dos espaços de cura.....	87
4.1.1 Clitória.....	90
4.1.2 Pariri.....	92
4.1.3 Erva baleeira.....	93
4.2 Cura para quase tudo, ancestralidade da medicina natural das raizeiras.....	94
5- A MEDICINA NATURAL PRESENTE NO OFÍCIO DE RAIZEIROS E RAIZEIRAS:	103
5.1 Raizeiros, erveiros, ervateiros: o conhecimento tradicional e o ofício ameaçado.....	104
5.1 Banca do Seu Damião: o Rei das ervas.....	107
5.2 Telma Suely: a garrafada da mulher – Ervanário Cheiro da Terra.....	107
5.3 Dona Laurita Pereira dos Santos, ícone como raizeira da feira da Ceilândia.....	110
5.4 Dona Josefa Ataídes, erveira dos quintais.....	113
5.5 Itamar: o legado tradicional.....	115
6.0 Cura para quase tudo, ancestralidade da medicina natural.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	125
ANEXOS	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Banca da Telma Suely – Raizeira do Núcleo Bandeirante.....	19
Figura 2: Ervanário Cheira da Terra – Feira do Núcleo Bandeirante.....	20
Figura 3: Projeto Mercadinho de Brasília.....	21
Figura 4: Mercado do Núcleo Bandeirante.....	22
Figura 5: Feira no Acampamento Cidade Livre em 1957.....	24
Figura 6: Plataforma superior Rodoviária do Plano Piloto em 1980.....	27
Figura 7: Ervanário Cheiro da Terra – Núcleo Bandeirante.....	30
Figura 8: Flores do Cerrado.....	32
Figura 9: Loja do Mercado do Núcleo Bandeirante, primeiro lugar de comércio e encontro no Distrito Federal.....	34
Figura 10: Feira da Ceilândia em 1957.....	35
Figura 11: Feira Central e Permanente da Ceilândia/DF.....	36
Figura 12: Feira do produtor de Ceilândia.....	39
Figura 14: Produtos fitoterápicos comercializados na Feira do Bicalho – Taguatinga DF.....	44
Figura 15: Mapeamento de feiras, mercados e comércio de rua do Distrito Federal.....	57
Figura 16: Mercado San Pedro em Cusco, Peru.....	59
Figura 17: Mercado Municipal de São Paulo.....	60
Figura 18: Feira do Produtor de Ceilândia/DF.....	66
Figura 19: Feira do produtor de Ceilândia.....	67
Figura 20: Acampamento dos pioneiros - Núcleo Bandeirante, 1958.....	68
Figura 21: Mercado do Núcleo Bandeirante.....	70
Figura 22: Doces da Feira do Núcleo Bandeirante.....	71
Figura 23: Estrutura física da Feira permanente do Núcleo Bandeirante.....	72
Figura 24- Feira Central e Permanente de Ceilândia.....	74
Figura 25: Feira Permanente de Taguatinga – Banca de produtos naturais....	75
Figura 26- Feira da Torre de Televisão.....	77
Figura 27: Feira da Torre de TV.....	79
Figura 28: Flores do Cerrado na Catedral de Brasília.....	81
Figura 29: produtos da banca de Seu Damião, Taguatinga.....	82

Foto 30: Kit de ervas, espaço Chá da Terra de Dona Josefa - São Sebastião – DF.....	84
Figura 31: Banca de ervas naturais e temperos da feira da Praça do Bicalho.....	85
Figura 32: Clitória secando para uso em.....	90
Figura 33: Pariri.....	91
Figura 34: Erva baleeira.....	92
Figura 35: Ervanário Cheiro da Terra – Feira do Núcleo Bandeirante.....	93
Figura 36: Comércio de ervas de Seu Melzinho, Asa Sul – DF.....	100
Figura 37: Seu Damião, Rei das Ervas, Taguatinga Centro.....	106
Figura 38: Ervanário Cheiro da Terra – Núcleo Bandeirante.....	107
Figura 39: Telma Suely e sua mãe, Dona Francisca.....	109
Figura 40: Dona Laurita – Banca da Feira da Ceilândia.....	110
Figura 41: Banca da Dona Laurita – Feira da Ceilândia.....	111
Figura 42: Dona Josefa Ataídes.....	112
Figura 44: Itamar, banca da feira da QNL em Taguatinga.....	115
Figura 46: Seu Melzinho.....	117

INTRODUÇÃO

A tradição oral e o cotidiano familiar repassam o conhecimento ancestral dos raizeiros. Chás, efusões, garrafadas são historicamente utilizadas por populações em que o acesso à saúde formal é deficiente ou inexistente. Hoje, a procura pela medicina natural é um traço cultural e reflexo da busca por uma existência mais harmônica com a natureza.

A medicina tradicional também é fruto das histórias de vida, da superação das dificuldades que a população carente enfrentou durante muitos anos, e a reprodução dos mesmos desafios enfrentados por seus antepassados. No Distrito Federal os pioneiros, pessoas de diversos lugares do Brasil, trouxeram seus costumes e agora são as novas gerações que tem o desafio de repassar este conhecimento.

Os saberes (conhecimentos adquiridos e experimentados) e fazeres (as experimentações e receitas dos preparados tradicionais) presentes na medicina ancestral não se estabelecem somente pela identificação das plantas, antes retratam o aprimoramento dos usos medicinais a partir dos relatos de cura partilhados entre todos da comunidade.

A pessoa que detém os saberes ancestrais, cuja grande maioria são mulheres¹, possui uma visão integral e ampla da saúde, acreditando que inúmeros fatores podem influenciá-la, como a espiritualidade, o cuidado com o corpo e a mente, o meio ambiente e sistemas formais de cura e cuidado.

Esses agentes de cuidado, por utilizarem dos recursos naturais para a produção de seus remédios, apontam para a necessidade de preservação de tais recursos naturais, indicando como fatores determinantes para a manutenção da saúde humana as condições climáticas, a qualidade da água e do ar, a recreação, os recursos medicinais e alimentícios.

A preparação dos remédios é repassada às gerações futuras pela experiência relatada. No Distrito Federal, feiras, pontos de venda e comércio de rua são também espaços de encontro onde as receitas de cura para quase todos os males são encontradas através da indicação dos raizeiros e raizeiras

¹ Utilizamos no título o termo “raizeiro”, mas o conhecimento tradicional é, na grande maioria, exercido por mulheres. Mesmo os homens que são raizeiros aprenderam com mulheres as receitas e usos de cada erva ou como chamamos os “remédios do mato”. A identidade feminina está presente em outros ofícios tradicionais como a parteira, a mateira e a benzedeira.

que entre outros produtos, oferece a casca, a folha, a semente, ou o preparado que a família já consome e recomenda desde o tempo da migração do seu estado de origem para a Capital Federal.

O atual cenário econômico do Distrito Federal é de crescente desemprego/ou subemprego agravado pela pandemia da Covid 19 em em 2020. Com o aumento da atividade informal, algumas famílias de raizeiros e raizeiras que fizeram a opção de dar continuidade ao comércio de venda das ervas por ausência de outra oportunidade de trabalho.

O Distrito Federal recebeu migrações de todos os estados brasileiros. Os migrantes, ao se estabelecerem no Planalto Central, trouxeram consigo seus hábitos e cultura. Com a migração intensa, principalmente para a construção da nova capital, a comercialização dos produtos do estado de origem teve início nas feiras e no comércio de rua. Nestes espaços se estabeleceram o comércio de farinha, temperos, utensílios domésticos rústicos e ervas com propriedades medicinais.

Em Brasília, os problemas sociais se avolumam, como serviços públicos insuficientes e precários, que não atendem a população nas suas necessidades básicas de saúde, educação, transporte e lazer (PELUSO; CANDIDO, 2012).

Neste contexto, a medicina popular passa a ser uma opção ao modelo convencional de tratamento e cura das doenças. É preciso considerar também que o ofício tradicional está diretamente ligado ao processo migratório do século passado, com o desenvolvimento do interior do país e a construção da nova Capital. Entendemos o termo “raizeiro” ou “raizeira” como o detentor do conhecimento tradicional de através da medicina ancestralmente construída e partilhada.

Justifica-se, portanto esta pesquisa ao se considerar que os saberes ancestrais sobre as propriedades terapêuticas das plantas medicinais, tem tido grande procura não só pelo baixo custo no tratamento, mas pela tradição.

Os produtos da medicina natural são comercializados em todo o território do Distrito Federal. Ícones importantes na construção da identidade e da cultura brasiliense, estes ervateiros estão presentes em todas as regiões administrativas e atendem a população de todas classes sociais.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar e mapear os raizeiros e as raizeiras do Distrito Federal, analisando suas relações na dinâmica urbana e seu conhecimento tradicional construído e compartilhado em seus espaços de cura, discutindo como as subjetividades contemporâneas ameaçam a perpetuação de seus saberes agora ressignificados.

Para atingi-lo, propõem-se os seguintes objetivos específicos:

a) Correlacionar as categorias da ciência geográfica (espaço, território, lugar e redes) com a organização espacial presente nos múltiplos espaços que comercializam produtos naturais em pequena, média e larga escala (distribuição).

b) Analisar a espacialidade onde ocorre a partilha de saberes e o comércio de produtos naturais definindo a localização geográfica, os sujeitos da pesquisa, ponto de venda, seus saberes e fazeres partilhados.

c) Verificar como se dá a transmissão do conhecimento tradicional no cotidiano da comercialização das ervas pelos raizeiros e como estes sujeitos percebem seu ofício.

d) Conhecer a geografia dos espaços de cura e a utilização das plantas medicinais do Cerrado.

e) Depreender através dos relatos dos raizeiros como se dá o cotidiano do ofício tradicional integrando as subjetividades dos contextos urbanos e contemporâneos.

Para atender ao objetivo geral, levantou-se como hipótese que a ressignificação do ofício de tradicional se deu através do crescimento e estrutura das redes de comercialização que hoje abastecem com produtos de origem de todo o território nacional os erveiros do Distrito Federal, mantendo o conhecimento tradicional, em outras possibilidades de partilha de saberes.

A pesquisa científica não consegue apreender a realidade em sua totalidade (DEMO, 2009), no entanto, esta investigação recorrerá ao máximo possível de informações que possam subsidiar a construção de uma Geografia do espaço vivido, que subsidie a pesquisa com as raizeiras do Distrito Federal, seu conhecimento tradicional, e seus contextos de vida e trabalho, incluindo fontes audiovisuais como reportagens da televisão local e vídeos no *youtube*.

Toda pesquisa científica precisa contribuir, devolver à sociedade o produto deste levantamento e assim, ao término de sua realização, este estudo

auxiliará na divulgação dos espaços de comercialização de produtos naturais destes sujeitos que tem na nossa sociedade um importante papel na difusão do conhecimento tradicional.

Para tanto a presente tese está dividida em cinco capítulos, sendo que o primeiro capítulo, intitulado “Espaço, território, lugar e redes: as categorias de análise na compreensão da dinâmica migratória dos raizeiros do Distrito Federal” trás a contribuição da teorização das categorias de análise geográfica para a compreensão da dinâmica migratória do sujeito raizeiro estabelecido no Distrito Federal.

A pesquisa qualitativa presente no segundo capítulo, intitulado “Caminhos da pesquisa” tem por objetivo auxiliar na análise documental, na compreensão das entrevistas realizadas descrevendo o lócus da pesquisa e na coleta dos relatos descritos no capítulo 05, utilizando a pesquisa de campo e ferramentas tecnológicas na obtenção e tabulação dos dados.

Intitulado “Geografia dos espaços de cura: comercialização de produtos naturais do Distrito Federal, o terceiro capítulo da presente tese descreve onde estão as feiras, mercados, comércios de rua que são apresentados como o espaço de trabalho dos raizeiros.

O quarto capítulo, cujo título é “Conhecimento Tradicional, geografizando entrelugares, memórias, saberes e fazeres no Distrito Federal”, traz a importância dos saberes tradicionais presentes no ofício das raizeiras do Distrito Federal.

O quinto capítulo que se intitula “A medicina natural presente no ofício de raizeiros e raizeiras:”, que trata das entrevistas e os relatos que contam a trajetória dos erveiros na capital do Brasil e demonstram a preocupação comum com continuidade de seu trabalho e o repassar de seus conhecimentos, a ressignificação do ofício.

Nas considerações finais apresentamos que a ressignificação do ofício tradicional dos ervateiros ocorre através do ingresso na modernidade que se processa de várias maneiras: da rede de produção, comercialização e divulgação dos produtos naturais, produtos industrializados e não mais *in natura*, a partir da rede de comércio utilizando tecnologia (mídias sociais) e da nova configuração de ponto de venda, a franquia de produtos naturais reflexo da modernização do consumo e da medicina natural hoje muito procurada.

1 - ESPAÇO, TERRITÓRIO, LUGAR E REDES: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA NA COMPREENSÃO DA DINÂMICA DO OFÍCIO TRADICIONAL DO RAIZEIRO NO DISTRITO FEDERAL

A Geografia compreende um mundo inteiro e tudo que nele existe, o que interage e o que interfere, o que cria e o que o transforma (Feitosa, 2022)

Espaço, território, lugar e redes como categorias de análise espacial, subsidiam o debate da importância do conhecimento tradicional presente no ofício dos raizeiros que vivem no Distrito Federal. Estas categorias geográficas são importantes para compreender as relações entre a sociedade e o espaço, a partir do estabelecimento de comércios de ervas, plantas medicinais, temperos e produtos naturais presentes no Distrito Federal.

O objetivo deste capítulo é correlacionar às categorias da ciência geográfica (espaço, território, lugar e redes) com a organização espacial presente nos múltiplos espaços que comercializam produtos naturais em pequena, média e larga escala.

1.1. Espaço, categoria que delimita as mudanças na sociedade.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 2009 p. 39).

Era um pueirão sem tamanho, naquela época eu tinha a barraca na feira de Ceilândia, mas pensei 'esta tal de Taguatinga vai ficar uma cidade muito boa', vou colocar a banca no asfalto. Seu Damião, Rei das Ervas, 2018.

O espaço impõe sua própria realidade. No estudo do espaço, é fundamental aprender sua relação com a sociedade, pois é através dessa relação que se poderão compreender os efeitos dos processos – tempo e mudança, além de especificar as noções de forma, função, estrutura e

processo, elementos fundamentais para a compreensão da produção do espaço (SANTOS, 2009).

Para tanto, compreender o espaço como *lócus* da mudança e desenvolvimento das cidades, onde o agente humano é o transformador da paisagem, é fundamental para identificar o espaço das feiras e comércios de rua que ofertam produtos naturais ancestralmente utilizados, que remetem ao estado de origem dos migrantes que vivem no Distrito Federal, seu lugar de trabalho, vida e memória.

Logo no início da construção da capital se estabeleceram a feira de Artesanato da Torre de Televisão e outros espaços de comércio popular nas Regiões Administrativas (Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Guará, Planaltina, Ceilândia), fornecendo serviços, produtos e lazer a essa nova e crescente população que se instalava no DF (PAVIANI, 2003).

A forma como o migrante entende e percebe o mundo mostra-se diverso conforme o tempo e o espaço. A percepção faz parte do processo de organização e produção do espaço que, a depender da cultura e dos atores sociais que interagem e praticam ações na cidade, permite a contínua interação e transformação do ambiente, da esfera pública e da comunidade. A sociedade, assim, é constituída e realizada por meio da produção e da reprodução do espaço (SANTOS, 2008).

Em Brasília, uma grande quantidade de migrantes que chegaram na Nova Capital, e continuaram morando no Distrito Federal, permaneceram à procura de qualidade de vida, trabalho e moradia. Muitas dessas pessoas encontraram nas feiras uma oportunidade de trabalho e renda, um espaço para estabelecer uma nova vida, a exemplo da Feira do Núcleo Bandeirante (FIGURA 01), uma das primeiras áreas onde produtos de outros estados foram comercializados

Figura 1: Banca da Telma Suely – Raizeira do Núcleo Bandeirante



Fonte: FEITOSA, (2020).

Os contrastes que emanam da observação da paisagem se fundamentam no fato de que o espaço é produzido pelo trabalho social geral da sociedade como um todo e apropriado individualmente, criando uma contradição entre a produção e seu consumo (CARLOS, 2008).

O espaço como objeto de análise geográfica é concebido não como aquele da experiência empírica, não como um objeto em si mesmo a ser descrito pormenorizadamente, mas sim como uma abstração, uma construção teórica, uma categoria de análise que permite apreender a dimensão da espacialidade das coisas do mundo (CAVALCANTI, 2008).

Para a autora,

O espaço geográfico é concebido e construído intelectualmente como um produto social e histórico, que se constitui em ferramenta que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação, reafirmando o conteúdo material e simbólico na totalidade do espaço, tornando-o mais aberto em suas determinações e mais imprevisível em suas configurações (CAVALCANTI, 2008 p. 18).

O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. A autora reitera ainda que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação (CAVALCANTI, 2008).

Para Haesbaert (2004), o espaço é testemunha de todas as mudanças, pois estão nele os signos da permanência e da mudança em sua diversidade de sentidos e em todos os lugares do planeta. Tuan (1983, p. 20) acrescenta que “lugares e objetos definem o espaço”. Assim, ele também é resultado da experiência empírica. Os mercados tradicionais que também passaram a apostar nos alimentos orgânicos são exemplos de como o espaço demonstra as modificações que a sociedade vem sofrendo (FIGURA 02).

Figura 2 –Ervanário Cheira da Terra – Feira do Núcleo Bandeirante



Fonte: FEITOSA (2020)

Neste sentido os espaços de comércio sazonal também contribuem para a ressignificação tanto da comercialização como de novas possibilidades de atender a um público que busca por produtos diferenciados e experiências

gastronômicas significativas, a exemplo do projeto Mercadinho de Brasília que ocupa a área externa do Brasília Shopping a cada 15 dias, sempre aos sábados, com distribuição de mudas de ervas de temperos e produtos da economia criativa (FIGURA 03).

Figura 3: Projeto Mercadinho de Brasília



Fonte: FEITOSA (2020)

Para Santos,

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõem sua própria realidade, por isso a sociedade não pode operar fora dele. Conseqüentemente, para estudar o espaço, cumpre aprender na sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção do espaço (SANTOS, 2012 p. 67).

Os raizeiros, migrantes estabelecidos no Distrito Federal, construíram seus espaços de cura e memória através do comércio em feiras e comércio de rua, onde o conhecimento tradicional é difundido e repassado às gerações que encontram no ofício do raizeiro uma oportunidade de trabalho e renda.

Os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças, os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações. A cidade, o bairro, a rua e a casa existem a partir de nossas experiências vividas. O universo, o planeta Terra, alcançam simbolicamente a condição de lugares, ampliando a consciência ambiental, pois “a Terra é o nosso lar” (TUAN, 1998, p.7).

Figura 4 – Mercado do Núcleo Bandeirante²



Fonte: FEITOSA (2020)

Os espaços de memória, onde as construções sociais do início da Capital se encontram, permitem recontar um período importante da história de Brasília. O Mercado do Núcleo Bandeirante (FIGURA 04), por exemplo, como espaço de convívio e memória do migrante que construiu a Capital do país e trouxe consigo sua identidade e cultura, forma assim um território vivido ou um campo de forças.

²O Mercadão conta com 177 boxes que incluem desde restaurantes de comida típica do Nordeste até loterias, loja de eletrônicos, açougue e vestuário. O local é o ponto comercial mais antigo do Distrito Federal e está nas raízes da construção do Núcleo Bandeirante. O mercado foi, inclusive, um espaço/território de compra dos pioneiros que ergueram e escreveram a história do DF.

O espaço ocupado com o comércio de ervas, plantas, chás, pomadas e unguentos também compõem o mundo vivido da população do Distrito Federal, assim como o comércio de rua e as lojas de produtos naturais nos Shopping Centers, visto que:

O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, situações que se apresentam na atualidade. O espaço é o resultado da geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, e não dos efeitos de uma variável isolada (SANTOS, 1985, p. 36).

Rede e tessitura das relações sociais construídas comunitariamente, o espaço agrega características próprias do território, a exemplo da feira da Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal, local representativo da identidade e cultura nordestinas, presente na gastronomia e produtos que remetem à região de origem da maioria dos moradores, elementos da memória afetiva dos frequentadores, território mais nordestino e cultural do Distrito Federal.

1.2 Território, territorialização e poder.

O território é revelador de diferenças, as vezes agudas, de condições de vida da população (SANTOS ; SILVEIRA, 2008).

Um pedaço de chão, a terra e um prato de comida é dignidade.
Eu demorei muito pra aprender a não ter vergonha de lutar pela terra.
Sou erveira porque eu vim da terra Dona Josefa Ataídes (2020).

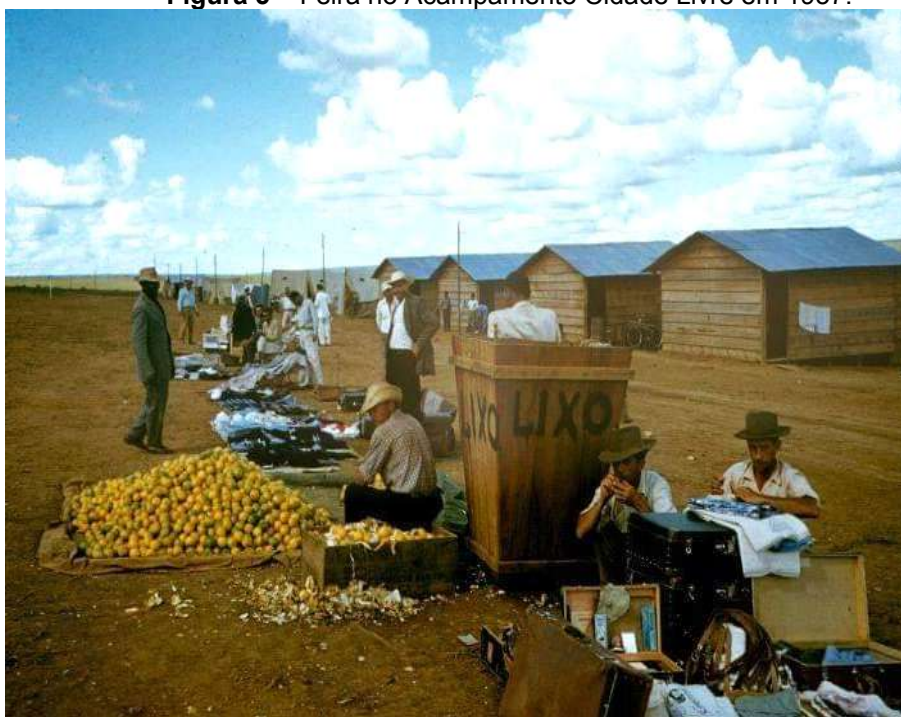
O território possui inúmeros significados, símbolos e imagens que constituem um seguimento de espaço que resulta na apropriação e controle por parte de um agente social, instituição, empresa ou grupo humano organizado além de agregar uma importante contribuição para os estudos da ciência geográfica. Seja como conceito ou categoria, este orienta as abordagens e discussões de diversos grupos humanos em suas espacialidades e relação de pertencimento.

O território é, portanto, um importante instrumento da existência e da reprodução do agente social que o criou e o controla. Os espaços ocupados na comunidade: a feira, o comércio de rua, o mercado, o *Shopping Centers* são

espaços de apropriação social. Para Raffestin (1993) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço, é uma produção, a partir do espaço.

O caráter político do território se apresenta como elemento essencial desta tese: o território da feira é um território de resistência e luta expresso no cotidiano de quem nele trabalha, mesmo com a diminuição do fluxo de consumidores que agora procuram os shoppings centers. Permanecer no território implica em uma organização social de construção coletiva, onde a economia do lugar está diretamente ligada à tradição e cultura presentes nos produtos comercializados que remetem a identidade e memória do brasiliense que em grande maioria tem origem em outros estados (FIGURA 05).

Figura 5 – Feira no Acampamento Cidade Livre em 1957.



Fonte:

Grupo Memória de Brasília, 1957³

Associada ao território, tem-se a expressão “territorialidade” que, para Andrade:

³O grupo memória de Brasília utiliza as mídias sociais para divulgar a memória da capital, seja pelo facebook ou instagran as fotos do início do Distrito Federal são compartilhadas pelos membros.

Pode vir a ser encarada tanto como o que se encontra no território, estando sujeito à sua gestão, como, ao mesmo tempo, o processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar-se em um Estado [...] A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas. (ANDRADE, 1995, p. 20).

Já territorialização é a forma de como se materializa o território, bem como a manifestação das pessoas, a especialização de qualquer segmento da sociedade como, por exemplo, a produção econômica de um determinado produto. O território é marcado pelas trocas simbólicas, feiras e comércio que representam a sociedade, como no início da comercialização no Distrito Federal.

A exemplo de Raffestin, a ideia de poder é uma constante na análise do território feita por Andrade:

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas. (ANDRADE, 1995, p. 19)

É no território que as desigualdades sociais se tornam evidentes entre os cidadãos, as condições de vida entre moradores de uma mesma cidade mostram-se diferenciadas, a presença/ausência dos serviços públicos se faz sentir e a qualidade destes mesmos serviços apresentam-se desiguais (KOGA, 2003).

Para Haesbaert (2020), território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados.

Ou seja, assinalando “biossocial” para se compreender territorialidade como resultante de relações estabelecidas pelos fatores microscópicos espaciais referidos — tessitura, nós, redes; escrevendo “interação” para acentuar que territorialidade deve ser considerada como resultante de permanente luta de poderes relacionais, logo, sujeita à mobilidade, ou

deslocamentos, em função de ações e posições estratégicas de variados atores. Em Raffestin, pois, a territorialidade se distanciou de sua “relação com o território” deixando de ser, então, deduzida de espaço territorial que se dá como conquista oriunda, por exemplo, da propriedade privada ou da determinação de Estado.

A territorialidade proposta por Sack (1986) é definida como uma estratégia de controle vinculada ao contexto social que se insere. É uma estratégia de poder e manutenção independentes do tamanho da área a ser dominada ou do caráter quantitativo do agente dominador. Nesse contexto a territorialidade deve ser reconhecida como uma ação e uma estratégia de controle. Na (FIGURA 06) ocupação de ambulantes na parte superior da Rodoviária do Plano Piloto, historicamente local de comércio de ambulantes.

Figura 6 – Plataforma superior Rodoviária do Plano Piloto em 1980



Fonte:Grupo Memória de Brasília, 1980.

Para Koga (2003) a apropriação do território diz respeito ao aspecto interventivo realizado pelos homens, criando e recriando significados em torno dessa apropriação cotidiana. Nesse sentido, utiliza-se também o termo

“territorialidade” como uma maneira singular de se apropriar, fazer uso da terra, do território.

Dessa forma, o território diz respeito não somente aos aspectos objetivos da realidade vivida pelas populações, mas envolve igualmente sua dimensão subjetiva, que aparece de forma também concreta através das manifestações de sofrimentos, desejos, expectativas etc (KOGA, 2003).

Território não é constituído apenas pelo espaço sob ação direta de um grupo, o território é a área onde ações, relações e acessos são controlados por um indivíduo, ou grupo, que restringe território ao espaço de ações diretas dos indivíduos, excluindo lugares pouco ou não vivenciados da possibilidade de comporem, mesmo em um plano simbólico, o território de um grupo (HOLZER, 1997).

Para Nogueira (2017) o território, como forma de apropriação social do espaço, é corriqueiramente definido pelo pertencimento: a terra que pertence a alguém, seja através da propriedade, ocupação, uso ou pelo simples enraizamento simbólico. Dessa acepção geral, deriva o enquadramento de caráter jurídico-político, com fundamento na ideologia do Estado.

Dessa forma, a relação entre território e seus sujeitos permite uma visão da própria dinâmica do cotidiano vivido pelas pessoas, por moradores, comerciantes, em suma, quem vive no lugar. Portanto, a percepção dos raizeiros sobre seus espaços de consumo, seu cotidiano de atendimento às pessoas e a partilha de seus saberes e fazeres. O conhecimento tradicional e os espaços de comercialização das “ervas” constituem o território de cura para quem busca a medicina natural ancestralmente construída. Para quem comercializa é território do trabalho, manutenção e sustento e para o cotidiano que de quem visita é o território do lazer, do encontro e das trocas simbólicas.

O território também apresenta o chão do exercício da cidadania, pois cidadania significa vida ativa no território, onde se concretizam as relações sociais, as relações de vizinhança e a solidariedade. Nesse sentido, o Estado é o agente transformador das cidades, do uso e da ocupação do solo e dos espaços públicos.

As relações de poder que se estabelecem no território remontam as mais antigas civilizações, nas quais a dimensão espacial já era reconhecida

como instrumento de manutenção, conquista e exercício de poder (ROSENTHAL, 2013).

O governo passa a ser o responsável em administrar o território no uso e na ocupação das cidades, fornecendo infraestrutura, normas e regulamentos para sua utilização (HARVEY, 2014). Cabe refletir na contribuição do geógrafo Milton Santos sobre o conceito de território a partir de quem nele vive:

(...) o território para mim não é um conceito, Ele só se torna um conceito utilizável para análise social quando o consideramos a partir de seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam” (SANTOS, 2000, p. 22).

Dessa forma, a relação entre território e seus sujeitos permite uma visão própria e dinâmica do cotidiano vivido pelas pessoas, por moradores, comerciantes. Portanto, a percepção dos raizeiros (as) sobre seus espaços de consumo, seu cotidiano de atendimento às pessoas e a partilha de seus saberes constituem o território de cura para quem busca a medicina natural ancestralmente construída.

O conceito de território surge na tradicional Geografia Política como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado, ocupado por um grupo social; a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidades (SOUZA, 2003).

O território é, fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por relações de poder e a partir delas. Grande expoente da teorização e construção do conceito de Território como referencial político é Friedrich Ratzel, através de sua obra *PoliticheGeographie*:

O Estado não é, para nós, um organismo meramente porque ele representa uma união do povo vivo com o solo imóvel, mas porque essa união se consolida tão intensamente através de interação que ambos se tornam um só e não podem mais ser pensados separadamente sem que a vida venha se evadir (RATZEL, 1990, p. 4).

O território pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas desde aquela de uma paisagem como o espaço cotidiano, “vivido”, que simboliza uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e, em tese, mais abstrato, como o de Estado- nação (HAESBAERT, 2013).

Convivem novas e antigas formas de identificação no território e com elas, a apropriação do território pelo homem, ou seu uso, está presente em diferentes análises, apontando para o seu aspecto dinâmico e sua contribuição nacional intrínseca entre homem e espaço. Milton Santos tem enfatizado a categoria “território usado” como concretização dessa relação dinâmica (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

O território só existe quando usado, praticado. Ele é a expressão histórica do espaço geográfico por nós entendido como instância social “uma indissociabilidade entre sistema de objetos e sistema de ações”. (Souza, 2019 p. 7). Ou ainda entre objetos e ações entendida como expressões e resultados das relações sociais, temperos, remédios, pimentas e estimulantes comercializados na mesma banca. Produtos naturais, fitoterápicos, temperos e ervas dispostos juntos na banca de Telma Suely, modelo de comercialização dos raizeiros do DF (FIGURA 7).

Figura 7 – Ervanário Cheiro da Terra – Núcleo Bandeirante



Fonte: FEITOSA (2020)

Do ponto de vista das cidades, as manifestações por novas demandas sociais se apresentam em função das próprias características do período

histórico em que vivemos onde a diversidade, a complexidade e a totalidade tornam-se passíveis de visão empírica (SOUZA, 2019)

O espaço geográfico é uma instancia social, tanto quanto a economia, a cultura e a política, isto é, algo que se impõe a tudo e a todos e, que o território usado seja sua expressão histórica. Então, aquele – o espaço geográfico - é uma instância, um conceito abstrato constituinte central do método geográfico e seu objeto e, este – o território usado – sua historicização específica, em função das dinâmicas das formações socioespaciais, ou seja, as particularidades que o modo de produção vigente – o capitalista – assume diante dos processos particulares, resultantes das relações sociais de cada formação territorial pela dinâmica da divisão internacional do trabalho.

Assim, o uso do território se constitui em uma categoria social de análise. Seu estudo nos permite verificar a forma como a sociedade produz e se organiza pelo uso do território, seus objetos geográficos, hoje cada vez mais tecnificados, a partir das ações realizadas por sujeitos, em função de seus interesses

No íntimo das pessoas, transitivos ou duradouros, os lugares da atualidade ou do passado podem variar de acordo com os valores, a quebra de preconceitos, a formação de conceitos e a aceitação de novas normas. As Feiras e o comércio de rua no Distrito Federal são o lugar de afeto, pois remete a produtos cuja origem é o estado onde o migrante nasceu.

1.3 O ESTUDO DO LUGAR NA GEOGRAFIA

O lugar é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem (Buttimer, 2015)

Tudo que eu vendo aqui vem lá do meu Piauí, estas ervas aqui vem de ônibus porque eu confio. Foi aqui nessa banquinha que eu criei meus filhos, formei todos eles fez faculdade, as netas estudaram, eu já aposentei, comprei casa, e vivo bem graças a Deus, tudo veio daqui!
Seu Melzinho

A ação antrópica no espaço, que provoca as transformações irreversíveis na paisagem e o distanciamento do natural, trazem uma nova realidade para os estudos da ciência geográfica: a análise do espaço como mundo vivido, a análise do lugar.

São as relações que se operam no campo do local, e, mais especificamente, no convívio cotidiano que os vínculos se estabelecem e as significações do lugar são atribuídas ao ambiente em construção. Neste contexto, o lugar representa a singularidade construída e reconstruída pelas ações transformadoras do homem na busca contínua pela melhoria do ambiente em prol da naturalidade da perpetuação do humano. Muito conhecida e procurada no centro da capital do país o comércio de flores do Cerrado (FIGURA 8).

Figura 8 – Flores do Cerrado



Fonte: FEITOSA (2020)

"Lugar", conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido

a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como paisagem, espaço, e território (HOLZER, 2003)

O conceito de lugar na ciência geográfica por muito tempo teve sua abordagem equivalente a local. O avanço teórico ocorreu a partir das discussões trazendo “lugar” para uma centralidade dentro da teoria da geografia, antes ocupada com conceitos como território, paisagem e região.

Importante conceito nos estudos geográficos, “lugar” está diretamente ligado ao pertencer, à identidade e ao afeto do indivíduo com o meio. Por esta alusão a um caráter emocional é que o conceito de lugar, por vezes, foi negligenciado nas correntes geográficas mais duras em seus discursos e métodos – o seu termo corresponde sem o extrato subjetivo que é o local, acabava por predominar em detrimento de sua neutralidade no uso discursivo (ARAÚJO, 2013)

A polissemia presente no conceito de lugar remete à amplitude e complexidade da expressão. Para a ciência geográfica, “lugar” remete a abordagem empregada na utilização do termo, bem como da corrente de pensamento relacionada com a teoria. Para a história do pensamento geográfico, o conceito de lugar se evidenciou através de vários debates, e a cada nova intervenção ganhou novas interpretações e novas definições. Para Oliveira Jr, por exemplo,

Em toda tentativa de definir o que vem a ser cada uma dessas expressões – lugar geográfico e local narrativo-. Elas fogem sob o peso de uma explicação que limita. Sabem disso os geógrafos em muitas tentativas de definir a palavra lugar. É possível em seguir os traços da história dessa palavra tornada conceito e do conceito de lugar nas muitas correntes e obras da geografia acadêmica e da geografia escolar, bem como nas múltiplas interfaces entre esses dois campos do saber geográfico que, de certa maneira, são distintos na produção de seus conhecimentos (OLIVEIRA JR., 2014, p. 119).

Ou seja, o raizeiro hoje que comercializa seus produtos no Distrito Federal, a cada dia se distancia do erveiro que plantava, colhia, selecionava e oferecia seus remédios. Além de ervas, temperos, unguentos e cosméticos são oferecidos juntamente farinha, fitoterápicos em cápsulas atendendo a dinâmica do capital, em que a franquia de produtos naturais oferece a cura para quase tudo que a indústria produz.

A comercialização de ervas naturais, hoje não se dá apenas em feiras e comércio de rua. Franquias de produtos naturais integram os shoppings centers e o comércio em geral. A internet através de *Ecommerce* também disponibiliza inúmeros produtos fitoterápicos e de propriedades curativas importantes.

Para o migrante o Mercado do Núcleo Bandeirante representa o lugar de afeto, onde a culinária nordestina é reverenciada e os itens de casa podem ser adquiridos (FIGURA 09).

Figura 9: Loja do Mercado do Núcleo Bandeirante, primeiro lugar de comércio e encontro no Distrito Federal.



Fonte: FEITOSA (2020)

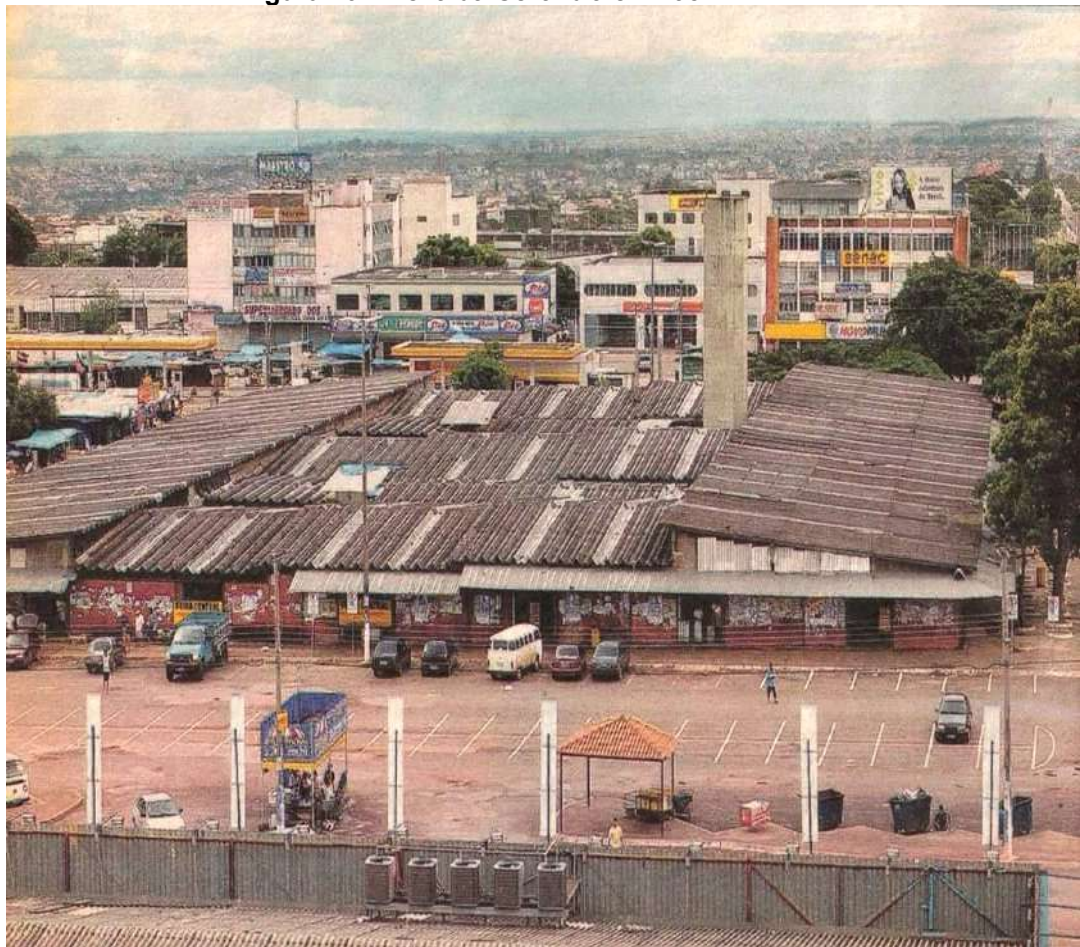
Pensar o lugar é compreender que existe um elo efetivo entre o homem e o meio em que vive, dando origem aos lugares através de várias formas de manifestação, considerando a localização, seja o lar, o país onde nasceu ou

ainda uma porção particular do espaço geográfico que constrói uma relação de afeto e pertencimento. É um conceito complexo e para Oliveira Jr,

Lugar é ao mesmo tempo conceito e palavra. Como conceito circula em várias comunidades e pensamentos científicos acadêmicos e escolares. Como palavra se lança na sociedade participando de pensamentos e ações múltiplas e multifacetadas, tornando o conceito insuficiente ao mesmo tempo que faz do usuário desse conceito seres perplexos diante da necessidade de desdobramento do conceito para que este alcance as extremidades da vida que a palavra diz a ele, conceito, busca abarcar e explicar (OLIVEIRA JR., 2014, p. 120).

Neste sentido compreender as mudanças que o lugar também sofre ao longo do tempo e como a sociedade enxerga estas transformações é importante pois os ofícios tradicionais também mudaram, o local de venda e comercialização modificou-se, (FIGURA 10)

Figura 10 – Feira da Ceilândia em 1957



Fonte: Grupo Memória de Brasília (1957)

Representante da geografia humanista, Tuan (1983) reitera que a Geografia é a ciência que estuda a Terra como lar das pessoas, o lugar e seus múltiplos significados e afeições, positivas e negativas que conectam o homem ao espaço geográfico.

É no lugar que as múltiplas experiências ocorrem no espaço de modo particular, como um fenômeno da experiência humana. Neste sentido a Feira Central e Permanente de Ceilândia se constitui lugar de afeto para quem nela trabalha ou frequenta, pois remete à identidade e cultura de muitos migrantes nordestinos e suas gerações (FIGURA 11).

Figura 11: Feira Central e Permanente da Ceilândia/DF.



Fonte: FEITOSA (2020)

Para Tuan (1983), os lugares são reflexos e condição para reprodução das relações sociais, políticas, culturais e econômicas nas mais diversas escalas de análises. Nossos mundos são realmente segmentados, plenos de continuidade e descontinuidades, de espaços e lugares forjados

existencialmente no curso de horas, dias, por conta da feiura ou beleza, do inesperado, do descortinar de pontos paradisíacos ou em decorrência de acontecimentos desoladores ou de agradabilidade (MELLO, 2011).

Em sua obra “Espaço e Lugar”, Tuan preocupou-se com a perspectiva da experiência e com as várias escalas que o lugar pode ter: o lar, a vizinhança, a cidade, a região e o estado-nação. Os temas abordados eram do corpo e dos valores espaciais, do espaço mítico, da relação entre tempo e lugar, do espaço humanizado, da importância da experiência e das relações intersubjetivas na constituição dos lugares (TUAN, 1983).

O autor reitera que o espaço e o lugar definem a natureza da geografia. Sob a perspectiva humanista eles deviam ser estudados a partir dos sentimentos e das ideias de um povo na corrente da experiência. A importância do “lugar” para a geografia cultural e humanista é apresentada como um único e complexo conjunto, enraizado no passado e projetado para o futuro, como símbolo, o lugar requer entendimento humanista (TUAN, 1974).

Ribeiro (1995), a partir da construção teórica de Tuan, argumenta que “talvez possa ser dito que os lugares de pertencimento necessitam ser refeitos e expandidos diante do extraordinário nível atingido nas culturas contemporâneas.”

Em várias oportunidades TUAN (1975, por exemplo) alertou para o fato de que a experiência constitui os lugares em diversas escalas. Atualmente ela formaria um contínuo que inclui: o lar, como provedor primário de significados; a cidade, como centro de significados por excelência; os bairros e as regiões; o Estado-Nação.

A estabilidade nos leva a relacionar tempo e lugar. Em diversas passagens, TUAN (1978a; 1983) afirma que o lugar é pausa no movimento. Isso não quer dizer, no entanto, que o lugar esteja além da história ou seja atemporal, significa sim, que o lugar denota a relação inseparável entre espaço e tempo: a pausa, ao permitir a localização, transforma-se em um lugar estruturador do espaço, o que implica no estabelecimento de uma "distância", sendo este um conceito, ao mesmo tempo, temporal e espacial. A espacialidade original e a mobilidade humana delineiam as direções.

Já o espaço vivido contém o espaço sagrado e o espaço geográfico. Ambos são "centros de significado, ou focos de intenção e de propósito". O

segundo se trata do espaço significativo de uma cultura particular que é humanizado pela nomeação dos lugares, por suas qualidades para o homem, e por refazê-lo para que sirva melhor às necessidades da humanidade (RELPH (1976 p. 16).

O sentido do lugar também seria demonstrado, quando as pessoas aplicam seu discernimento moral e estético aos sítios e localizações" (TUAN, 1979 p. 41). Mas, para que se constituam efetivamente em lugares é necessário um longo tempo de residência e um profundo envolvimento emocional.

Existiriam diversos tipos de identidades do lugar, como foram descritos por RELPH (1976). Todas estas identidades possuindo como característica comum à de que: "[...] não podem ser entendidas simplesmente em termos de padrões físicos e de traços observáveis, nem só como produtos de atitudes, mas como uma condição indissociável destes." (RELPH, 197 p. 59).

Ao ser retirado o convívio social, o homem se sente perdido, "exilado, deslocado, desorientado. Ao retornar ao seu lugar para muitos o significado é o retorno a vida. (Nogueira, 2004). A partir das questões do dia a dia, percebemos a real importância da categoria "lugar". Nos identificamos e criamos diversos traços e comportamentos ambientais. O lugar para os homens representa um elemento tão importante na vida de todos. Exemplificando com o instrumento de punição a quem descumpra a lei nas sociedades modernas, a prisão ou encarceramento é a separação completa do indivíduo do seu lugar.

1.4 REDES, a interligação dos produtos tradicionais que abastecem o Distrito Federal

"De onde vem os meus produtos?
Vem de todo lugar!
E vai pra todo lugar também!
Vem até do estrangeiro.
Só que aqui em Brasília qualquer erva que você precisar quem tem pra vender sou eu".
Seu Damião – Rei das Ervas

De onde vem os produtos que consumimos no Distrito Federal? Ervas, temperos, queijos, rapadura, farinhas, feijão, frutas, verduras, legumes, carnes e tudo que é vendido em feiras, atacarejos, mercados e pontos de venda das regiões administrativas?

O presente tópico discorre sobre o circuito de abastecimento das ervas medicinais e produtos naturais, caracterizando as consequências do surgimento e consolidação do sistema moderno de varejo, representado pelos supermercados, na retração e estrangulamento dos equipamentos tradicionais como as feiras, na piora do acesso a alimentos e na modificação dos hábitos alimentares, que refletem uma má nutrição alimentar e perda de autonomia dos consumidores com impacto direto na saúde da população.

O Distrito Federal cuja implantação este ligada às necessidades de integração do território nacional, tem ocorrido uma expansão urbana cada vez mais dispersa, na qual tem surgido novas concentrações de emprego e de serviços, especialmente nos municípios do entorno (FIGURA 12).

Figura 12 – Feira do produtor de Ceilândia



Fonte: Correio Brasiliense (2020)

Muitas das ervas medicinais consumidas pela população local em pequenas bancas nas ruas e feiras do Distrito Federal são comercializadas no atacado na Feira do Produtor de Ceilândia. Esta distribuição permite que raizeiros comercializem seus produtos e associem temperos e outros produtos industrializados em seus espaços de cura.

Em Brasília, cidade implantada para ser a Capital do país, o processo indica um histórico de grande concentração das atividades do terciário no centro principal, o Plano Piloto. À medida que a cidade ia se expandindo, a partir de ações claras de segregação socioespacial, foram surgindo novos pontos de consumo, sendo notável o desenvolvimento do comércio e serviços nas então conhecidas cidades satélites na época, Taguatinga e Ceilândia na década de 1990.

Tradicionalmente, a terra e o trabalho não são separados: o trabalho é parte da vida, a terra continua sendo parte da natureza, a vida e a natureza formam um todo articulado. A terra se liga, assim, às organizações de parentesco, vizinhança, profissão e credo – como a tribo e o templo, a aldeia, a guilda e a igreja. Por outro lado, um grande mercado é uma combinação de vida econômica que inclui mercados para os fatores de produção. Uma vez que esses fatores não se distingam dos elementos das instituições humanas, homem e natureza pode-se ver claramente que a economia de mercado envolve uma sociedade cujas instituições estão subordinadas às exigências do mecanismo de mercado (POLANYI, 2012 p. 199).

Borges acentua que,

Nesse contexto de geração de lucros e transferência de capital, desenvolveu-se um complexo sistema de dominação sobre o modelo de produção e de distribuição de alimentos. Esse sistema é baseado em inúmeras contradições, sendo altamente dependente de insumos agrícolas químicos e de subsídios financeiros, com a larga utilização de sementes geneticamente modificadas, tendo uma cadeia de produção concentrada em poucos oligopólios e com a clara prioridade na produção de quatro ou cinco culturas em larga escala para exportação. Assim, o agronegócio também concentra a terra, exclui social e economicamente povos do campo, traz riscos à saúde e ao meio ambiente, e ameaça à segurança e a soberania alimentar de toda a população (BORGES, 2018 p. 38).

Neste sentido, a construção do conceito geográfico de rede pressupõe refletir sobre sua natureza abstrata e claramente definida, que guia pesquisas e funda hipóteses, ou ainda como “um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações. Quase vinte anos depois, a rede geográfica é definida como “o conjunto de localizações humanas articuladas entre si por meio de vias e fluxo” (CORRÊA, 2012, p. 200)

Redes sociais tornam-se geográficas quando consideramos sua espacialidade. Mas essa espacialidade não é condição suficiente para distinguir a rede geográfica de outras redes que se apresentam espacializadas. Durante a pandemia a comercialização das ervas só foi possível com a utilização das mídias sociais para divulgação e a entrega através de delivery.

Corrêa explica ainda que uma rede fluvial, por exemplo, só poderia ser qualificada como geográfica quando convertida em objeto da ação humana. Espacialidade e natureza social constituiriam, assim, o par de propriedades distintivas que nos autorizam a definir uma rede como geográfica. A descrição de sua complexidade estaria baseada em três dimensões básicas e independentes: organizacional, temporal e espacial.

O que nos ajuda a compreender a dimensão do conceito de rede. A ideia de rede não é recente e esteve historicamente vinculada à de organismo e técnica.

Como escreve Dias,

No processo de atualização do conceito de rede geográfica, um dos desafios é reconhecer que seu significado não se restringe apenas a objetos dispostos no espaço na forma de organização em rede, mas que pode ser também um princípio gerador de análise, um modo de investigação, como encontramos na Análise de Redes Sociais e na Teoria Ator-Rede. Um segundo desafio é integrar à análise as noções de multiplicidade e sistema aberto. Existem redes geográficas – múltiplas e heterogêneas – estendendo-se, ligando e entrelaçando através dos espaços com variados graus de instabilidade e abertura: redes geográficas e lugares são constitutivos e estão sempre, em maior ou menor grau, interagindo e se adaptando (DIAS, 2020, p. 5).

As redes não se formam por acaso. São o resultado de diversos atores em lugares e momentos distintos agindo concomitantemente e assim tornam-se sujeitos da história contemporânea. São diversas as possibilidades de implicações diretas da organização das redes responsáveis pelos fluxos de

informação na cidade. Para compreender o que é rede faz-se necessário considerar 4 elementos que se combinam de maneira complexa, a saber: estrutura, escala, atores e fluxos (SPOSITO, 2008).

Em nossa sociedade majoritariamente urbana, os cidadãos não produzem seu próprio alimento, mas os adquirem nos mercados. Assim, a alimentação na cidade depende fortemente dos laços comerciais estabelecidos com a dinâmica produtiva que acontece nos espaços rurais desde o momento da produção dos alimentos por parte dos agricultores e agricultoras, passando pelo transporte e pela distribuição dos produtos, até a comercialização e o consumo em diferentes pontos comerciais, como feiras de rua, quitandas, redes de supermercados, bares, lanchonetes e restaurantes (DIAS E BEZERRA, 2021 p. 92).

Nesse sentido, a política de modernização do abastecimento impulsionou à expansão do setor varejista de larga escala que já vinha sendo implantado de forma tímida no Brasil desde a década de 1950, partindo do pressuposto de que a especialização dos comerciantes e o incentivo às economias de escala poderiam reverter os problemas de comercialização (BORGES, 2018).

Produtos como queijos, leite, manteiga e derivados são produzidos no estado de Goiás e Minas Gerais; carne de porco e de gado vem também destes estados, ervas plantas e temperos são cultivados no Distrito Federal, mas a demanda exige a compra do estado de São Paulo; Frutas e verduras são também produzidas aqui, no DF.

A mundialização do capital e, por consequência, das atividades econômicas se dá com o encadeamento entre o que ocorre em escala global e o que ocorre nos lugares. É preciso compreender a rede levando-se em consideração os diferentes elementos que estão ligados as atividades que as pessoas realizam. (SPOSITO, 2008).

Para tanto, o tema do abastecimento alimentar deve compreender como a agricultura familiar e camponesa se incorpora no regime de produção e consumo, bem como qual a capacidade do consumidor urbano em estabelecer uma nova relação com a agricultura e com o meio rural através desse elo (SCHNEIDER et al., 2016).

A ideia de que existe mais simbolismo nos objetos e nas coisas do que a aparência sugere reconhecer tanto o valor mercantil como o valor cultural de

um bem simbólico (FIGURA 13), isto é, a mercadoria e o símbolo. Assim, inicialmente se dedica atenção à dimensão econômica do conhecimento tradicional ao privilegiar os bens simbólicos, mercados e redes (ROSENDAHL, 2014).

Figura 13 – Banca do seu Melzinho, Asa Sul - DF



Fonte: FEITOSA (2020)

No mundo atual, a centralização/concentração do capital, da riqueza, da produção, de pessoas e do poder gera – e é o resultado de - processos sociais complexos, multidimensionados. Isso forma um verdadeiro caleidoscópio, que envolve a produção, circulação e a distribuição de bens e serviços e instaura uma nova divisão territorial do trabalho, que tem como *lócus* a rede urbana (RIBEIRO, 2013)

As feiras consolidadas ampliam a comercialização do que é produzido no Distrito Federal e entorno, alcançando todas as faixas sociais (FIGURA14). As cidades onde este tipo de comercio não se amplia demonstra como atacarejos e shoppings centers estrangulam a comercialização das feiras embora estas ainda sejam muito procuradas brasilienses de todas as classes sociais e faixas etárias como local de comércio e ponto de encontro e lazer.

Figura 14- Produtos fitoterápicos comercializados na Feira do Bicalho – Taguatinga DF.



Fonte: FEITOSA (2020)

A rede urbana tem ainda a particularidade de ser um objeto social proteiforme e flexível, capaz de se adaptar ao modelo de acumulação que a criou e de condicionar a reprodução deste, nas palavras de (CORRÊA, 1989, p. 48) “a rede urbana constitui-se simultaneamente em um reflexo da divisão territorial do trabalho e numa condição para essa divisão”.

Considerando as relações espaciais como atributo dos valores de uso e troca, pode-se deduzir que a rede urbana viabiliza uma integração espacial. É necessário diferentes processos de trabalho concreto para que o valor se torne trabalho abstrato, dispersos e unidos pelo mercado, como ocorre em cidades que integram determinadas redes urbanas.

2- CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo descrevemos a pesquisa e teorizamos a análise metodológica a partir da ciência geográfica. No que tange a metodologia, iniciamos com entrevistas presencialmente, conversas longas informais, contato direto. Mas, após março de 2020 isso só foi possível através de aplicativos de conversas como WhatsApp e vídeo conferência. Os registros foram retomados presencialmente após a vacinação da população. As pesquisas científicas e acadêmicas como um todo foram impactadas pela pandemia. Surgiu a necessidade de distanciamento social o que também afetou a coleta de dados nesta pesquisa.

O que apresentamos aqui são os passos metodológicos considerando os sujeitos entrevistados e a análise documental com vistas ao encaminhamento dos problemas de pesquisa, que são: onde e como os raizeiros do Distrito Federal comercializam seus produtos, atendem seus clientes e perpetuam seus saberes? Que conhecimentos possuem? Entendemos que a opção para atender ao objetivo desta proposta que é identificar e mapear os raizeiros(as) do Distrito Federal, analisando suas relações na dinâmica urbana e seu conhecimento tradicional construído e compartilhado, constitui-se de uma metodologia qualitativa de pesquisa bibliográfica e de campo composta por fases que visam compreender a relação dialética do ofício do raizeiro dentro do contexto do Distrito Federal, ou seja a ressignificação do ofício tradicional dos raizeiros e raizeiras.

Os aporte de recursos tecnológicos agregados foram necessários uma vez que somente o questionário respondido não alcançava a totalidade do objetivo que era compreender a complexidade dos arranjos sociais que envolvem o ofício dos raizeiros em seu lugar de trabalho: quem é? O que vende? Qual a origem dos produtos que comercializa? Considerando que somente Dona Josefa Ataídes planta as ervas que comercializa em seu quintal produtivo.

A pesquisa demonstrou que o agravamento da crise econômica no país desnudou vários aspectos que afetam diretamente a vida dos raizeiros e os fazem perguntar-se: quem vai dar continuidade ao seu ofício? Como lidar com

esta nova dinâmica de trabalho? Muitos comerciantes optaram inclusive pelo delivery, entrega no domicílio do comprador.

2.1 Passos metodológicos na pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa não é recente, data de mais de um século de existência e “consolidou-se como uma metodologia alternativa para as ciências sociais e humanas, que, em sua fase inicial de estruturação, seguiram o receituário das ciências naturais.” (RAMIREZ e PESSOA, 2013, p. 23). Das ciências sociais e humanas, a pesquisa qualitativa passou a ser incorporada por diversas áreas do conhecimento, como administração de empresas, educação e saúde. E na ciência geográfica tem consolidado uma importância substancial (RAMIRES e PESSOA, 2013, p. 23).

Segundo Ramires e Pessoa (2013), a pesquisa qualitativa tem como identidade o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto e de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas.

Para Souza (2013), a pesquisa qualitativa vem sendo utilizada atualmente como um instrumento teórico metodológico importante em estudos das ciências humanas e sociais e, mais raramente, das ciências da natureza, rompendo o paradigma da “quantificação” como método predominante na apresentação dos resultados da análise.

Dessa forma, o método de análise utiliza procedimentos de entrevista e o conhecimento teórico, e parte da essência para atingir a essência do objeto. Assim, o pesquisador reproduz no plano ideal e no pensamento a essência do objeto investigado, chegando a novos conceitos e abstrações. Após obter as determinações mais simples, é necessário retornar ao objeto, tornando-se assim um procedimento reflexivo, visto que a razão reconstrói o movimento do real para depois seguir o caminho de volta até o objeto de estudo, tornando-se inclusive muito mais rico porque traz consigo novas e múltiplas mediações (PONTES, 1997).

Para Godoy (1995) a pesquisa qualitativa visa obter dados de forma descritiva e não por meio de estatística. Importa como os dados são coletados,

priorizando contato direto do pesquisador com o objeto estudado, valorizando instrumentos como a entrevista, a análise documental e as observações diretas.

A pesquisa social tem sido marcada fortemente por estudos que valorizam o emprego de métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos. Hoje, porém, podemos identificar outra forma de abordagem que se tem afirmado como promissora possibilidade de investigação (Neves, 1996). Trata-se da pesquisa qualitativa, muito utilizada no campo da Antropologia e da Sociologia, que hoje agrega muito nas pesquisas em Geografia por identificar o caráter importante da subjetividade.

A pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais e seu conjunto compreende um arcabouço de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. A pesquisa qualitativa “Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (MAANEN, 1979a, p.520).

Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados e não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade. O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador.

Importante salientar que esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho se desenvolverá, isto é, o território a ser mapeado, seja a feira, o espaço urbano ou a casa da raizeira. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados (MANNING, 1979, p.668).

Em especial, as pesquisas geográficas qualitativas utilizam técnicas e procedimentos oriundos de outras ciências, como alternativa a fim de aprimorar conhecimentos da realidade pesquisada. Tanto a Antropologia, como as

demais ciências sociais, dão o suporte necessário para o pesquisador concernente à coleta de dados qualitativos.

Ao longo dos anos, as pesquisas geográficas qualitativas evoluíram e geraram grande diversidade de trabalhos e estilos de análise, com diferentes considerações quanto aos sujeitos e abordagens em relação ao objeto de estudo.

Não se pode perder de vista que a pesquisa quantitativa procurará ver como se comportará matematicamente uma população enquanto a pesquisa qualitativa buscará interpretar o que as pessoas dizem sobre tal fenômeno e o que fazem ou como lidam com isso (TURATO, 2003).

Para Minayo (2014) as abordagens antropológicas e as pesquisas qualitativas estão fortemente conectadas com os desejos, as necessidades, os objetivos e as promessas de uma sociedade democrática, pois os pesquisadores que atuam nesses campos devem assumir compromissos de cidadania com as pessoas e os temas com os quais trabalham.

É sabido que a pesquisa científica não consegue apreender a realidade em sua totalidade (DEMO, 2009), no entanto, esta investigação recorrerá ao máximo possível de informações que possam subsidiar a construção de uma Geografia do espaço vivido.

2.2 Abordagem espacial da pesquisa em Geografia

**“A Geografia é o estudo da Terra como lar das pessoas”
Yi Fu Tuan**

No início do século XX, a ciência geográfica foi se caracterizando por estudar os espaços, as regiões, os territórios e os lugares, estes últimos no sentido locacional, em que pouco se falava, propriamente, de pessoas como agentes de transformação do lugar onde se estabelecem e produzem outros espaços.

Paul Claval, importante teórico da Geografia Cultural nos esclarece que “os homens não param de se questionar sobre as razões de sua presença na terra, eles sentem a necessidade de dar sentido à sua existência e ao mundo

no qual vivem”. É disso que os geógrafos devem partir na sua análise (CLAVAL, 1999 p. 53).

Entretanto, outros elementos são importantes para a compreensão da Geografia Cultural, e a abordagem fenomenológica pode auxiliar na compreensão do sujeito raizeiro em seu cotidiano, tanto no comércio de suas raízes, chás e unguentos como no trato com as pessoas e sua relação com o lugar em que vive.

Enquanto as atenções dos geógrafos, de modo geral, estão voltadas para a organização espacial, os geógrafos da corrente humanista estão preocupados com os espaços e lugares dos homens. Nossos mundos são segmentados (TUAN, 1983), ou ainda fragmentados, plenos de continuidades e descontinuidades.

É através do estudo das relações das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre os espaços, paisagens e lugares que a Geografia Humanista traz sua contribuição e reflete sobre os fenômenos geográficos a fim de melhor compreender a relação entre o homem e sua condição vivida. Para Holzer (1997, p. 77) a “fenomenologia tem o objetivo de estudar a constituição do mundo, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos”.

A Geografia Humanista se desenvolveu a partir da década de 1960 com contribuição da antropologia, história, filosofia e psicologia para o pensar geográfico. Assim, ela aproxima estudos de filósofos fenomenológicos existencialistas, como Maurice Merleau-Ponty, que propõem uma filosofia que revela o ser humano como ser-no-mundo, ou seja, o ser ativo na conformação do espaço (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para Malanski (2013) os estudos fenomenológicos estão vinculados ao filósofo alemão Edmund Husserl, precursor dessa corrente científica que tem por objetivo descrever como as coisas e os objetos se apresentam à consciência (essências eidéticas). A Geografia Humanista se preocupa com as relações subjetivas entre pessoas e grupos com o espaço a fim de compreender seus valores, comportamentos e aspirações. Para tanto, perpassam comumente pelo entendimento do que são pessoas e como ocorrem tais relações, visto que,

A Geografia é, tradicionalmente, a ciência responsável por estudar o espaço, contudo é importante definir qual é esse espaço. Assim, ao se propor um estudo geográfico do espaço a partir do viés fenomenológico, considera-o como espaço vivido, essencialmente antropocêntrico e que vai além de um simples amontoado de dados, pois envolve a análise da experiência centrada numa pessoa. Todavia, essa variedade espacial supõe a própria pessoa se engajando e vivenciando um fragmento do espaço por meio da interação emocional construída a partir dos sentidos. Portanto, o espaço vivido se constrói primeiramente do contato direto da pessoa com os objetos através dos sentidos (MALANSKI, 2013, p. 32).

Neste sentido, esta tese discute como para o migrante que mora no Distrito Federal, a feira remete ao lugar de origem e o Distrito Federal ao lugar do trabalho, de constituir família, de ter moradia e instrução para os filhos. A cidade de Brasília para alguns foi o lugar da aventura de construir a nova capital e desenvolver o interior do país.

Para outros, Brasília ainda hoje é a terra dos concursos públicos, lugar de estabilidade financeira e para quem nela nasceu é o lugar que se conhece e se pertence, onde as referências sociais se construíram, a cultura candanga sem sotaque eminente, se desenvolve ainda através de uma geração de brasilienses que enfrentam hoje a pandemia, o desemprego e precarização do trabalho, fenômeno local e mundial.

Trata-se de uma nova geografia, pautada em valores humanos, centrada nas subjetividades das ações culturais. Para Mello (2011) a geografia humanista constitui-se uma alternativa aos estudos geográficos, que tem como tarefa a interpretação da dinâmica da experiência vivida, a consideração dos sentimentos e entendimento do homem sobre o espaço e o lugar. Nesse sentido, não deseja estabelecer uma única verdade, não almeja explicar o mundo por uma única e acabada teoria, dispensa hipóteses e pressuposições. Ao contrário, centraliza o homem enquanto ser pensante, indaga sobre a simbologia que envolve os lugares das pessoas e como este significado afeta a organização espacial.

Para Suess (2016) a Geografia Humanista constitui-se num modo de olhar e produzir, portanto, possui propósitos específicos, desenvolvimento histórico próprio, uma identidade. Embora venha sendo tratada majoritariamente voltada para um núcleo duro da epistemologia geográfica, pesquisas acadêmicas direcionadas para arte, literatura, música, percepção e estudos urbanos possuem marcas dessa Geografia.

Autores clássicos da Geografia Cultural tradicional, como Carl Sauer e Vidal de La Blache, contribuíram significativamente para o que é denominado atualmente como Geografia Humanista. Esses pensadores foram os primeiros, na Geografia, a discutirem aspectos sociais e culturais. Em consequência, em meados da metade do século XX, já estavam estabelecidas as pré-condições para o desenvolvimento do que viria a ser conhecido como Geografia Humanista (MELLO, 1990).

A geógrafa irlandesa Anne Buttimer, grande expoente da Geografia Humanista que busca uma ciência objetiva, compreende que a vertente humanística é uma alternativa à ciência objetiva, é dotada de uma tarefa revolucionária, pois explora o mundo vivido e o cotidiano de toda gente. Para tanto, recorreria à perspectiva fenomenológica como um preâmbulo, “mais que uma fórmula operacional para métodos de pesquisa” (BUTTNER, 1985a:190). Nesta seara, Buttimer resiste ao posicionamento excessivamente contrário à ciência objetiva. E, nestes termos, sentencia que é tempo de descobrirmos que a investigação humanística e a científica “não são inevitavelmente opostas; necessitamos encontrar seus papéis apropriados na exploração da experiência humana” (BUTTNER, 1985a:190).

No bojo deste contexto, a Geografia Humanística, a partir dos preceitos fenomenológicos, critica o obstáculo entre o mundo da ciência e o mundo vivido pleno de geografias existenciais e coletivas ou intermúndio. Neste particular, esta tendência examina e mesmo privilegia as experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais contemplando a maneira de agir, bem como sentimentos, projeções, angústias, entendimentos e delírios das pessoas em relação a seus lugares. Tal inquietação não constitui algo novo no âmbito da seara geográfica (MELLO, 2005).

2.3 Raizeiros e raizeiras de Brasília, ofício tradicional e partilha de saberes.

A grande maioria de pessoas que detém os ofícios tradicionais são mulheres. Estas mulheres repassam seu conhecimento às pessoas com quem convivem. É no cotidiano que a ancestralidade é repassada através da

oralidade, seja através da cerimônia do chá ou nas conversas diárias (FIGURA 15).

Um dos critérios foi o fato destes residirem ou trabalharem no Distrito Federal em um período superior a 10 anos como raizeiros. Considerando que os laços comunitários fazem do raizeiro um sujeito importante para a perpetuação dos saberes tradicionais no contexto em que vive não faria sentido entrevistar pessoas que residem/trabalham com as ervas em período inferior a 10 anos. Devido a pandemia da Covid 19 alguns raizeiros também foram vitimados. Outros não participaram por estar em isolamento social e resguardando a própria saúde, considerando a idade e grupo de risco que se enquadram.

Participaram desta pesquisa raizeiros do Distrito Federal, representantes de várias regiões administrativas, cujo conhecimento tradicional é notório pela comunidade onde estão inseridos a mais de 10 anos.

Selecionamos os raizeiros de Brasília a fim de responder a seguinte questão do Mapeamento Social dos raizeiros: Quem são? Onde estão? Que produtos vendem? Quem os consome?

As entrevistas ocorreram entre 2018 e 2022, utilizando inclusive meios tecnológicos de comunicação posteriormente para esclarecer as informações necessárias quanto a comercialização dos produtos no período da pandemia que alguns optaram em entrega através de delivery e outros paralisaram suas atividades por meses.

O ofício dos raizeiros ocorre em todo o território nacional, parte integrante do patrimônio imaterial brasileiro, presente na memória e no dia a dia da sociedade através do conhecimento tradicional sobre plantas ervas e seus usos.

2.4 Distrito Federal, local da pesquisa.

O Distrito Federal é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Situado na Região Centro-Oeste, é a menor unidade federativa brasileira e a única que não tem municípios, sendo dividida em 35 regiões administrativas, totalizando uma área de 5 789,16 km².⁴

Em seu território, está localizada a Capital Federal do Brasil, Brasília, que é também a sede de governo do Distrito Federal. A cidade está localizada entre os paralelos 15°30' e 16°03' de latitude sul e os meridianos de 47°25' e 48°12' de longitude WGR (Oeste do Meridiano de Greenwich). Os limites naturais a leste e a oeste são, respectivamente os rios Preto e Descoberto. Ao norte e ao sul, o quadrilátero é limitado por duas linhas paralelas.

Quadro 2 - Municípios fronteiriços com o Distrito Federal

Ao norte	Formosa (Go), Planaltina (Go), Padre Bernardo (Go).
Ao sul	Novo Gama (Go), Valparaíso de Goiás (Go), Cidade Ocidental (Go), Cristalina (GO).
Ao leste	Cabeceira Grande (MG), Formosa (Go).
A oeste	Padre Bernardo (Go), Águas Lindas (Go), Santo Antônio do Descoberto (Go).

Fonte: Feitosa (2021)

É importante salientar que o Distrito Federal, ainda que seja uma das unidades federativas brasileiras, possui uma série de peculiaridades, isso ocorre na medida em que o nosso ordenamento jurídico é formado por quatro diferentes espécies de entes, sendo eles: a União, Estados, Municípios e Distrito Federal.

Com a fundação dessas inúmeras localidades, o governo inaugura assim, o processo de segregação socioespacial que vai marcar o crescimento de Brasília (DF). A expansão urbana da Capital passa a se dar a partir da criação de núcleos urbanos, então denominados de cidades-satélites, distantes vários quilômetros do Plano Piloto (MANIÇOBA, 2019).

Sendo assim, cabe ressaltar que o Distrito Federal não configura um Estado, tampouco um município, sendo um ente federativo *sui generis*. O Distrito Federal desempenha tanto as competências elencadas para os Estados quanto aquelas previstas para os municípios.

Na década de 1970, apenas uma cidade-satélite foi criada, Ceilândia, fundada em 1971 para abrigar os moradores das invasões que se espalharam pela cidade na década anterior. Conforme cita a ADMINISTRAÇÃO REGIONAL

⁴ Acrescentou-se as regiões administrativas de Água Quente e Arapoanga através das leis Lei 7191, de 22/12/2022 e Lei 7191, de 22/12/2022.

DE CEILÂNDIA (2019), em 1969, “Brasília já tinha 79.128 favelados, que moravam em 14. 607 barracos, para uma população de 500 mil habitantes em todo o Distrito Federal”. Criou-se então, a Campanha de Erradicação das Invasões (CEI4), que demarcou os lotes e delimitou uma área, ao norte de Taguatinga, para a transferência dos moradores das invasões do IAPI, das Vilas Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo, dos morros do Querosene e do Urubu e Curral das Éguas e Placa das Mercedes (MANIÇOBA,2019).

O bioma predominante é o bioma cerrado, a variante brasileira das savanas, resultante de uma complexa combinação de clima tropical semiúmido, de aspecto geomorfológico em que predominam grandes superfícies aplainadas e planaltos sedimentares, de grande disponibilidade hídrica e de baixa fertilidade do solo.

O Cerrado brasileiro está entre os biomas de maior diversidade florística do planeta, com 6429 espécies de plantas vasculares registradas. O bioma está registrado como um dos 25 *hotspots* mundiais para conservação da biodiversidade, sendo um dos mais ricos e um dos mais ameaçados (FELFILI et al, 2004).

O ecossistema Cerrado é um dos ambientes mais ricos em espécies naturais e apresentam-se de grande importância para a manutenção da biodiversidade brasileira e do planeta. O Distrito Federal, por se encontrar totalmente contido na Região Centro Oeste, compartilha com ela as mesmas características gerais de clima, aspectos geomorfológicos, vegetação, hidrografia e tipos de solos (PELUSO; CÂNDIDO, 2012). O clima no Distrito Federal é o tropical semiúmido. Possui duas estações bem definidas com um verão e um período de chuvas que se estende de outubro a abril e o inverno, que contempla o período de maio a setembro com seca. A temperatura em média é 21 °C.

Segundo Peluso e Cândido (2012) há uma tendência natural de secas rigorosas já que, no inverno, a porção central do Brasil fica sob influência da Massa Polar Atlântica (mPa), cujo ramo que chega à parte central do Brasil perde umidade e faz as temperaturas médias baixarem sensivelmente, com noites frias e aumento das temperaturas durante o dia. A perda de umidade explica as baixas umidades relativas nos meses de julho, agosto e setembro.

O Distrito Federal situa-se em uma das porções mais elevadas do Planalto Central que correspondem a remanescentes dos aplainamentos resultantes dos ciclos da erosão sul-americanos e que se desenvolveram entre o Terciário inferior e Médio e entre o Terciário Médio a Superior respectivamente (Martins et al, 2004).

De acordo com Pinto:

O Distrito Federal, inserido na área nuclear de cerrados, apresenta uma paisagem natural resultante de uma prolongada interação de fatores geomorfológicos, geológicos, climáticos, edáficos e bióticos. Recentemente essa paisagem tem sofrido alterações marcantes, em virtude da utilização acelerada do seu espaço, da devastação intensa da fauna e da flora típicas, da ampliação de projetos agrícolas, e da urbanização consequente da construção e expansão da cidade de Brasília (PINTO, 1986 p. 97).

O Distrito Federal situa-se no Bioma Cerrado, no Planalto Central Brasileiro. Sua localização possui singular peculiaridade, pois abrange exatamente o divisor de águas de três grandes regiões hidrográficas brasileiras, sendo aqui o nascedouro de pequenos cursos d'água que vão se dispersar em três direções distintas (GDF, 2017).

É preciso considerar que a região do Planalto Central é um dos centros de dispersão de águas da América do Sul, que se localiza na área protegida de Águas Emendadas, forma-se nesta porção do DF as bacias que desaguam na bacia do rio Amazonas, na bacia do Rio São Francisco e na bacia do Rio da Prata. Os córregos brejinho e Vereda Grande possuem uma mesma nascente com origem em um mesmo lençol freático. Seguindo a inclinação do terreno, as águas do córrego brejinho correm para o rio Paraná e as do Rio Vereda Grande para o Rio Tocantins (PELUSO e CÂNDIDO, 2012, p.29).

No interior do quadrilátero do Distrito Federal existem apenas duas lagoas naturais: lagoa Bonita (antiga Mestre d'armas) e Lagoa Joaquim Medeiros, próxima a Planaltina (PELUSO; CÂNDIDO, 2012).

Essa região do Planalto Central é um jardim permanentemente florido. Canela de Ema, quaresminha, pau-santo, caliandra, pepalanto, sempre-viva, orquídeas, bromélias, cada uma a seu tempo, com suas flores encantadoras. Os buritizais são um caso à parte. Onde houver algum, mesmo nos períodos de seca, há humidade no solo. O buriti é uma das palmeiras do Cerrado com

grande potencial alimentício, com grande função ecossocial, como vários outros tipos encontrados nesse rico bioma (SAUTCHUK, 2014).

Esta biodiversidade contribui para a medicina natural com diversas espécies, trazendo para a Região Centro - Oeste matéria prima de fitoterápicos importantes que são comercializados em feiras e lojas de produtos naturais especializadas.

3- GEOGRAFIA DOS ESPAÇOS DE CURA: COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS NATURAIS DO DF.

Neste capítulo discutiremos as diversas formas de comércio no Distrito Federal, feiras-livres, mercados e comércio de rua, e os produtos que remetem à memória afetiva da região de origem do migrante, dando especial atenção aos raizeiros que constroem Espaços de Cura, onde se permite encontrar Cura para Quase Tudo.

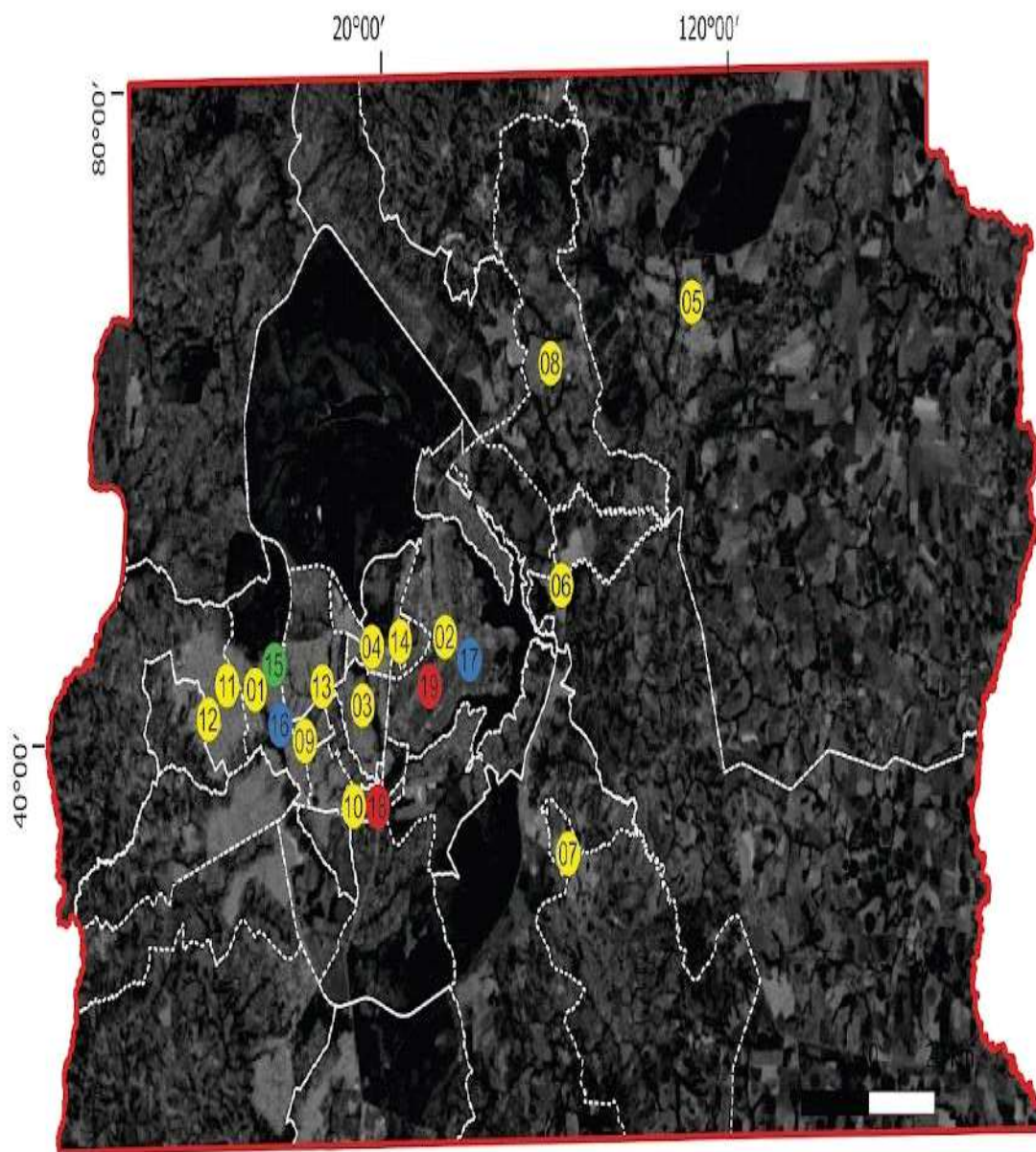
Vários exemplos no DF mostram como a história da ocupação do território se refletiu no comércio local de alimentos, como o surgimento de feiras livres e mercados populares, que além de espaços de convivência, aglutinavam características das identidades coletivas dos trabalhadores (LEDA, 2017).

Praticamente, todas as RA's do DF possuem alguma forma de feira de comercialização de alimentos, entre feiras livres e permanentes. Contudo, Leda (2017) identificou que RA's com maior renda per capita (acima de R\$ 3000,00), como Águas Claras, Plano Piloto e Sudoeste são as que menos apresentam equipamentos tradicionais de comercialização. No caso de Águas Claras e Sudoeste as feiras de produtos orgânicos operacionalizadas pelos próprios produtores timidamente tem sido implantado nos últimos 2 anos.

O objetivo é construir uma narrativa a partir das feiras sobre a importância deste seguimento comercial na vida das pessoas que residem no Distrito Federal. Os produtos tradicionais, ervas, temperos e alimentos aqui produzidos são comercializados nas mais de 60 feiras do Distrito Federal (FIGURA 15).

Figura 15- Mapeamento de feiras, mercados e comércio de rua do Distrito Federal

Espaços de Cura: Mapeamento de Feiras, Mercados e Comércio de Rua do DF



LEGENDA

●	Comércio de Rua
●	Mercados
●	Feiras Permanentes
●	Feiras temporárias ou livres
	Límite do DF
	Regiões Administrativas

NOME DO ESTABELECIMENTO/CURA

01- Feira Permanente de Taguatinga	08- Feira de Sobradinho	15- Feira da Praça do Bicalho
02- Feira da Torre de TV	09- Feira de Águas Claras	16- Kombi do seu Damão
03- Feira do Guarã	10- Feira Permanente do Núcleo Bandeirante	17- Comércio de Flores da Catedral
04- Feira dos Importados	11- Feira Permanente de Ceilândia	18- Mercado do Núcleo Bandeirante
05- Feira de Planaltina	12- Feira do Produtor de Ceilândia	19- Mercado do Café
06- Feira do Paranoá	13- Feira do Produtor de Vicente Pire	
07- Feira de São Sebastião	14- Feira do Cruzeiro	

Projeto cartográfico

Fonte: SEGETH - Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação

Datum: Srgas 2000

Brasília, Distrito Federal - Brasil, 2020

3.1 Simbólico e imaginário, a origem das feiras.

Os locais onde as feiras se realizam são majoritariamente nas cidades, nas quais se concentram a maior parte da população. A dimensão, o alcance, a complexidade e a influência das cidades ultrapassam as atividades locais das feiras, em escala e significado. Logo, compreende-se que é nas cidades que a sociedade se organiza, realiza e divide as atividades e as relações de poder, trabalho e mercado (FELIN; MORIN; 2006).

As feiras fazem parte do dia a dia das pessoas nas cidades por meio das dinâmicas sociais da população, das relações de cooperação e afetividade, perpetuadas através dos hábitos e da convivência entre os diferentes atores sociais que estão presentes nos centros urbanos. A feira representa um espaço dinâmico e vivo, onde ocorre a produção das relações humanas em sociedade, reflete valores, costumes e símbolos de um determinado tempo e lugar (ARAÚJO, 2012)

A feira tem a função de fornecer e abastecer a população, principalmente das cidades, com produtos e alimentos. No entanto, a feira não é somente um ramo do mercado econômico, ela é também um espaço vivo e se realiza através do complexo processo de construção da sociedade no espaço-tempo, por meio do uso das técnicas e das relações interpessoais existentes nos diversos momentos históricos (CALADO, 2010).

Historicamente, as feiras adquiriram uma importância muito grande que ultrapassa seu papel comercial e as transforma, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades se congregam para estabelecer laços de sociabilidade (ARAÚJO, 2012). Importante local representativo da cultura da cidade a feira é a representação dos hábitos e costumes de um povo a exemplo da feira de Cusco no Peru muito visitada por turistas e frequentada pela população local (FIGURA 16)

Figura 16- Mercado San Pedro em Cusco, Peru



Fonte: FEITOSA (2019)

O universo das feiras não é apenas um ambiente favorável ao comércio, mas também é propício à sociabilidade, diante das relações de solidariedade, apadrinhamento e parentesco, estabelecidas desde a Idade Média até a contemporaneidade. Uma feira é, antes de mais, um local de encontro. Aí, vendedores e compradores estabelecem os seus negócios, mas, por outro, integram-se numa trama de papéis sociais que transcendem as funções estritamente econômicas (JUSTINO, 1989).

Os mercados no Brasil possuem grande circulação dos moradores locais e configuram local de visitação turística (FIGURA 17). Produtos locais são encontrados e a culinária ganha espaço de destaque, como o caso do Mercado Municipal de São Paulo inaugurado em 1933 que recebe além da população local milhares de turistas anualmente.

Figura 17 – Mercado Municipal de São Paulo



Fonte: FEITOSA (2020)

A feira é um espaço geográfico constituído por objetos e ações dos atores sociais que a criam e a renovam constantemente. Existem feiras específicas, tais como as feiras voltadas para artesanato, hortifrutigranjeiro, artes plásticas, utensílios domésticos. Há as feiras organizadas pelo grande capital, como as feiras de automóveis, de moda e de tecnologias. Existem feiras que possuem as características de uma região (BUSSO, 2011),

No Distrito Federal as feiras ganham importante participação no comércio de alimentos, ocorrem em todas as regiões administrativas alcançando grande parte da população local e contribuindo para a geração de emprego e renda.

3.2 Feiras no Distrito Federal, a comercialização popular e integrativa.

A Lei n. 235-92, publicada no Diário Oficial do Distrito Federal (DODF), de 17/01/92 que regulamenta as feiras-livres e permanentes no DF, considera que feira livre e permanente comercializa produtos hortifrutigranjeiros, cereais, produtos de artesanato, pescados, aves, flores, plantas, doces, laticínios, carne de sol, lanches e confecções.

Diferentemente dos estados do país, Brasília não é dividida em cidades e bairros, portanto não há prefeituras. A capital é composta por 35 Regiões Administrativas (RA's) oficialmente constituídas como dependentes do Governo do Distrito Federal. Cada uma tem mil faces e reproduzem a essência da diversidade brasiliense multifacetada cuja expressão popular encontra nos espaços de cura uma importante representação social.

Brasília tem a especificidade de se originar da transferência da capital do litoral para o interior do país. Essa mudança, no entanto, levou mais de 100 anos para acontecer. Tão longo período não pode ser excluído da história de Brasília – faz parte dela, porque, ao longo desses anos, interesses gerais e locais interagiram e deixaram suas marcas no destino da cidade (FERREIRA, 2010).

Brasília demonstra através de sua arquitetura e urbanismo a evidente intenção de planejamento generalizado da vida social. As funções principais da cidade – morar, trabalhar, divertir-se e circular – se dão de forma regular, previsível, setorizada, organizada por siglas.

Apesar da racionalidade que presidiu a ocupação dos espaços – a construção da “cidade de pedra”, muitos destes dispositivos do planejamento urbano foram alterados pelas populações que vieram de diversas partes do Brasil para viver, trabalhar e construir a “cidade de carne”, a grande apropriação do território no planalto central como nos esclarece Peluso (2003),

Brasília nasce como um projeto fáustico, civilizatório, um grande empreendimento de apropriação do território, que deveria dominar a natureza, humanizá-la, torná-la útil para o homem. Nesse projeto ancoram-se as contradições das duas ordens das representações coloniais: de um lado, seria a terra da promessa, destinada a redimir o Centro-Oeste e o homem brasileiro e, de outro, a redenção estaria assentada na prática do colonizador colonial. Os discursos de Juscelino Kubitschek expressam razões contraditórias e não devem ser considerados como meras manifestações políticas destinadas a convencer os adversários do projeto, mas como a síntese de um tipo de pensamento e de um tipo de prática enraizados no imaginário

nacional, em que o novo da construção da capital se ancorou em antigas referências (PELUSO, 2003, p. 190).

Feiras e mercados possuem muitas semelhanças tanto estruturais como em suas funções, e ainda, segundo Ferreti (2000, p. 39) “No Brasil, as feiras e mercados apresentam tantas variações que tornaram difícil a enumeração de características gerais capazes de distinguir essas duas instituições nas diversas regiões brasileiras onde elas são encontradas”.

Segundo Veloso e Madeira (2007, p. 9) essas diferentes populações imprimiram padrões culturais trazidos de sua região de origem, dotando a cidade de núcleos e redes de relações que passaram a ser referência para as muitas levas de imigrantes que, desde então, não pararam de chegar à cidade. Para a política de ocupação do espaço urbano e a intencionalidade e valor de uso, Penna reitera:

O ambiente, construído e natural, da cidade é um espaço que possui uma ocupação política intencional, tanto pelo Estado como pela sociedade. O que faz com que o espaço seja produtivo, valorizado, é o seu uso. Mesmo os espaços ditos “vazios” estão cheios de intencionalidade de usos, subordinados aos interesses de valor. Os valores de uso são criados de acordo com as possibilidades do mundo da mercadoria e são, ao mesmo tempo, também valores de troca, que estão na base do processo de fragmentação do espaço (PENNA, 2003, p. 58).

O acesso à cidade e a seu uso e o acesso à terra como valor de troca sujeitam-se às estruturas de poder e de divisão de classes. O uso do espaço fica condicionado às estruturas e às esferas do poder político, de acordo com sua funcionalização e hierarquização sociais. Para manter e reproduzir essas relações de poder no espaço (definidas pela relação entre espaço e poder) tornou-se necessário criar uma forma adequada de distribuição espacial para a manutenção do centro, concebido como um espaço político e hierarquizado (PENNA, 2003).

Neste sentido, as feiras se constituem do processo contínuo da realização da sociedade, sendo até hoje o local onde ocorrem relações interpessoais e de poder entre o Estado (que concede autorização para o comércio), os indivíduos (que comercializam os produtos), o mercado (onde se regulamenta o que deve ser comercializado) e que, no atual momento

econômico, acrescentam novos produtos e modos de comercializar, como o crédito por exemplo.

Para tanto, Souza (2010, p. 86) nos esclarece que “a feira é lócus de atividade econômica, cultural e social. Nela estão presentes também os conflitos entre os atores sociais que a frequentam e a utilizam”. Além da origem dos produtos outro fator relevante na dinâmica cotidiana das feiras é a gastronomia e o padrão sanitário carente de investimento e melhorias.

As feiras são locais de troca e comércio e também devem ser vistas como lugar da manutenção de tradições culturais de comercialização dos feirantes com a população, ensinadas de modo não formal, revelando várias formas de aprendizagem cultural nas cidades e nas relações de trabalho. Assim, a feira pode ser compreendida como um espaço de produção cultural, visto que os trabalhadores das feiras, os feirantes, criam e recriam em suas práticas diárias diferentes saberes de trabalho, convívio e realização da vida em sociedade (SOUZA, 2015). Para Sato (2009, p. 233),

A feira e também é um lugar onde se pode saber se há alguma oferta de trabalho, na feira e fora dela, ela é um tipo de atividade econômica que se abre para socorrer pessoas em situação difícil. Há as pessoas que sobrevivem das sobras de alimentos, em geral pessoas pobres que frequentam as feiras livres. São crianças, mulheres idosas, alguns homens. Também não deixam de ganhar algum alimento os funcionários das empresas que fazem a varrição da rua ao final da feira livre. Os próprios feirantes ganham alimentos de seus colegas ou fazem permuta.

Para Calado (2010), a partir dos estudos existentes sobre as feiras, é possível observar a importância deste tipo de comércio, que supre a necessidade primordial na vida humana, a alimentação. Mas, é possível também perceber como as feiras, ao longo do tempo vão ganhando novas formas e usos; são amplamente adaptadas às novas necessidades que as populações apresentam (TREVISAN, 2008). Transformaram-se em locais de lazer ou de integração social.

Os migrantes, portadores de uma cultura tradicional, foram expostos a uma cidade e cultura modernas, que se mostravam individualistas e competitivas, uma cidade para cuja construção eles próprios contribuíram. Este embate de valores, na gênese da organização de uma cidade, não poderia

deixar de ter consequências no modo como as práticas tradicionais da família extensa e da solidariedade de vizinhança se reconstituíram na periferia da cidade moderna, principalmente em suas cidades satélites (VELOSO; MADEIRA, 2007).

Muitas vezes carentes de serviços básicos e equipamentos urbanos modernos, os migrantes lançaram mão de códigos culturais tradicionais baseados na organização de uma rede extensa de parentesco, regida pelo código da reciprocidade e das hierarquias, capaz de circunscrever, sob as mesmas regras, a rede de vizinhança e a amizade (MACHADO; MAGALHÃES, 1985).

Em Brasília, e no Distrito Federal como um todo, as feiras funcionam sempre como um lugar de inserção, um ponto de referência para os migrantes, entrando em uma rede de relações baseada no parentesco e na vizinhança, rompendo assim com o anonimato e o isolamento assustador da cidade moderna (VELOSO; MADEIRA, 2007, p. 27).

Os erveiros, detentores de um conhecimento tradicional repassado de geração a geração através da oralidade e convívio, representam o sujeito que estabelece o local de cura para quase tudo, através do “receituário” e do diálogo que estabelecem com quem compra (clientela fiel) ervas cascas e produtos naturais em suas barracas, pontos de venda ambulante, feiras livres e permanentes, e outros espaços de comércio.

A feira proporciona tanto ao turista como ao morador local a experiência de percorrer corredores e caminhos, sentir aromas e perceber a reunião comunitária, esta não se perdeu em totalidade mesmo após a pandemia da Covid 19 e a necessidade de isolamento social e novos hábitos de higiene e consumo como o *Ecommerce*. As feiras continuam cumprindo um importante papel de suprir o migrante com produtos da memória afetiva do estado de origem.

3.3 Feiras permanentes.

Regulamentadas a partir do decreto 38.854, de 2017, a organização das feiras no Distrito Federal legalizou 29 feiras livres e 36 permanentes da

Capital, onde estão instalados 16 mil boxes, representando empregos diretos e indiretos e contribuindo para o desenvolvimento econômico da região.

Veloso e Madeira (2007) reiteram que algumas feiras precedem mesmo a inauguração da cidade, como a do Núcleo Bandeirante que desde 1957 tornou-se o lugar de abastecimento de viveres e de encontro dos primeiros migrantes. Desde então, as feiras implantaram-se definitivamente, tornando-se um lugar de diversão e de convívio, uma presença marcante nos arredores da cidade modernista.

No caso de Brasília e do Distrito Federal, constituídos por habitantes provindos de todas as partes do Brasil, e hoje já contando com sua terceira geração de brasilienses natos, as feiras sempre foram um forte ponto de apoio e de encontro (VELOSO; MADEIRA, 2007).

Nestes espaços de comercialização popular prevalece nelas a vocação da inclusão e das trocas sociais, elemento importante a ser preservado em todas as suas dimensões. A seguir, serão abordadas feiras mais antigas do DF:

3.4. Feira do Produtor e Atacadista de Ceilândia

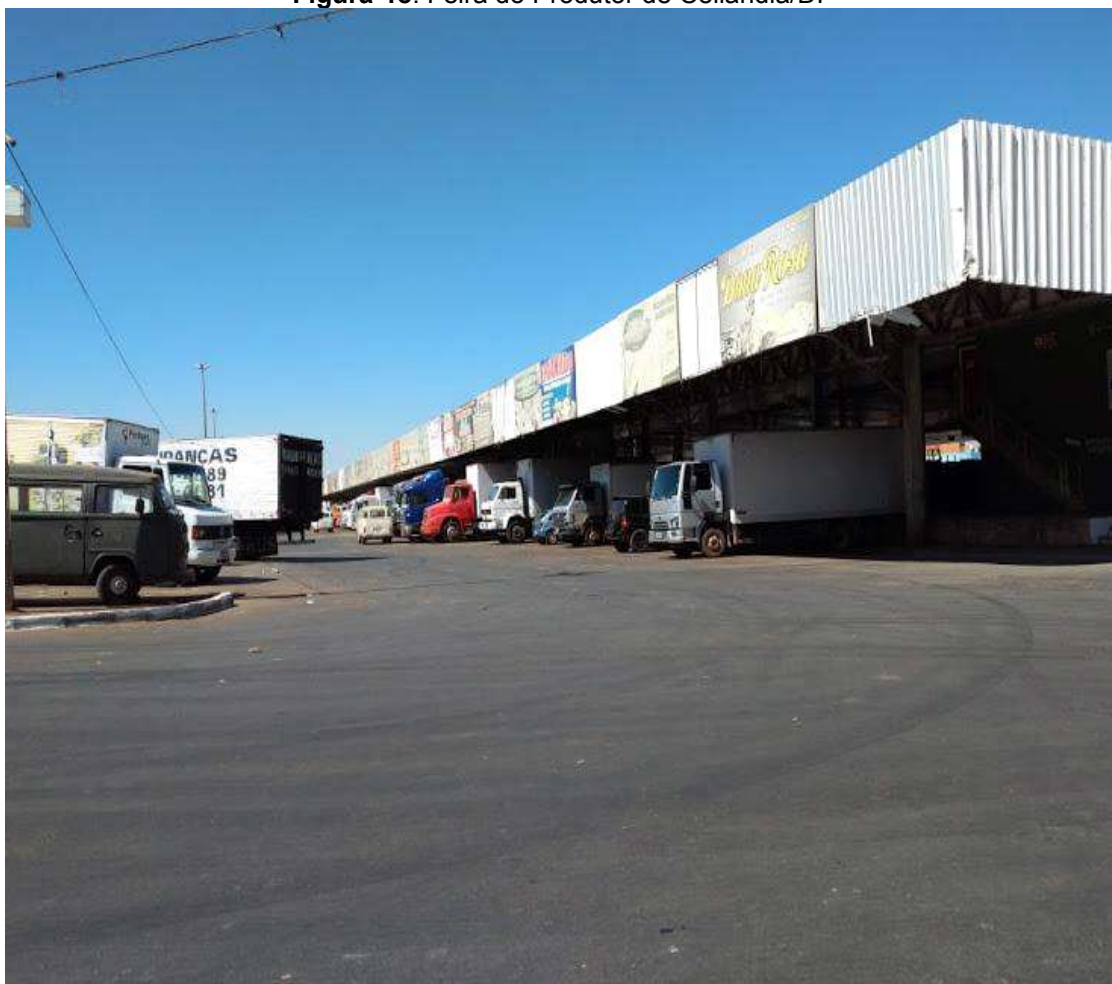
Atualmente com aproximadamente 10 mil metros quadrados de área, com funcionamento diário, a Feira do Produtor e Atacadista de Ceilândia recebe cerca de três mil pessoas diariamente, com maior movimento às terças, quartas, sextas-feiras e finais de semana. O comércio maior se refere a frutas, verduras e legumes no atacado e varejo (EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO DISTRITO FEDERAL, 2014). Também são comercializados ervas e temperos que abastecem raizeiros em suas pequenas bancas nas ruas do Distrito Federal.

A feira do Produtor de Ceilândia vende mais de 32 mil toneladas de hortifrutigranjeiros e tem mais de 500 boxes que vendem variados tipos de alimentação no atacado e varejo.

A Feira do Produtor de Ceilândia (FIGURA 18) não teve suas atividades suspensas durante o período de isolamento social. O complexo comercial que vende mais de 40 toneladas de verduras, legumes e frutas, foi responsável por manter o abastecimento de alimentos no Distrito Federal e

região do Entorno. Para funcionar, a Associação dos Feirantes Produtores Rurais e Atacadistas da Feira de Ceilândia e Entorno (Afeprece), estabeleceu parceria junto ao Governo do DF (GDF), por meio da Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural, no sentido de criar um protocolo de procedimentos e conduta. Diferente das feiras populares, como a Feira Central de Ceilândia, que teve grande parte de suas atividades suspensas.

Figura 18: Feira do Produtor de Ceilândia/DF



Fonte: FEITOSA, (2020)

Criada com a ideia de ser um entreposto de comércio para abastecer pequenos comerciantes, receber grandes volumes de mercadorias e escoar também a produção para o entorno de Brasília e demais regiões administrativas, principalmente no que se refere a laticínios e ovos, a Feira do Produtor e Atacadista de Ceilândia (FIGURA 19) cumpre um importante papel no contexto econômico e é o responsável por abastecer os erveiros

ambulantes de comércio de rua da Ceilândia e outras regiões administrativas e cidades do entorno de Brasília.

Figura 19- Feira do produtor de Ceilândia.



Fonte: Associação Feira do Produtor (2020)

3.5 FEIRA PERMANENTE DO NÚCLEO BANDEIRANTE – A feira a partir da Cidade.

O Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre, constitui-se como território de significativo valor histórico, social e cultural. No entanto, essa importância histórica não foi reconhecida como objeto de valorização patrimonial de um modo geral. Nunca houve uma preocupação sistemática e organizada por parte

do Poder Público e dos grupos organizados em preservar a memória (material e imaterial) da cidade pioneira. O último barraco comercial da época, o Toy Clube, localizado na principal rua da antiga Cidade Livre, hoje Avenida Central, que era mantido graças ao esforço pessoal do seu morador, Seu Antônio, não resistiu à sua derrubada em 2012 (FOTO 20).

Inicialmente chamado de Cidade Livre, é a feira mais antiga do Distrito Federal. Surgiu junto com o primeiro aglomerado urbano onde se reuniram migrantes de diversos estados do Brasil, principalmente do Nordeste, para construir a capital do Brasil.

Figura 20 – Acampamento dos pioneiros - Núcleo Bandeirante, 1958.



Fonte: Arquivo público do DF, 1958

O processo da produção do espaço ocorre constantemente na sociedade, visto que a sociedade não é um elemento estático, fixo, sem alterações ao longo do tempo, mas sim algo dinâmico, vivo (CARLOS, 2007).

E a feira é um exemplo clássico do processo de produção do espaço pela sociedade, cujos atores sociais exercem um conjunto de valores sociais no tempo± espaço. Portanto, a feira é um espaço de práticas espaciais e

temporais da sociedade cheias de sutilezas e complexidades de ações, de valores e de concepções dos atores sociais que atuam nesse local (CALADO, 2010).

Entende-se, desse modo, que a feira é repleta de cultura e tradição, (FIGURA 15) na qual famílias se perpetuam neste trabalho como feirantes, passando de geração a geração a profissão. A feira também é uma das atividades que para muitas pessoas é a única fonte de renda e de subsistência tanto nas cidades quanto nas áreas rurais (SILVA, 2014).

Para incentivar a vinda de trabalhadores, o presidente Juscelino oferecia lotes aos interessados e os isentava de encargos fiscais, daí a denominação Cidade Livre.

O acampamento tornou-se rapidamente um centro de comércio, serviços, lazer e boêmia. Os migrantes chegaram atraídos por estas facilidades aparentes e a cidade logo tornou-se um centro comercial importante, local de abastecimento, carregamento e descarregamento de caminhões com mercadorias que seriam depois distribuídas para todos os outros pontos habitados do Distrito Federal (VELOSO; MADEIRA, 2007).

A cidade abrigava em seus hotéis de madeira, a quem chegasse; supria a todos, de gêneros e materiais básicos, na dupla função de feira e almoxarifado; saciava a sede e a fome em seus bares e em seus restaurantes rústicos, onde eram servidos pratos também da cozinha internacional; acolhia e oferecia entretenimento, lazer e conforto espiritual à grande massa humana de engenheiros, arquitetos, técnicos e trabalhadores braçais que participavam da epopeia da construção da nova Capital do Brasil no Planalto de Goiás (VASCONCELOS, 1978, p. 89).

Atraídos pela notícia, a migração ocorreu rápido e logo a cidade se tornou um centro comercial importante, local de abastecimento, carregamento e descarregamento de caminhões com mercadorias que seriam depois distribuídas para todos os outros pontos habitados do Distrito Federal.

Primeira cidade satélite de Brasília, reconhecida com esta denominação desde 1961, quando sancionada a lei que regulamenta o aglomerado urbano. Ela surge como o resultado e a conquista de grupos sociais e redes familiares interligadas, constituídos pelos feirantes e pessoas envolvidas em uma luta que culminou com o reconhecimento da cidade e a regulamentação da atividade em 1971(FIGURA 21).

Figura 21 - Mercado do Núcleo Bandeirante



Fonte: FEITOSA, (2020)

Em cantos improvisados como palcos, revezam-se cantadores e cordelistas, trios clássicos de música do sertão, com sanfona, triângulo e zabumba, contorcionistas, comedores de fogo. Núcleo Bandeirante é a mais antiga e também portadora de uma memória da construção da cidade e lócus da preservação de saberes são característicos (VELOSO; MADEIRA, 2007).

A feira destaca-se pela forte presença nordestina, materializada nos produtos como o queijo coalho e manteiga, rapadura, plantas e raízes, peças de artesanato, música e dança. O riquíssimo acervo culinário atrai frequentadores e turistas que buscam o sabor forte do sarapatel, da carne de sol e outras iguarias.

Figura 22: Doces da Feira do Núcleo Bandeirante.



Fonte: FEITOSA, (2020)

As atrações artísticas e culturais que ocorrem na feira são sempre voltadas para a valorização da cultura nordestina presente também na música, no cordel, no teatro e representações artísticas que o local recebe geralmente aos sábados dia de maior movimento de frequentadores (FIGURA 23).

Figura 23: Estrutura física da Feira permanente do Núcleo Bandeirante.



Fonte: FEITOSA, (2020)

Vários exemplos no DF mostram como a história da ocupação do território refletiu no comércio local de alimentos, como o surgimento de feiras livres, que se transformaram em espaços de convivência, aglutinavam características das identidades coletivas dos trabalhadores, a exemplo a Feira da Ceilândia uma das mais antigas e tradicionais (LEDA, 2017).

3.6 - FEIRA CENTRAL E PERMANENTE DA CEILANDIA – A feira mais nordestina do Planalto Central.

A Feira Central de Ceilândia nasceu junto com a cidade. A Região Administrativa IX de Brasília é um reconhecido espaço que se destaca por sua capacidade em atrair visitantes, tendo como seu maior atrativo uma gastronomia regional nordestina.

A feira acompanhou todo o processo de formação de Ceilândia, cidade que se constituiu a partir da Campanha de Erradicação de Invasões – CEI, termo que se originou da Campanha de Erradicação de Favelas – CEF, nas décadas de 1960 e 1970, nas proximidades da recém-construída capital do país.

Hoje a feira Central de Ceilândia se constituiu um lugar de expressão da cultura nordestina por meio de sua gastronomia, produtos típicos e eventos culturais. Com o objetivo de resolver o problema das invasões no entorno do Núcleo Bandeirante, Ceilândia foi criada a partir da intensa migração de nordestinos que chegaram para construir Brasília.⁵

A Feira Central e Permanente de Ceilândia é um marco na cultura da região. O comércio logo se implantou no seu entorno, sempre com a presença de ambulantes e a diversidade de produtos. Considerada permanente desde 1972, a antiga feira de Ceilândia é um ponto de referência da cultura nordestina e tem como obelisco a Caixa d'Água da Ceilândia.

No seu entorno se instalou grande atividade comercial, com número grande de ambulantes e filiais de lojas de departamento, prestadores de serviço e aparelhos públicos, como agências bancárias, correios e agência do INSS.

Segundo Veloso e Madeira (2007) são encontrados produtos diretos das fazendas de Minas, Goiás e de produtores do Nordeste. É lugar em que se pode degustar pratos da culinária nordestina, preparados de forma artesanal, a feira atrai visitantes de todo o DF.

Bancas de tabaco, pimentas, farinha artesanais, ervas e raízes em grande variedade, tanto para uso culinário, quanto para uso medicinal, tudo isso aponta para o caráter culturalmente misto dessa feira, que integra produtos, pessoas vindas não só de diferentes pontos do Nordeste, mas de Goiás, Minas e outros estados (Veloso e Madeira, 2007).

A Feira Central e Permanente de Ceilândia (FIGURA 24) não é apenas um lugar de comércio. Criou-se um espaço público plural, congregando pessoas, múltiplas atividades e diversão. As tradições nordestinas, poéticas, musicais, culinárias, apresentação do Bumba Meu Boi, violeiros, concurso de

⁵ A cultura e identidade da cidade e da feira tiveram destaque na reportagem Repente na Feira da Ceilândia <<https://youtu.be/6klAxNgESeU>> .

quadrilha, cordelistas, bandas de forró, baião, xaxado, ritmos que o povo reconhece e se identifica.

Figura 24- Feira Central e Permanente de Ceilândia



Fonte: FEITOSA, (2020)

A Feira Central de Ceilândia apresenta a hospitalidade e identidade coletiva por meio dos alimentos, bebidas, atendimento personalizado e o sentimento de pertencimento dos frequentadores com o lugar que também oferece uma cultura híbrida a partir dos valores simbólicos e históricos dessa feira, expressão de hospitalidade, convivência e experiência turística (LEITE, 2015)

O local também oferece a degustação de pratos da culinária nordestina, preparados de forma artesanal. A Feira atrai visitantes de todo o DF, em busca desta cozinha autêntica. O lugar também propiciou a formação e

apresentação de grupos de Hip Hop e Rapers que tratam em suas letras da condição do negro e dos marginalizados (VELOSO; MADEIRA (2007).

3.7 - FEIRA PERMANENTE DE TAGUATINGA - Ave Branca - O charme do lugar onde se encontra sabor.

Criada em 1958, antes da inauguração de Brasília, inicialmente chamada de Vila Sarah Kubitschek, depois Santa Cruz de Taguatinga. A cidade surgiu da necessidade de abrigar as grandes levas de migrantes que chegaram à Capital em busca de trabalho. Desde o início desenvolveram feiras livres na cidade e surgiu um número significativo de vendedores ambulantes, pessoas que comercializavam seus produtos nas ruas (FIGURA 25).

Figura 25: Feira Permanente de Taguatinga – Banca de produtos naturais.



Fonte: FEITOSA, 2020

Segundo Veloso e Madeira (2007), a feira permanente de Taguatinga foi criada em 1977, na tentativa de agrupar aqueles comerciantes informais de verdura, alho, linguiça, aves abatidas, redes, colchas, vassouras. Construída de forma circular, com boxes contínuos, a feira forma em seu centro uma praça, local de socialização e descontração, com parque para crianças e um coreto⁶.

Destacam-se nesta feira os produtos frescos como frutas e verduras, oriundos de hortas particulares de produtores locais, e peixes também criados no Distrito Federal e entorno. As bancas de doces e queijos, com mais de 30 anos de existência, hoje com a geração de brasilienses a frente do negócio, apresentam uma variedade de produtos.

A feira, portanto, é a identidade e o reflexo da cultura, das tradições e dos valores de uma população em um determinado tempo e espaço. Entretanto, ela é também vida, arte, política, comércio, experiência e produto de tudo que a diversidade humana projeta e cria em um lugar onde as pessoas trocam produtos e ideias, encontram-se e ocupam um ambiente comum a todos (SOUZA, 2015).

A Feira Permanente de Taguatinga também tem a presença de raizeiros que através de gerações também repassam o conhecimento tradicional de plantas, ervas, como o angico, juá, barbatimão, e temperos frescos e moídos na hora.

3.8 Feira da Torre de TV

A partir da década de 1960 a grande quantidade de imigrantes continuou morando no Distrito Federal, à procura de novas oportunidades de trabalho. Muitas dessas pessoas encontraram nas feiras uma forma de sobrevivência tanto em Brasília, com a feira de Artesanato da Torre de Televisão, quanto nas Regiões Administrativas (Taguatinga, Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Guará, Planaltina, Ceilândia), fornecendo serviços,

⁶ A Feira Permanente de Taguatinga durante a pandemia optou por postar vídeos nas redes sociais com os produtos que oferece e entregas a delivery, um exemplo de divulgação está no vídeo <<https://youtu.be/lgzXILprzpE>>

produtos e lazer a essa nova e crescente população que se instalava no DF (PAVIANI, 2003).

Projetado pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa e inaugurado em 1967, o espaço turístico passa a ser gerido pelo Banco de Brasília (BRB). Localizada no centro da Esplanada dos Ministérios, próximo da rodoviária, centro da cidade/capital. Surge na década de 1970, simultânea ao movimento Hippie, onde jovens utilizavam o espaço para comercializar seu próprio trabalho (FIGURA 26).

Figura 26- Feira da Torre de Televisão



Fonte: Brasília, outubro, 1976. Fonte: Cedoc/CB, Via: Brasília " Das Antigas Que Amamos Muito" (DAQAM)

Para Damasceno (2017), foi a partir da década de 1980 que outros serviços e produtos passaram a ser oferecidos na feira, tais como comidas

típicas, lanches, móveis de madeira, brinquedos, pipas, roupas e sapatos de couro, obras artísticas e pinturas.

Na década de 1990, a feira já contava com mais de 150 feirantes e com mais variedade de produtos (bijuterias, brincos, lembrancinhas de Brasília, cartão postal, roupas e acessórios, utensílios domésticos, decoração, redes, enxovais de bebê) como nos esclarece Luana Damasceno em seu estudo “Uso do espaço público da Feira de Artesanato da Torre de Televisão de Brasília,”

A Feira da Torre de Televisão foi inaugurada no ano de 1967. Naquela época, artesãos da cidade se reuniram e formaram no referido espaço uma estrutura improvisada no pavimento térreo para a venda de seus trabalhos de artesanato. Não estava prevista uma feira no local, porém, por iniciativa dos artesãos, passou a existir no final da década de 1960. No entanto, em 1970 ela era organizada por uma estrutura de barracas móveis, cobertas por lonas azuis, diferentes tamanhos e se localizavam aleatoriamente umas perto das outras. Não havia uma padronização e tampouco uma lei que regulasse o uso do espaço na feira. Além disso, não existia qualquer tipo de segurança em relação aos produtos guardados nas barracas, visto que ficavam expostos durante a semana, somente amarrados embaixo de lonas, sem segurança para vigiar ou proteger as mercadorias, (DAMASCENO, 2017 p. 63)

Segundo Veloso e Madeira (2007), o que chama a atenção é a expressão da diversidade das tradições culturais: o bordado do Ceará, artesanato de Minas Gerais, cerâmicas do Centro- Oeste, móveis rústicos e as flores do Cerrado que marcam a identidade do brasileiro.

Atualmente, a Feira de Artesanato da Torre de Televisão (FIGURA 27) possui 650 boxes divididos em blocos com espaços entre si. Os produtos comercializados na feira são artesanatos feitos com materiais do cerrado, vestuários, acessórios, flores, instrumentos musicais, lembranças, couros, calçados, artes plásticas, barro, cerâmica, cultura *reggae*, móveis, pinturas, bijuteria, bordados, enxovais, pedras, decoração, produtos de mesa, cama e banho (DAMASCENO, 2017).

Figura 27: Feira da Torre de TV.



Fonte: FEITOSA, (2020)

As comidas típicas oferecidas na Feira de Artesanato da Torre de TV são originárias de outras regiões do país, muito procuradas por quem migrou de outros estados e reflete os costumes dos migrantes que vieram e vivem em Brasília, que trouxeram seus hábitos e costumes para a Capital.

Norte e Nordeste estão presentes através da culinária, souvenirs e lembrancinhas da capital também estão presentes no acervo da Feira da Torre de TV, que funciona de quarta a domingo das 9:00 as 17:00 hs.

Espaço de cultura e memória do Distrito Federal, as feiras são uma atividade de relevância econômica que possibilita acesso a uma alimentação de qualidade, seja a preços acessíveis que ainda diminuem no fim do expediente, ou a troca de produtos entre os feirantes ou ainda a doação de alimentos muito comum nesses espaços.

3.9 O espaço público e a cidade, o “COMÉRCIO DE RUA”, vulnerabilidades da Capital/metrópole.

O processo de formação do espaço público na cidade está relacionado às condições sociais e econômicas da população que ocupa este espaço, atrelado a lógica capitalista que rege as relações dos interesses públicos e privados. De acordo com Narciso (2009) o espaço público é formado, ou deveria ser criado, como uma fonte de significativa representação da população nas categorias cultural, social e pessoal. “Trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais “(Narciso, 2009 p. 268).

Considerando o espaço público o lugar por excelência da cidadania, do encontro e também como pontos estruturantes da malha urbana, “definidos por uma tipologia própria, a forma aparece como a determinação do que é e representa o espaço público, e como a sua vivência o transforma num lugar específico” (NARCISO, 2009, p. 288).

Segundo Damasceno (2017) Brasília, por ser uma cidade recente, construída e projetada com teorias modernistas, acabou se tornando um espaço de atração turística, um monumento vivo que atrai pessoas de várias partes do Brasil e do mundo

O espaço público é o *locus* privilegiado da disputa entre distintos projetos e interesses, entre propriedade e apropriação (Araújo, 2012). No Distrito Federal a quantidade de ambulantes e vendedores de rua aumenta a cada ano, principalmente agora em decorrência da pandemia da Covid 19 e o crescente desemprego, respondendo por uma economia significativa para as famílias que tiram seu sustento através da venda. Roupas, frutas, eletroeletrônicos, sacos de lixo, pano de chão e pano de prato, ervas e produtos naturais e Flores do Cerrado que encantam os turistas (FIGURA 28).

Figura 28: Flores do Cerrado na Catedral de Brasília



Fonte: FEITOSA, (2020)

A capital possui características distintas das demais regiões do país e das cidades do DF pelo seu contexto urbanístico. Monumentos arquitetônicos e paisagísticos em espaços bastante abertos que atraem turistas.

4 - CONHECIMENTO TRADICIONAL, GEOGRAFIZANDO ENTRELUGARES, MEMÓRIAS, SABERES E FAZERES NO DISTRITO FEDERAL.

Este capítulo tem como objetivo teorizar o conhecimento tradicional dos raizeiros do Distrito Federal a partir da Geografia dos espaços de cura e as plantas medicinais do Cerrado utilizadas nas terapêuticas naturais as plantas medicinais do Cerrado utilizadas (FIGURA 29).

A modernidade vivida nos centros urbanos proporciona às pessoas que habitam nas cidades, estilos de vida diferentes daqueles vividos no campo, possibilita nova rotina mais acelerada, com grande preocupação com o tempo. Todo este movimento, esses novos contatos e as novas experiências são frutos de mesclas de velhos e novos valores, sentidos dos objetos e das ações (ALMEIDA; MACHADO, 2017).

Figura 29 – produtos da banca de Seu Damião, Taguatinga



Fonte: FEITOSA, (2020)

O atual processo mundial de globalização, com fortes características de padronização de consumo e valores culturais através da mídia de massa, facilitada pelos novos meios técnicos da comunicação em tempo real idealiza e procura fazer crer que existe “um consumidor mundial com hábitos politicamente corretos” independentes da história de vida e da região de origem de cada sujeito (GALVÃO et - al, 2005).

Entretanto, práticas ancestrais como a cerimônia do chá, que agrega a afetividade e acolhimento com o conhecimento tradicional sobre as ervas calmantes e relaxantes faz da xícara de chá a oportunidade de convívio e saúde, a exemplo o chá de menta muito utilizado no tratamento pós Covid 19.

A partir da década de 1960, como consequência da idealização e implantação de indústrias no Sudeste do País, verificou-se a necessidade de ampliar o mercado de consumo, e, assim, proveniente da política de modernização do país promovida pelo Presidente Juscelino Kubitschek, foi construída uma cidade para sediar a Capital, Brasília, que compõem o Distrito Federal (DF). Nesse período, a nova Capital absorveu uma enorme quantidade de migrantes de várias regiões do país, do Nordeste, do Norte, do Sul, do Centro-Oeste e, na época, não tinha infraestrutura para suportar tanta demanda de trabalho (PAVIANI, 2003).

Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960, nasceu de uma escolha política. Seu desenvolvimento se baliza por um modelo arquitetônico inovador, pela ruptura com o passado e pelo mito do progresso. As imagens de Brasília que percorrem o país apresentam uma cidade relacionada ao poder, distante e desconectada da realidade nacional, o que demonstra desconhecimento dos processos socioeconômicos e ambientais que ocorrem na Capital (PELUSO; OLIVEIRA, 2012).

Desse modo, em Brasília, a grande quantidade de migrantes que chegavam à Nova Capital continuou morando no Distrito Federal, à procura de novas experiências. Muitas dessas pessoas encontraram nas feiras uma oportunidade de trabalho e renda. Logo se estabeleceram a feira de Artesanato da Torre de Televisão e outros espaços de comércio popular nas Regiões Administrativas (Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Guará, Planaltina, Ceilândia),

fornecendo serviços, produtos e lazer a essa nova e crescente população que se instalava no DF (PAVIANI, 2003).

Foto 30 - Kit de ervas, espaço Chá da Terra de Dona Josefa - São Sebastião - DF



Fonte: FEITOSA, (2020)

O resultado desta fusão aparece nas cidades como rugosidades, coisas e ações que ainda resistem ou persistem ao tempo e às novas técnicas (SANTOS, 2002). Algumas dessas rugosidades se manifestam na aproximação do viver no campo para o viver na cidade: hábitos alimentares e receitas antigas, o uso de plantas medicinais como alternativa do tratamento de doenças ou na prevenção de enfermidades, o convívio familiar com mesa farta em que as lembranças, memórias estão presentes.

Apesar dos esforços em diversificar as alternativas de emprego do DF, a administração pública continua sendo a grande empregadora, participando com mais ou menos 46% da oferta total de empregos e corresponde a 55% dos rendimentos do pessoal ocupado. O comércio, construção civil, agricultura

familiar também são atividades que se destacam (FIGURA 31). Brasília tem na administração pública sua função polarizadora (PELUSO; OLIVEIRA, 2012).

A forma como essas pessoas entendem e percebem o mundo, muda conforme o tempo e o espaço. A percepção faz parte do processo de organização e produção do espaço que a depender da cultura e dos atores sociais que interagem e praticam ações na cidade, permite a contínua interação e transformação do ambiente, da esfera pública e da comunidade (FIGURA 32). A sociedade, assim, é constituída e realizada por meio da produção e da reprodução do espaço (SANTOS, 2008).

Figura 31 – Banca de ervas naturais e temperos da feira da Praça do Bicalho.



Fonte: Feitosa (2022)

Neste sentido, a comercialização de produtos naturais, ganha destaque pela procura e oportunidade de conviver com a ancestralidade; O conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não

urbano/industrial e transmitidos oralmente de geração em geração (DIEGUES, 2000)

O conhecimento tradicional, portanto, é fruto da união dos povos indígenas e negros, oriundos da escravidão. Muitos escravos serviram nos garimpos e na corrida pelo ouro que se estabeleceu na região. O africano e o afro-brasileiro no Estado de Goiás desempenharam, desde os primórdios, um importante papel, colaborando na formação étnica e cultural da região, que se reflete nas receitas e preparos da medicina tradicional quilombola (BAIOCCHI, 2013).

O conhecimento tradicional é mais do que um repositório de conhecimento transmitidos por gerações de antepassados, é também um modo específico de produção de novos conhecimentos CUNHA e ELISABETSKY (2015).

O uso de plantas medicinais não é exclusividade das pequenas cidades. A medicina natural está presente nas ervas e plantas medicinais do comércio popular nos bairros, feiras e pontos de venda nos locais de grande circulação onde se estabelecem estes lugares de cura. No Distrito Federal, a grande procura pelos produtos do Cerrado agrega valor e dá visibilidades ao extrativismo local, inclusive ocupando as prateleiras de franquias de produtos naturais.

O comércio de ervas medicinais, plantas, cascas e garrafadas produzidos por raizeiros são um exemplo do processo de produção da sociedade. O raizeiro pratica um conjunto de valores no tempo/espço. O processo da produção do espaço ocorre constantemente na sociedade, visto que a sociedade não é um elemento estático, fixo, sem alterações ao longo do tempo, mas sim algo dinâmico, vivo (CARLOS, 2007).

4.1 Plantas medicinais do Cerrado, geografia dos espaços de cura.

A ciência moderna, pautada nas informações construídas na era tecnológica também tem se voltado aos saberes populares, buscando comprovação de eficácia de suas diversas propriedades, possibilidades de

novos tratamentos, produtos e alternativas que possam manipular para comercialização.

O que aproxima a ciência e o cotidiano da vida das famílias é a tradição. O uso de plantas medicinais, chás de camomila para acalmar, boldo para os males do estômago, cólicas, dores de cabeça, arnica como cicatrizante estão presentes na vida das pessoas a muitas gerações.

A qualidade das plantas medicinais está relacionada principalmente à identificação correta da espécie, ao seu cultivo orgânico ou ao seu extrativismo sustentável, ao processo de secagem em temperaturas adequadas, ao seu armazenamento adequado e ao transporte sem contaminações. Conhecer todo o caminho percorrido pela planta até chegar à farmacinha é um critério essencial para se assegurar a qualidade de um remédio caseiro (DIAS; LAUREANO, 2009).

O Cerrado, também é grande fonte de fitoterápicos, onde o conhecimento tradicional do uso, manipulação e propriedades das ervas e plantas do Planalto Central, auxilia no desenvolvimento local sustentável, na manutenção das espécies nativas e na preservação dos costumes locais. Banhos, chás, garrafadas e preparados fazem parte da cultura local, são, portanto, patrimônio imaterial (DIAS; LAUREANO, 2009).

O estudo dos raizeiros que vivem no do Distrito Federal apresenta também a discussão sobre as constantes transformações no espaço. “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2009 p. 39).

As construções sociais são estabelecidas através dos migrantes que buscam uma oportunidade de trabalho e renda na Capital do país pela venda de ervas e raízes, onde os principais clientes também são originários de outros estados. Para Massey (2008) o espaço é o produto das inter-relações constituído através das interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno.

O conhecimento tradicional de manipulação, coleta e seleção das ervas e plantas utilizadas é repassado a cada geração sempre com a preocupação em relação a posologia e dosagem. É comum o raizeiro experimentar primeiro

em si ou na sua própria família o remédio “do mato”, “do sertão” e há também a mística do sagrado presente na medicina praticada ancestralmente.

Na cidade, a experiência que tem aproximado o raizeiro com a natureza é a experiência comercial. A natureza é a fornecedora de mercadoria, a mídia parceira no incentivo e adesão da medicina popular, em que a demanda do uso é cultural. As pessoas têm o hábito, o costume, a necessidade de uso das plantas medicinais e os raizeiros têm conquistado o espaço comercial que esta demanda tem proporcionado (MACHADO; ALMEIDA, 2008).

Logo, entender a relação sociedade/natureza é buscar a origem dos significados e usos que a população dá a natureza. Para Almeida e Machado (2008) durante a existência do ser humano na terra observa-se que as representações e, conseqüentemente, os usos da natureza mudam de acordo com as necessidades e com o passar do tempo.

A utilização de plantas medicinais no tratamento de doenças é uma prática antiga da humanidade. Nos últimos anos tem ocorrido crescente interesse pelo conhecimento, utilização e comercialização de plantas medicinais e produtos fitoterápicos no Brasil e em todo mundo, o que tem proporcionado uma grande expansão desse mercado (FREITAS et al, 2012).

É importante ressaltar que as plantas e produtos medicinais representam uma alternativa aos medicamentos alopáticos, sendo seus usos impulsionados pela diversidade biológica, aspectos sócio-econômicos, culturais e tradicionais.

O uso de plantas medicinais ao longo do tempo proporciona ao homem tanto a cura de doenças como o acúmulo de conhecimento. Esse conhecimento empírico vem sendo transmitido desde as antigas civilizações até os dias atuais, tornando a utilização de plantas medicinais uma prática generalizada na medicina popular (FREITAS et al, 2012).

Para Almeida (2003) a utilização das plantas medicinais e rituais no Brasil é o resultado da influência cultural dos indígenas locais, miscigenadas nas tradições africanas e na cultura européia trazida pelos colonizadores. O conhecimento sobre plantas medicinais é o único recurso terapêutico de muitas comunidades, seja no interior do país ou ainda em grandes centros urbanos como o Distrito Federal.

Consagrados pela cultura popular, os raizeiros, também conhecidos como herbolários, herbários, curandeiros, ervateiros, erveiros, são pessoas que detêm o conhecimento sobre preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais, ocupam espaços de comércio em ruas e feiras. O ofício de raizeiro hoje passa por um processo de ressignificação, acompanhando a sociedade, onde em suas bancas há lugar para temperos e cosméticos, rapé, pomadas e garrafadas, tudo para atender a clientela.

Os estudos etnobotânicos construídos a partir do conhecimento do raizeiro é uma importante fonte de informação sobre plantas medicinais por ser um elo entre a produção e o consumo destes produtos, levando em consideração também o relato dos consumidores, a quantidade de produtos comercializados, demanda e procura e a experiência do raizeiro e sua família.

Diversas ciências se debruçam nos estudos das plantas medicinais e do conhecimento deste uso na cura para os males do ser humano, seus usos, dosagem e propriedades terapêuticas, como a medicina, biologia, farmácia, química, botânica, sociologia, antropologia. Institutos como Fiocruz, Butantã, Lorenzini, e órgãos governamentais de fomento à pesquisa contribuem para estes estudos.

Na Geografia os estudos sobre as plantas medicinais são crescentes, embora algumas pesquisas em sua maioria se concentrem no uso da planta, a compreensão do espaço estabelecido e das redes de produção e comercialização e o processo de industrialização de ervas, cascas, folhas, e subprodutos como as garrafadas e preparados são também discutidos e analisados pelos pesquisadores. Neste estudo, especificamente, pretende-se identificar os raizeiros do Distrito Federal, sujeitos que detêm este conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos, dando especial atenção às plantas do Cerrado mais procuradas na atualidade, considerando a crescente busca pela saúde de forma natural.

As ervas mais utilizadas pelos raizeiros entrevistados, como clitória, pariri e erva baleeira também são muito utilizadas nos tratamentos de doenças contemporâneas como a depressão, síndrome do pânico e ansiedade segue algumas das espécies mais comercializadas pelos entrevistados e suas propriedades fitoterápicas.

4.1.1 Clitória

Nativa da Ásia Equatorial, a clitória (FIGURA 33) é planta trepadeira herbácea e perene. Seus ramos são finos, não apresentam estruturas de fixação, ou seja, precisa ser conduzidas em alguma estrutura para se fixar, e atingir até 3m de comprimento. As flores são ricas em fitoquímicos como flavonoides e antocianinas com atividades antioxidantes, hepatoprotetoras e antidiabéticas.

Figura 32 – Clitória secando para uso em



Fonte: Feitosa (2022)

As flores são um raro corante azul natural e só soltam a cor quando em contato com água. No leite elas não soltam a tinta. As folhas jovens podem ser cozidas e comidas como verdura ou também usadas como corante. As vagens jovens parecidas com feijão-vagem ou feijão-de-corda são citadas como comestíveis, mas aqui no Brasil são um pouco duras e fibrosas e dificilmente agradam ao paladar.

4.1.2 Pariri.

O Pariri (FIGURA 33) é uma planta trepadeira, com folhas verdes, rosa ou arroxeadas, que tem propriedades medicinais e por isso pode ser usado como remédio caseiro. Quando fermentada, as suas folhas fornecem um corante de cor vermelha que serve como pigmento para o algodão.

Seu efeito no auxílio em tratamentos de alguns tipos de câncer carece de embasamento científico para este fim, mas popularmente acredita-se que essa planta possa aumentar as hemácias e plaquetas que tendem a diminuir durante o tratamento com radioterapia e quimioterapia.

Figura 33 - Pariri



Fonte: Feitosa (2022)

O pariri pode ser usado como remédio caseiro para inflamações no útero, conjuntivite e anemia e seu nome científico é *Arrabidaea chica*. Outros nomes populares para Pariri são Cipó cruz, Carajurú, Pucapanga, Cipo-pau, Piranga e Crajiru. Esta planta pode ser comprada, principalmente, em lojas de produtos naturais.

A planta pariri possui propriedades expectorante, anti-inflamatória, anti-hipertensiva, adstringente, anti-diabética, cicatrizante, antimicrobiana, anti-anêmica, diurética e antioxidante, podendo ser utilizada para ajudar no tratamento de diversas situações, sendo as principais: dores intestinais; diarreia e diarreia com sangue; hemorragia; anemia; icterícia; corrimento vaginal; feridas na pele; inflamações ginecológicas e a conjuntivite.

4.1.3 Erva baleeira

É um arbusto ereto, perene, muito ramificado, aromático, com a extremidade dos ramos pendentes e hastes revestidas por casca fibrosa, com altura de 1,5 a 2,5 metros em média (FIGURA 35).

As folhas da erva baleeira têm coloração verde escura com margens dentadas e flores brancas pequenas, dispostas em espigas laterais que dão origem a frutos pequenos, arredondados e de cor vermelho-escuro.

Figura 34 – erva baleeira



Fonte: Feitosa (2022)

Popularmente, ela tem outros nomes como maria milagrosa, maria rezadeira, maria preta, erva preta, catinga preta, catinga de barão, cordia, erva balieira, balieira cambará, salicilina, camarinha e camaramoneira do brejo.

A erva baleeira é utilizada na fitoterapia como medicamento natural e na culinária como tempero. Para ambos os casos, as partes usadas são as folhas da planta que, quando maceradas, exalam um cheiro forte e singular proveniente de seu óleo essencial.

O aroma lembra aqueles temperos prontos de carne ou galinha vendidos em cubinhos. Por isso, algumas pessoas a utilizam como substituto natural desses temperos industrializados.

A folha da planta é amplamente utilizada na medicina caseira, principalmente nas regiões litorâneas do Sudeste e Leste. Ela é considerada uma planta anti-inflamatória, antiartrítica, analgésica, tônica e anti-ulcerogênica. Por isso, as pessoas costumam usar o chá de erva baleeira para cicatrizar feridas externas ou tratar úlceras; nevralgias; contusões; tendinites; reumatismos; gota e problemas gastrointestinais. A erva baleeira possui uma substância chamada humuleno, encontrada em seu óleo essencial. Essa substância confere à planta atividade anti-inflamatória em alergias respiratórias.

Com a evolução e ampliação da Geografia, sobretudo no século XXI, mesmo em meio a era tecnológica e ainda vivendo um tempo pandêmico, estes estudos são produto de aproximação de discussão de outros campos da ciência, assim como a Geografia também contribui para estudos em outras áreas de conhecimento, fato é esta complementariedade com as ciências sociais, com a antropologia e a sociologia.

Este estudo, portanto, apresenta o sujeito raizeiro e seu conhecimento tradicional construído ancestralmente para a compreensão e análise a partir da ciência geográfica, onde os espaços de cura, feiras, quiosques, bancas de ervas nas calçadas das regiões administrativas do Distrito Federal nos apresentam cura para quase tudo.

4.2 Cura para quase tudo, ancestralidade da medicina natural das raizeiras.

Embora haja interlocutores homens, o ofício tradicional é um ofício feminino, sagrado e compartilhado entre as gerações pelo convívio, experiência e vivências cotidianas. A medicina tradicional protagonizada por mulheres raizeiras, benzedadeiras e parteiras é fundamentada em espiritualidade, solidariedade e ancestralidade. Essas mulheres cuidam de suas famílias e comunidades, e geralmente também assumem os trabalhos domésticos e o cuidado de sistemas agroalimentares em seus quintais.

Nos centros urbanos não é diferente, onde há o cultivo e a demanda cada dia maior por fitoterápicos manipulados e industrializados, a maioria em cápsulas o que facilita a ingestão. Esta ressignificação do ofício de raizeiros e raizeiras se faz presente no comércio de ervas naturais do Distrito Federal. (FIGURA 35).

Figura 35 – Ervanário Cheiro da Terra – Feira do Núcleo Bandeirante



Fonte: Feitosa (2022)

Em regiões metropolitanas, as mulheres raizeiras colhem em seus quintais produtivos uma diversidade plantas para alimentar suas famílias, produzir remédios caseiros, benzer, vender, trocar e doar.

Estas erveiras também coletam plantas de matas próximas às suas casas. O que se observa é que na grande maioria, suas práticas estão sendo ameaçadas por grandes empreendimentos que destroem os territórios e inviabilizam o acesso à biodiversidade necessária para produção dos remédios caseiros, em especial destaque para o Cerrado, nova fronteira agrícola que no Centro - Oeste diminui em extensão diariamente (BARROSO, 2020).

A existência e a invisibilidade de inúmeros povos tradicionais, contrasta com o saber científico farmacológico capitalista, fixado em apenas um único regime de conhecimento que intenciona homogeneizar os saberes e conhecimentos tradicionais. Essa pretensão de universalidade da ciência moderna pode ser herança “das ideias medievais de uma ciência cuja missão era revelar o plano divino. Desde o século XVII, ao se instaurar a ciência moderna, ela foi deliberadamente construída como uma, através de protocolos de pesquisa acordados por uma comunidade” (CUNHA, 2007)

4.3 Formas de tratamento, benzimento e modo de preparo das terapias naturais do raizeiras e raizeiros do Distrito Federal:

Além do trato com as ervas no preparo de chás e garrafadas há outras ações que o conhecimento tradicional dos raizeiros também exerce em seus ofícios. O ato de curar e proporcionar saúde as pessoas está diretamente ligado as terapias e tratamentos diversos. Segue algumas das terapêuticas utilizadas pelos raizeiros entrevistados:

- Banhos – utilizado para os casos de reumatismo, dores musculares, nervosismo, ansiedade, febre, depressão, cansaço físico e mental e outras enfermidades, primeiro em uma panela com água cozinha-se uma porção da planta (ou preparado para banho) durante alguns minutos. A planta é coada e o líquido colocado na água preparada para o banho do corpo todo, dos pés à cabeça. A água deve estar morna ou em temperatura suportável. As

plantas mais utilizadas são a erva baleeira, alamanda e erva dormideira, além de picão para banhos de crianças.

- Cataplasma - preparação de uso externo de consistência quase líquida. Pode ser preparada com plantas cozidas e amassadas. A planta é macerada ou socada em um pilão formando uma pasta que é colocada entre dois pedaços de gases ou pano limpo e aplicada localmente ainda quente. Uma das plantas utilizadas é o amor perfeito, além da canela de velho e o mastruz.

- Atadura ou compressa – aplica-se uma toalha, ou pano, limpo quente ou frio embebido em chás ou tinturas diluídas ou outros preparados líquidos sobre machucados, locais específicos ou ferimentos.

- Decocção⁷ - a decocção é usada para o cozimento das partes mais duras da planta como a raiz, caule, casca, sementes juntas na mesma panela com a água fria, a planta é cozida por mais tempo. O chá obtido por decocção deve ser consumido no mesmo dia do preparo.

- Gargarejos: agita-se o líquido indicado, preparado com plantas, na garganta. Este tratamento se faz em caso de inflamação na garganta, rouquidão ou estomatite. Sucupira é uma semente muito utilizada, macerada e associada a água para esta finalidade.

- Inalação: aspirar o vapor da planta cozida em água quando começa a ferver. É recomendado usar um funil de papel grosso para aspirar o vapor e proteger o rosto. Este tratamento é indicado para gripes, congestão nasal, rouquidão e inflamação de garganta.

- Infusão: é o preparo usando a planta ou as partes mais delicadas – folhas e flores. Despejar água fervente sobre as folhas

⁷Quando fazemos um chá por infusão colocamos um pouco de água quente (recentemente fervida) em um recipiente com ervas e folhas e tampamos por alguns minutos para que os princípios ativos se liberem na água - é o método utilizado pelos chás prontos de saquinho, por exemplo. Já no processo de decocção, a planta é fervida junto com a água, e os compostos benéficos são extraídos durante a fervura. Por ser um processo mais lento, a decocção é geralmente utilizada para chás de raízes, caules e cascas, que precisam de mais tempo para liberarem seus ativos. Entretanto, ela pode ser usada em folhas e flores sem problemas.

ou flores, tampar e deixar descansar para apurar as propriedades fitoterápicas. Coar e beber no mesmo dia.

- **Ingestão:** consiste em tomar o remédio em forma de chá, xarope, vinho, suco e sumo, ou comer a planta.

- **Instilação:** é o mesmo que pingar gotas de remédios no ouvido, olhos e nariz. São usados sucos de plantas, azeite, mel. Deve-se ter muito cuidado no uso correto para cada caso.

- **Lambedor:** é um preparado concentrado muito semelhante ao xarope, feito com rapadura, açúcar mascavo ou mel, ervas, raízes, cascas ou sementes medicinais. Indicado para tosse e tem propriedade expectorante.

- **Óleos curativos:** feitos com óleo vegetal, folhas, flores ou sementes de plantas medicinais. Usados para tratamentos tópicos para a pele e para tomar em caso de certas doenças em poucas gotas. A lavanda no infusor auxilia no combate à insônia.

- **Pomada ou unguento:** um preparado feito com substâncias gordurosas (gordura vegetal, animal, óleo de coco, amendoim ou gergelim), sucos de plantas medicinais, tinturas e cera de abelha. É utilizada de modo tópico para tratamentos de pele, manchas, queimaduras, picadas de insetos e outros ferimentos.

- **Raspa:** consiste na raspagem de cascas, sementes ou caule de plantas medicinais. São armazenadas para uso posterior. É usada misturando água fria e deixando de repouso por um tempo ou em água quente para fazer o chá.

- **Tinturas:** é uma forma de preparação em que se extraem os princípios ativos de plantas medicinais. São processos delicados que consistem na mistura de partes de plantas secas, trituradas ou picadas, imersas em álcool de cereais 70°, de pureza absoluta. Tem validade de um ano. Usa-se em gotas.

- **Vinho medicinal:** é uma bebida obtida pela maceração da planta em vinho tinto ou branco de boa procedência durante alguns dias, sendo depois filtrado e conservado em lugar seco.

•Xaropes: é um preparado líquido e denso feito com água, mel, rapadura ou açúcar mascavo e plantas medicinais. Deve ser guardado em lugar fresco ou em geladeira. Na confecção de xarope com tintura e mel, estes não devem ser fervidos.

QUADRO 03 – RAIZEIROS ENTREVISTADOS: ELEMENTOS USADOS NO ATO DE CURAR, TRATAMENTOS, TIPOS, ESPÉCIE E USO.

Raizeiro	Produtos que comercializa	Procedência	Finalidade
SEU DAMIÃO, REI DAS ERVAS	Pomadas, ervas em capsulas, ervas em folhas, temperos, pós, cascas,	Produtos naturais e industrializados de diversas partes do país	Diabetes, Pressão alta, Potência sexual/disposição, Temperos caseiros, Diabetes, pressão alta, má digestão, tosse e doenças respiratórias
TELMA SUELY	Chás, ervas, pomadas, garrafadas, cascas, folhas, temperos, preparados	Produtos oriundos em sua maioria do estado de Goiás e DF.	Saúde da mulher, limpeza hepática, Diabetes, Pressão alta, Potência sexual/disposição, Temperos caseiros, Diabetes, pressão alta, má digestão, tosse e doenças respiratórias
DONA JOSEFA ATAYDES	Mais de 170 tipos de ervas plantadas em seu quintal de forma totalmente orgânica de ervas	Produção própria geralmente fornecida seca e embalada ou <i>innatura</i> . No caso de xaropes, tinturas ou escalda pés preparados e embalados individualmente.	Saúde integral, medicina preventiva. Depressão, ansiedade, síndrome do pânico, alimentação viva, chás terapêuticos
DONA LAURITA	Temperos, queda de cabelo, pele, unha, hidratantes, pressão alta, diabetes, disposição/potência sexual.	Produtos naturais e industrializados de diversas partes do país	Produtos diversos tanto naturais como industrializados para Diabetes, Pressão alta, Potência sexual/disposição, Temperos caseiros, Diabetes, pressão alta, má digestão, tosse e doenças respiratórias

ITAMAR	Temperos, queda de cabelo, pele, unha, hidratantes, pressão alta, diabetes, disposição/potência sexual.	Produtos naturais e industrializados de diversas partes do país	Produtos diversos tanto naturais como industrializados para Diabetes, Pressão alta, Potência sexual/disposição, Temperos caseiros, Diabetes, pressão alta, má digestão, tosse e doenças respiratórias
Seu Melzinho	Mel silvestre, ervas, temperos, cremes para rachadura nos pés, garrafadas saúde do home, saúde da mulher e vinho medicinal.	Produtos naturais e industrializados de diversas partes do país	Saúde do homem e saúde da mulher.

Fonte: FEITOSA, 2022

O amor e a boa vontade com que o raizeiro prepara o remédio, colhe a planta medicinal também foi associado a eficácia da terapia. Além disso, o raizeiro deve estar bem consigo mesmo para que a cura seja alcançada como afirma Attuch (2006).

Para Silva, (2019 p. 64) afirma acerca do ofício do raizeiro e da perpetuação destes saberes:

O conhecimento que possibilita esta ação é considerado uma dádiva que a tradição oral repassa, assim como nas comunidades Kalunga. Os ofícios referem-se aos rituais de cura e benzimento, à oralidade dos mestres, à gestualidade do corpo, à materialidade das práticas e procedimentos, ao conhecimento das plantas e sua manipulação, tradicionalmente transmitidos pela tradição oral.

Na concepção dos raizeiros, “as plantas são possuidoras de forças que atuam no mundo invisível e auxiliam na ‘peleja’ contra as doenças, podendo atuar positivamente como protetoras das pessoas e das casas”. O que requer um sistema específico de manuseio que passa pela visão holística e tratamentos diários que vão desde o cultivo até os cuidados aos locais de incidência de uma espécie de planta que remeta a ancestralidade do lugar (SILVA, 2019 p. 134)

Figura 36– Comércio de ervas de Seu Melzinho, Asa Sul - DF



Fonte: Feitosa (2022)

O conhecimento tradicional de manipulação, coleta e seleção das ervas e plantas utilizadas é repassado a cada geração sempre com a preocupação em relação a posologia e dosagem. É comum o raizeiro experimentar primeiro em si ou na sua própria família o remédio “do mato”, “do sertão”. Há também a mística do sagrado presente na medicina praticada ancestralmente (FIGURA 36).

Na cidade, a experiência que tem aproximado o raizeiro da natureza é a experiência comercial. A natureza é a fornecedora de mercadoria, a mídia parceira no incentivo e adesão da medicina popular, em que a demanda do uso é cultural. As pessoas têm o hábito, o costume, a necessidade de uso das plantas medicinais e os raizeiros têm conquistado o espaço comercial que esta demanda tem proporcionado (MACHADO; ALMEIDA, 2008)

A forma como essas pessoas entendem e percebem o mundo muda conforme o tempo e o espaço. A percepção faz parte do processo de organização e produção do espaço que, a depender da cultura e dos atores sociais que interagem e praticam ações na cidade, permite a contínua interação e transformação do ambiente, da esfera pública e da comunidade. A sociedade, assim, é constituída e realizada por meio da produção e da reprodução do espaço (SANTOS, 2008).

O comércio de ervas medicinais, plantas, cascas e garrafadas produzidos por raizeiros é um exemplo do processo de produção da sociedade. O raizeiro pratica um conjunto de valores no tempo/espaço. O processo da produção do espaço ocorre constantemente na sociedade, visto que a sociedade não é um elemento estático, fixo, sem alterações ao longo do tempo, mas sim algo dinâmico, vivo (CARLOS, 2008).

5- A MEDICINA NATURAL PRESENTE NO OFÍCIO DE RAIZEIROS E RAIZEIRAS:

O estudo dos raizeiros que vivem no Distrito Federal apresenta também a discussão sobre as constantes transformações no espaço. “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2009 p. 39).

O uso de plantas medicinais não é exclusividade das pequenas cidades. A medicina natural nas grandes cidades, presente nas ervas e plantas medicinais está presente no comércio popular, feiras e pontos de venda nos locais de grande circulação em que se estabelecem estes espaços de cura.

Logo, entender a relação sociedade/natureza é buscar a origem dos significados e usos que a população dá à natureza. Para Machado e Almeida, (2008) durante a existência do ser humano na terra observa-se que as representações e, conseqüentemente, os usos das naturezas mudam de acordo com as necessidades e com o passar do tempo.

Nos últimos anos tem ocorrido crescente interesse pelo conhecimento, utilização e comercialização de plantas medicinais e produtos fitoterápicos no Brasil e em todo mundo, o que tem proporcionado uma grande expansão desse mercado (FREITAS et al, 2012).

É importante ressaltar que as plantas e produtos medicinais representam uma alternativa aos medicamentos alopáticos, sendo seus usos impulsionados pela diversidade biológica, aspectos sócios econômicos, culturais e tradicionais.

O uso de plantas medicinais ao longo do tempo proporciona ao homem tanto a cura de doenças como o acúmulo de conhecimento. Esse conhecimento empírico vem sendo transmitido desde as antigas civilizações até os dias atuais, tornando a utilização de plantas medicinais uma prática generalizada na medicina popular (FREITAS et al, 2012).

Para Almeida (2003) a utilização das plantas medicinais e rituais no Brasil é o resultado da influência cultural dos indígenas locais miscigenadas nas tradições africanas e na cultura europeia trazida pelos colonizadores. O

conhecimento sobre plantas medicinais é o único recurso terapêutico de muitas comunidades, seja no interior do país ou ainda em grandes centros urbanos como o Distrito Federal.

Consagrados pela cultura popular, os raizeiros, também conhecidos como herbolários, herbários, curandeiros, ervateiros, erveiros, são pessoas que detêm o conhecimento sobre preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais, ocupam espaços de comércio em ruas e feiras.

O ofício de raizeiro hoje passa por um processo de ressignificação, acompanhando a sociedade onde está inserido. Nas bancas há lugar para temperos e cosméticos, rapé, pomadas e garrafadas, tudo para atender a clientela que também opta pelo uso de capsulas no lugar do tradicional chá das ervas.

A medicina natural construída a partir do conhecimento do raizeiro é uma importante fonte de informação sobre plantas medicinais por ser um elo entre a produção e o consumo destes produtos, levando em consideração também o relato dos consumidores, a quantidade de produtos comercializados, demanda e procura e a experiência do raizeiro e sua família.

Todo este conhecimento ancestralmente construído, precisa ser resgatado, valorizado e preservado. Os raizeiros são atores fundamentais na manutenção, transmissão e divulgação do conhecimento tradicional sobre plantas de propriedades terapêuticas. Nesse sentido, a academia cumpre um importante papel: ampliar a visibilidade do raizeiro como importante detentor de um conhecimento ancestralmente construído.

5.1 - BANCA DO SEU DAMIÃO, o Rei das ervas.

No Distrito Federal, feiras, pontos de venda e comércio de rua são também espaços de encontro, onde as receitas para quase todos os males são encontradas através da indicação do raizeiro, que entre outros produtos, oferece a casca, a folha, a semente, ou preparado que a família já consome e recomenda desde o tempo da migração do seu estado de origem para a Capital Federal.

Os saberes e fazeres presentes na medicina natural não se estabelecem somente pela identificação das plantas, mas pelo aprimoramento

dos usos medicinais a partir dos relatos de cura partilhados entre todos da comunidade. Folhas, caules e raízes e a preparação dos remédios é repassado às gerações futuras pela experiência relatada, assim se estabelece o ofício do raizeiro.

O conhecimento tradicional faz parte da identidade e cultura do raizeiro que vive no Distrito Federal. As plantas nativas dos biomas brasileiros constituem a matéria-prima da medicina ancestral praticada pelos erveiros e comercializadas tanto no interior do país quanto em grandes centros urbanos.

O atual cenário econômico do Distrito Federal é de crescente desemprego/ou subemprego, com o aumento da atividade informal, fato este, que promove na família do raizeiro a opção de dar continuidade ao comércio de venda das ervas por ausência de outra oportunidade, ou ainda, pelo fato desses sujeitos serem em sua maioria, pessoas de idade avançada, preocupadas com a continuidade de seu trabalho.

Entre garrafadas, rapé, melado, pomadas, raízes, folhas, cascas, sementes, alho, remédios naturais, temperos e receitas tradicionais, seu Damião Dias, 75 anos de idade, nascido na Paraíba e com registro de nascimento assentado em Jacobina -BA, conhecido como Rei das Ervas, possui sua banca na entrada de Taguatinga, próximo à praça do relógio, importante centro comercial da cidade, onde se oferece cura para quase tudo.

Na infância aprendeu sobre as ervas com as mulheres da família, o pai também “entendia muito” era “benzedor, um santo homem” de família muito católica, tudo que a família consumia de alimentação era produzido no quintal.

Na “cidade” pouco se comprava, mas comercializava o excedente do que era produzido e os doces que as mulheres levavam para os luxos da família como fazendas/ tecidos bonitos para confecção das roupas para ir a missa ou festas da cidade.

Como a maioria dos jovens da cidade entre 12 e 20 anos entrou em um “pau de arara” na época da construção da nova capital com a promessa de emprego e junto com muitos desbravou o Cerrado.

Viúvo, pai de seis (06) filhos, seu Damião iniciou o comércio de ervas em Ceilândia, na década de 1970 *“era um pueirão sem tamanho, naquela época eu tinha a barraca na feira de Ceilândia, mas pensei esta tal de*

Taguatinga vai ficar uma cidade muito boa, vou colocar a banca no asfalto (FIGURA 37).

Começou com poucas ervas e temperos trazidos do norte, nordeste e sudeste do país. Logo se transformou também em distribuidor por ser um dos mais antigos raizeiros estabelecidos e pela ampla rede de comercialização que criou e ajudou a ampliar auxiliando outros comerciantes a se estabelecer nas ruas do Distrito Federal.

Quando questionado sobre quais produtos são mais vendidos, ele afirma que vende de tudo, e que não sabe ao certo quantos itens possui na banca. Cavalinha, douradinha, quebra-pedra, unguento e xaropes são muito conhecidos. Quem compra, faz uso desta medicina tradicional a muito tempo, fato que remete à memória afetiva dos estados de origem da maioria dos brasilienses clientes assíduos de seu Damião, conhecidos muitos pelo nome.

Seu Damião e sua família trabalham com ervas a mais de 40 anos em Brasília, e ainda possuem juntos outras bancas em feiras da cidade. A procura por *“remédios do mato”* como popularmente são chamados os remédios naturais, são repassados de geração a geração, e hoje muito valorizado pela alta eficiência terapêutica e os altos preços dos remédios *“de farmácia”*.

Ele afirma que é preciso ter cuidado com a dose, e que muita gente hoje vende estas ervas, mas não conhece profundamente as propriedades fitoterápicas e medicinais de cada planta. Neste sentido, o resgate de ofícios tradicionais como a parteira, o mateiro, a rezadeira e o raizeiro contribuem para a preservação de um conhecimento tradicional que é muito importante na construção da identidade do brasiliense. Para o migrante que saiu de seu estado de origem para dar corpo e forma a Capital do país, a essência do conhecimento tradicional consolida o resgate de ofício.

Recorrer aos *“remédios do mato”* e a tudo que a natureza pode prover é uma prática comum entre as comunidades tradicionais de matriz africana, e está sendo agora muito procurado por pessoas que tem sua trajetória totalmente ligada à ciência e à vida urbana, mas que hoje, reconhece a importância do conhecimento tradicional e veem no raizeiro, a possibilidade de tratamento mais acessível.

Figura 37: Seu Damião, Rei das Ervas, Taguatinga Centro



Fonte: FEITOSA, (2018)

Na pandemia, Seu Damião relata que a procura tem sido grande por ervas que tragam saúde e aumento da imunidade. Ele explica que o ser humano precisa voltar a ter uma alimentação natural. Em simples palavras: “descascar mais e abrir menos!”. Com a obra de abertura do túnel de Taguatinga, provisoriamente a kombi de seu Damião está instalada em um estacionamento na entrada da cidade.

5.2 Telma Suely – A garrafada da mulher – Ervanário Cheiro da Terra.

Entre cheiros de temperos, pomadas, ervas, cascas, unguentos, xaropes, garrafadas e histórias de alegria em muitas famílias Telma Suely

cresceu acompanhando a mãe Dona Francisca Raimunda em seu ofício de raizeira, grande parte na Feira Permanente do Núcleo Bandeirante (FIGURA 38). Quando criança, Suely e a família faziam uso do mastruz e batata de pulga como vermífugo e cicatrizante.

Figura 38 – Ervanário Cheiro da Terra – Núcleo Bandeirante



Fonte: FEITOSA, (2018)

A família saiu do Rio Grande do Norte para a Capital do Brasil na época da construção de Brasília e estabeleceu na feira permanente do Núcleo Bandeirante, um pequeno comércio com ervas para chá, farinha e temperos.

A partir da migração para Brasília, os filhos de Dona Francisca Raimunda tiveram acesso a bens e serviços, educação e oportunidades de emprego público, tudo através do ofício de raizeira que Telma Suely herdou da mãe.

Embora a variedade de produtos seja grande são as garrafadas de saúde da mulher para “limpeza” do útero, que segundo inúmeros relatos

auxiliaram mulheres a viver a experiência da maternidade, que tornaram o ervanário Cheiro da Terra conhecido e procurado.

Telma Suely, hoje aos 59 anos se dedica integralmente ao ofício de raizeira que aprendeu com a mãe: “Aprendi muito com ela, no dia a dia, mas estudei nos livros e apostilas dela também. Cresci vendo famílias voltarem para agradecer com lindas crianças no colo, minha mãe por anos fez muitas garrafadas, e eu continuo esta missão.

Sua primeira profissão foi exercida na área da saúde, o que agregou os conhecimentos formais ao conhecimento tradicional das plantas, ervas e seus usos. Isso trouxe para o ofício de raizeira a compreensão que o adoecimento deve ser tratado de forma global.

Cristã, de profissão evangélica e pastora, ela acredita que a fé é um ingrediente nestes remédios que são muito procurados por pessoas que optam em tratar a partir da medicina natural e também utilizam as ervas para prevenir adoecimentos.

A garrafada de saúde da mulher é o principal produto comercializado no Ervanário Cheiro da Terra. A partir da combinação de ervas, cascas e da maturação de tempo necessária, saber ancestral que a raizeira Telma Suely aprendeu com a mãe, dona Francisca que partiu aos 87 anos de vida, todos dedicados ao conhecimento tradicional de plantas, ervas e seus usos, em especial à saúde da mulher.

O box da Feira permanente do Núcleo Bandeirante possui uma infinidade de produtos, como pomadas, rapé, chás, temperos, tônicos e “remédios do mato” que também são Cura para Quase Tudo. Telma Suely não realizou nenhum curso de capacitação. Sem ajuda para otimizar as vendas, ela aposta nas mídias sociais para tornar a banca e seus produtos conhecidos.

Um dos primeiros locais de comércio do Distrito Federal, a Feira Permanente do Núcleo Bandeirante possui produtos diversos como queijos, frutas e verduras e restaurantes que tradicionalmente oferecem comida nordestina e mineira, muito procuradas por migrantes que rememoram o Estado de origem.

Telma Suely conhece a procedência dos produtos que vende e julga importante a qualidade do que comercializa. Segundo ela, geralmente o cliente

relata o incômodo ou preocupação com a saúde e assim, a raizeira recomenda determinada erva ou composição (FIGURA 39).

Figura 39 – Telma Suely e sua mãe, Dona Francisca



Fonte: FEITOSA, (2018)

Os cosméticos também têm boa saída, mas são as ervas, sabonetes e garrafadas que tratam da saúde feminina que o box Cheiro da Terra se tornou conhecido. Com a pandemia, Telma Suely optou por ter um pequeno estoque em sua casa e atender por telefone os clientes que a muitos anos confiam na procedência e qualidade dos produtos do ervanário.

A raizeira relata que os clientes que herdou da mãe vem inclusive de outras regiões administrativas para comprar seus produtos e a cada dia a preocupação com a saúde e prevenção de doenças se amplia na sociedade.

Segundo a raizeira Telma Suely no período pandêmico a grande procura foi por chás calmante, auxílio para o sono, ansiedade e depressão. O carro chefe da banca era garrafadas de saúde da mulher mas esta configuração se modificou e vem se alterando desde então.

5.3 Dona Laurita Pereira dos Santos, raizeira da Feira da Ceilândia

Nascida no estado da Bahia, Dona Laurita Pereira dos Santos migrou para Brasília na época da construção da capital com o marido que veio trabalhar na construção da antiga rodoferroviária em 1964.

Além de pomadas, xaropes, ervas e temperos, D. Laurita conta que usou remédio de farmácia só agora aos 74 anos por conta de um problema no coração. Mas a mãe, a avó e demais familiares durante toda a vida no interior da Bahia utilizaram só remédios naturais, chás e xaropes feitos em casa (FIGURA 40).

Figura 40: Dona Laurita – Banca da Feira da Ceilândia.



Fonte: FEITOSA, (2018)

Aqui criaram sete filhos, que hoje deram mais de 20 netos. O início aqui no Distrito Federal foi difícil: “era um barro só, a gente montava a barraca e desmontava a barraca todo dia, os meninos eu trazia pra feira, não criei meus filhos na rua, criei no trabalho, hoje estão todos bem empregados”.

Hoje, viúva e aposentada, D. Laurita é a raizeira mais conhecida da Feira Permanente e Central da Ceilândia. Seu principal produto é a garrafada contra inflamações que ela mesma faz a mais de 50 anos. “A garrafada é bom

pra tudo, infecção de urina, problema nos rins, bexiga, útero, depois de fazer uma cirurgia, muita gente vem de longe porque conhece.”

Além da garrafada para inflamação, algodãozinho e casca de perdiz são muito procurados para problemas no útero e ovário. Xaropes para gripe, resfriado de guaco também são vendidos, “hoje as pessoas também procuram chás para ansiedade”. Com a pandemia a procura por remédios naturais para depressão e ansiedade aumentou, chá de passiflora, camomila, mulungu são muito procurados (FIGURA 41).

Figura 41 – Banca da Dona Laurita – Feira da Ceilândia



Fonte: FEITOSA, (2018)

Seus filhos também foram todos criados utilizando a medicina natural, que Dona Laurita fez questão de sempre informar para que serve cada erva. Mastruz como vermífugo, xaropes, cremes para dor muscular, arnica como cicatrizante sempre fizeram parte da criação na família que valoriza o conhecimento tradicional.

Hoje D. Laurita trabalha com duas netas. O emprego cada vez mais difícil faz com que as gerações façam a opção de trabalhar na feira conciliando com os estudos, “as coisas estão muito difíceis, hoje há muita gente vendendo

a mesma coisa, mas não sabe nem pra que serve, só vende. As vendas caíram muito, o movimento da feira diminuiu, o ganho é pouco e o trabalho é muito”.

Em razão da pandemia o ganho de peso e a busca por vitaminas para imunidade aumentou nas bancas de Dona Laurita. Mas é a depressão e a ansiedade a maior queixa dos clientes da raizeira que confessa que tem estudado sobre o assunto e procurado produtos para sua atender a demanda que só aumenta.

5.4 Dona Josefa, quintal produtivo, Chá da Terra de São Sebastião.

Em uma área própria, adquirida no ano de 2021 no bairro Morro da Cruz, na região administrativa de São Sebastião (DF), Dona Josefa cultiva uma infinidade de ervas e plantas que curam quase tudo (FIGURA 42).

Figura 42 – Dona Josefa Ataídes



Fonte: FEITOSA, (2020)

Em seu quintal, cultiva e comercializa mais de 170 espécies de fitoterápicos cultivados e catalogados. Para todo o uso de cada espécie e a devida finalidade e conservação, modo de produção, tempo de colheita e época de plantio e poda, claro, para o raizeiro que cultiva a erva – o que é bem diferente do raizeiro que detém o conhecimento tradicional, mas não cultiva – cabe salientar, o tempo de plantar e colher é também um saber aqui partilhado com quem chega.

O auto cuidado e empoderamento feminino sempre estão presentes na fala firme e afetuosa de Zefa, como os moradores a chamam. Mãe e avó, tanto nos cuidados com a família quanto com os vizinhos, amigos e quem chegar.

Deste quintal produtivo saem chás, xaropes, escalda pés, banhos aromáticos, ervas secas, temperos, sementes secas, pomadas, unguentos, tinturas e uma diversidade de produtos que atendem a comunidade local e quem procura a raizeira que já foi agricultora assentada, e hoje desenvolve projetos sociais junto a uma das comunidades mais vulneráveis do Distrito Federal⁸: “Quando a gente ajuda o próximo, ensina a cultivar a terra, produzir o alimento, a gente ensina o outro a ser gente e ai a gente fica um pouco gente também” explica a mulher de corpo frágil que já teve a saúde bem debilitada quando criança e experimentou na alimentação viva e nos cuidados naturais as diversas terapias que propõem a quem procura, cura para os diversos males que afligem a humanidade. E suas palavras, “eu, nasci na roça e o único recurso era as plantas do mato!”

⁸ O Espaço Chá da Terra foi apresentado em reportagem para a UnB/TV link: <<https://www.youtube.com/watch?v=5KyWjbMii1c>> acesso em julho de 2022.

Depois de participar de oficinas junto ao Instituto Federal de Brasília, no curso de Viveiricultora, e outras ações de fomento a capacitação feminina local, sempre integrada com a produção agrícola que é vocação de São Sebastião, Dona Josefa, entendendo que a pandemia trouxe a vulnerabilidade e insegurança alimentar de volta, retornou a produzir alimentos em uma pequena fração de terra da família de forma sustentável e compartilhada consorciada com as ervas aromáticas que já produzia.

Os cultivos medicinais de Dona Josefa foram apresentados em diversos meios de comunicação, inclusive em reportagem para a UnB/TV⁹. A raizeira divulga seus tratamentos, palestras e oficinas pelo instagran e facebook, o que ampliou o alcance ao conhecimento sobre as ervas.

Em 2022, juntamente com professores do Instituto Federal de São Sebastião Dona Josefa Ataídes publicou a obra Farmácia Caseira, um compilado de receitas de uso da medicina natural¹⁰

5.5 Itamar, a continuação de um legado.

Na feira permanente de Taguatinga, feira da QNL ou ainda conhecida como Ave Branca, todos conhecem Itamar por sua calma, tranquilidade e seu jeito simples de ver a vida, avesso as tecnologias adotou ao uso do celular a pouco tempo e sempre trabalhou no comércio da família desde a infância.

Nascido no estado de Goiás, herdou do pai o conhecimento sobre as ervas e plantas medicinais e a escuta sincera das queixas dos clientes fiéis que frequentam a banca desde 1958, ano em que a feira foi criada, antes mesmo da construção de Brasília

Xaropes e raízes, preparados para rinites, sinusites, alergias na pele são muito procurados na banca que Itamar, juntamente com as duas irmãs Queila e Débora e a sobrinha Juliana, mantém com dificuldade considerando a

⁹ A reportagem da UNB/TV foi vinculada no link: <https://youtu.be/5KyWjbMii1c>

¹⁰ O Ebook pode ser obtido gratuitamente através do endereço eletrônico A obra completa pode ser acessada no link <http://revistaexico.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/issue/view/147>

crise atual pós pandemia, alta dos preços e a ausência de muitos clientes que eram mais frequentes na feira.

“As pessoas estão com medo de sair na rua!”, diz Itamar preocupado, pois também teve perdas com a pandemia da Covid 19, como tantas famílias no Distrito Federal e no mundo.

Figura 44- Itamar, banca da feira da QNL em Taguatinga.



Fonte: FEITOSA, (2020)

As garrafadas de saúde da mulher para desinfecção foram muito procuradas no tempo do pai de Itamar, seu José Cosme de Paula, já falecido, que ensinou aos filhos o valor do trabalho e as propriedades terapêuticas das plantas e ervas medicinais, bem como o uso e a importância da procedência destes. A família não utilizava remédios convencionais no seu trato diário

Atualmente a procura é grande por chás de melissa, valeriana, erva cidreira, passiflora, erva-de-são-joão, alfazema, tília, erva luíza, entre tantas outras para auxiliar na busca da qualidade do sono e na calmaria. “ Parece que todo mundo agora não dorme mais direito, a pandemia fez todo mundo ficar sem dormir, nervoso, sem paciência, e muito tempo no celular, o que é um veneno”, explica Itamar. Para ele, os chás precisam ser um hábito e não algo para um momento em que a pessoa percebe que a qualidade do sono piorou e procura então ajuda: “quando o sono piora, vem as noites em claro, muitas outras doenças já estão lá, gastrite, dor de cabeça, e isso é falta de uma vida equilibrada, tomar chá todos os dias, ter uma vida mais simples, mais tranquila e comer melhor, sem exageros”.

Ervas e produtos para a saúde do homem também são procurados. Segundo o raizeiro tem aumentado os problemas com a próstata, inclusive em homens jovens com menos de 65 anos, que abusaram do álcool e não cuidaram da saúde, assim como emplastos e pomadas/cremes para dor muscular, rachaduras nos pés causadas pela diabetes e outros cremes que auxiliam.

Diabetes, hipertensão e ansiedade são as queixas mais frequentes dos clientes de Itamar que vende também rapaduras, temperos, farinhas de diversos tipos. Assim como os outros raizeiros entrevistados, a preocupação atual é a pandemia da Covid 19, os efeitos da doença na saúde das pessoas e a necessidade de ter saúde e qualidade de vida.

5.6 Seu Melzinho.

Brasília é uma cidade que encanta pela arquitetura arrojada e o convívio harmonioso com parques e ruas arborizadas. Mesmo em uma capital, o conhecimento tradicional é procurado e difundido desde a construção da nova sede do poder brasileiro. Desde a década de 1970 seu Melzinho vende ervas aromáticas, pomadas, unguentos, chás e a garrafada da saúde em frente ao Hospital Sarah Kubistchek, na via W3 Sul.

O apelido “Melzinho” vem da venda de mel, um dos primeiros produtos comercializados na Capital. Seu Valdemar da Costa, nascido na cidade de

Raimundo Nonato, no Piauí, filho de agricultores, aprendeu o ofício com as mulheres da família, a mãe e as irmãs que cultivavam no quintal de casa alimentos, ervas e plantas medicinais, pois a assistência a saúde não existia na localidade: “A gente recorria aos remédios do quintal, médico eu só fui conhecer aqui em Brasília com muito tempo”.

Figura 46 – Seu Melzinho



Fonte: Feitosa, 2022

Casado há 50 anos com Dona Maria do Socorro Oliveira, tem 7 filhos e trabalha hoje com a sobrinha Maria, que comercializa também em outra banca de ervas na mesma avenida movimentada da grande Capital do país.

Com pouca instrução formal (só estudou até a 2º série) reside na região administrativa de Samambaia, é hoje aposentado pelo INSS e comercializa seus produtos sem nenhuma capacitação profissional: “aprendi tudo sozinho”, declara sobre o comércio no Distrito Federal. “as ervas são para nosso benefício, nossa vida, é preciso respeitar a natureza” explica o homem simples sobre a importância do ofício de erveiro que exerce a mais de 50 anos.

Criou os filhos no Distrito Federal. Além do incentivo à escola, também ensinou a família sobre a propriedade, uso e “serventia” de cada planta. Além do cuidado com os familiares, seu Melzinho é muito conhecido no entorno do DF pelas garrafadas de saúde do homem que produz: “Eu coloco pau responsa, vergadeira, catuaba, nó de cachorro, tudo no vinho branco e deixo descansar, quem me procura tá assim... caidinho, fica forte como um touro muito rápido” explica que o homem demora a buscar tratamento, o que piora em alguns casos, mas a fé nas ervas é mais forte para este piauiense que viu Brasília se tornar esta linda cidade.

Em relação ao ponto de venda que escolheu seu Melzinho explica: “aqui era só mato, eu vendia no sol, em 1990 construí esta casinha para guardar as ervas, e aqui estou. Vem gente de todo canto procurar incenso para a casa, chá para alívio de dores e chá para o pós parto, saúde da mulher e limpezas”

O fato de estar entre os principais hospitais do Distrito Federal, a saber Sarah Kubistchek, especializado em traumas ortopédicos e reabilitação e o Hospital de Base, que recebe a maioria dos atendimentos de urgência e emergência demonstra que mesmo quem busca a medicina formal também opta pelo uso de plantas medicinais para potencializar tratamentos ou ainda explora totalmente a fototerapia por confiar na indicação de seu Melzinho.

Sobre a clientela ele explica: “as pessoas que eu tenho aqui, muitos não trata com médico não. Não consegue atendimento e corre aqui. Remédio de farmácia é muito caro! Atrapalha a vida da pessoa que sempre precisa de outro remédio pra consertar, as plantas não! As plantas trazem saúde “.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho trilhado pela Geografia é o da heterogeneidade de seus enfoques. Atualmente, a produção geográfica brasileira apresenta-se bastante diversificada, transitando desde temáticas consideradas clássicas como novas. É justamente a gama de possibilidades que faz desta ciência e de sua pesquisa a riqueza e a complexidade do pensar e do fazer geográfico contemporâneo. Cada vez mais os geógrafos estão interessados em novas geografias e ocupando-se de questões sociais locais. Fala-se novas geografias também para aquelas que estão sendo reavivadas de maneira contextualizada com a pós-modernidade e as transformações dela decorrentes.

O presente estudo buscou uma abordagem qualitativa, híbrida e holística, com objetivo a dar visibilidade e dialogar com outros conhecimentos, mesmo que a partir de uma organização científica destes, contraditoriamente. Em verdade, estes saberes tradicionais das raizeiras e raizeiros nunca estiveram ausentes das pesquisas geográficas, mas foram subutilizados, depreciados e inviabilizados pelas práticas científicas. A ciência é feita por pessoas, que estão inseridas em diversos contextos sociais, e não somente no meio acadêmico, neste sentido o apagamento ou silenciamento destes sujeitos detentores de ofícios tradicionais como a benzedeira, a parteira, a raizeira, o mateiro e os pajés são hoje de urgente discussão dada a relevância de suas práticas em seus espaços de cura.

Além dos aportes culturais e sociais envolvidos nos ofícios tradicionais, sobretudo nas práticas de cura e no repassar deste conhecimento, vislumbram-se outras particularidades que não podem estar desconectadas da análise, tais como: fatores econômicos, relações de poder e gênero, religiosidades e crenças.

As plantas nativas dos biomas brasileiros constituem a matéria-prima da medicina ancestral praticada pelos erveiros, comercializadas tanto no interior do país quanto em grandes centros urbanos. No Distrito Federal não é diferente e o conhecimento tradicional faz parte da identidade e da cultura do raizeiro e da população em geral que consome estes produtos.

Não somente o baixo custo, mas a eficácia comprovada e a tradição familiar fazem do consumo de produtos naturais um mercado promissor e a

cada dia franquias e lojas especializadas se estabelecem a partir da necessidade de alcançar um seguimento da população que busca saúde e bem estar sem as contra indicações farmacológicas.

Fato é que o conhecimento tradicional dos raizeiros no Distrito Federal tem sido ressignificado assim como a própria evolução da sociedade. Mesmo considerando o momento pandêmico atual, que felizmente parece estar passando, e que segundo os raizeiros intensificou a procura por xaropes, garrafadas de saúde, produtos e especiarias para aumento da imunidade e combate às alergias e sintomas gripais, parte do contexto familiar dos raizeiros não pretende dar continuidade ao comércio.

Entre os entrevistados, somente Dona Josefa Ataídes, raizeira e produtora de São Sebastião, cultiva as próprias ervas que comercializa, os demais recebem dos mesmos fornecedores as plantas desidratadas, em cápsulas e agregam ao seu comércio produtos naturais como temperos, pomadas, unguentos e vitaminas, Seu Damião abastece a rede e amplia a comercialização das ervas.

Telma Suely, feirante do Núcleo Bandeirante e Itamar, de Taguatinga, são os raizeiros que receberam o conhecimento tradicional dos pais, hoje já falecidos e sentem a necessidade de continuar o legado atendendo a clientela antiga de seus genitores, que também aprenderam com seus pais, o que demonstra a memória e a tradição presentes no ofício do raizeiro que em muitos casos acompanha as famílias, estabelecendo inclusive laços que se perpetuam, tem nas irmãs e sobrinhos uma aproximação ainda tímida mas que promissora da continuidade deste conhecimento ancestral e da comercialização dos produtos.

A pandemia da Covid 19 alterou a comercialização dos produtos. Com o uso de tecnologias Dona Josefa Ataídes promove cursos e oficinas, Seu Damião incorporou um serviço de entrega Delivery, ampliou a distribuição de seus produtos e teve o apoio da família abrindo outros pontos de venda, hoje em torno de 12 pontos diretos, empregando cerca de 24 pessoas.

Já Itamar, feirante de Taguatinga, inseriu seus produtos nas mídias sociais com a ajuda da irmã que segundo ele “entende mais de tecnologia”. Aumentou a quantidade de produtos em seu comércio, inseriu produtos industrializados em capsulas, rapaduras, doces nordestinos e aderiu ao contato

pelo watsap para repassar informações e combinar entregas, assim ele segue confiando na clientela fiel que seu pai conquistou devido a procedência dos produtos que comercializa.

Seu Melzinho, raizeiro da Asa Sul, atende ao entorno do DF; sua banca comercializa hoje mais as garrafadas de saúde de muitos clientes que vem de longe para adquiri-los. Ele, como os demais raizeiros, sente que a procura pela medicina natural é algo ligado à tradição. As famílias seguem fazendo uso das garrafadas e das terapêuticas naturais como os chás, pomadas, emplastos e vermífogos buscando uma saúde integrativa. Um ponto na cidade de Águas Lindas idealizado pela sobrinha é a grande aposta para o ano de 2023, com entregas combinadas pelo watsap.

Dona Alzira, feirante da Ceilândia, vendo a dificuldade das netas em ter emprego e renda, embora todas tenham curso superior concluído ou em andamento, tornou possível que, através de mais uma banca de comércio na feira de Ceilândia, todas tenham seu trabalho, pois o conhecimento elas já adquiriram durante o convívio com a avó, que permanece dando assistência a clientela que a procura, mas não mais atendendo todos os dias da semana.

Neste sentido, outra cidade é praticada pelo saber-fazer dos raizeiros e raizeiras nas microterritorialidades, a partir da medicina popular ancestralmente construída, ligadas à memória individual e coletiva de diversos atores sociais.

Esta medicina tradicional está ligada também a uma modernidade que, ao longo do texto, deve ser interpretada em sentido lato, ou seja, que não se refere essencialmente ao período histórico (pós-modernidade), mas de todos os elementos não tradicionais pertencentes ao ofício de erveiro.

Demonstramos que a ruralidade vivida pelos migrantes de Brasília é parcialmente reproduzida em lugares da “não-modernidade” ou do “tradicional”. O convívio entre tais atores em um espaço tão híbrido como a cidade apresenta algumas lacunas de interpretação que justificam a presente proposta de reflexão (para além do esgotamento do tema).

Constata-se que ao longo do tempo histórico, estes ervateiros estiveram presentes nas mais diversas organizações societárias, em pano de fundo, tendo seus ofícios ignorados por uma série de fatores, com destaque para o preconceito provenientes de pessoas/instituições com outros valores espirituais e/ou religiosos (inclusive do catolicismo institucionalizado), negação

da comunidade médica e científica, ou ainda por medo de serem considerados charlatões ou enganadores do povo. Neste sentido, ressalta-se que Dona Josefa Ataídes entendia que ser raizeira não era importante. Tal sentimento de vergonha só foi superado através do curso de Educadora Popular. ¹¹ressalta-se portanto a importância dos movimentos de base na formação de educadoras populares e a integração universidade/comunidade.

A presente tese ressalta, então, a relevância da interpretação do discurso e das práticas das raizeiras e raizeiros que são os atores investidos com o dom de curar, manusear e ministrar remédios caseiros, sem esquecer de que o espaço geográfico de suas práticas é (trans)formador em amplo sentido, desde sua visibilidade cultural até seu reconhecimento como prática medicinal ancestral.

Pode-se concluir, neste sentido, que a ressignificação do ofício tradicional da raizeira e do raizeiro está diretamente ligado a formulação de estratégias de produção e comercialização estabelecidas a cada caso, considerando os fatores que envolvem a influência sobre seus fazeres e saberes compartilhados. É recomendável ainda que se registre as práticas deste conhecimento, tais como as receitas e modo de fazer dos preparados, essencialmente a forma de coleta das ervas e o ritual de preparo pois se trata de algo sagrado para estes sujeitos.

Essa dimensão de resistência à modernidade e ao avanço da indústria farmacêutica – considerando que Brasília possui um número expressivo de farmácias - e tratando-se de uma sociedade medicamentada, devendo-se levar em conta o caráter demonstrativo destas experiências/vivências com cada ervateiro pelo que representam em termos de consciência ambiental, social e holística, agregando inclusive muito a conhecer sobre o Cerrado.

Em relação à identidade e cultura, o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo tece, e sua cultura são essas teias, repletas de construções simbólicas, que se caracterizam por meio de práticas, saberes e fazeres que revelam identidades GEERTZ, (1989). Assim, a cultura é o registro das experiências de homens e mulheres em um contexto de

¹¹ Dona Josefa realizou o curso de Educação Popular na Escola de Educação Popular do Df e Entorno e hoje é uma multiplicadora. As informações desta instituição estão disponíveis em <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/15/escola-de-educacao-popular-do-distrito-federal-e-entorno/>

interações múltiplas. Nas narrativas dos raizeiros, tanto a coleta e seleção das ervas quanto a manipulação, confecção dos remédios do mato tem significado.

Uma frase muito comum dentre os raizeiros é que tal ciência “(fazer remédios do mato), garrafadas e receitas é um dom dado por Deus, que se aprende, se ensina, se vive todo dia. Sempre tem alguém precisando”.As raizeiras ao abrirem-se à incorporação de novas configurações em seus rituais, como a comercialização através das mídias sociais e entregas a delivery, acabam por ensinar também a importância de se pensar uma ciência cada vez mais integradora, dinâmica e aproximada do cotidiano das pessoas.

Destaco ainda a necessidade de novos estudos a fim de aprofundar as questões específicas apontadas nestes estudos de forma geral sobre os detentores do conhecimento tradicional, acrescente-se as benzedadeiras, parteiras e mateiros e pajés e a amplitude dos ofícios tradicionais que existem e resistem tanto no âmbito rural quanto no urbano.

REFERÊNCIAS

AMOROZO, Maria Cristina Melo. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: Di Stasi, L.C. (Org). Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 47-68.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. **A presença de uma premissa categorial: a espacialidade nos conceitos-chave do pensamento geográfico**. In. ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de; OLIVEIRA, Nathan Belcavello de Oliveira de; KUNZ, Sidelmar Alves da Silva. Elementos de Teoria do Espaço Geográfico. Brasília, ACLUG, 2013.

ARAÚJO, Giovanna. **Aspectos sociais do cotidiano das feiras livres: um estudo etnográfico em território português e em solo brasileiro**. Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais, v. 9, n. 2, p. 49-64, jul./dez. 2012. Disponível em <<https://docplayer.com.br/16086000-Aspectos-sociais-do-cotidiano-das-feiras-livres-um-estudo-etnografico-em-territorio-portugues-e-em-solo-brasileiro.html>> Acesso em janeiro 2019.

BURSZTYN, Carlos; ARAÚJO, Carlos Henrique Ferreira de. **Da utopia à exclusão: vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

Buttimer, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar / Place, reach, and the sense of place. Geograficidade, 2015 Disponível em <<https://doi.org/10.22409/geograficidade2015.51.a12915>> acesso em janeiro 2020.

CALADO, Lenita Maria Rodrigues. **Campo grande e sua feira livre central: conhecendo a cidade através da feira**. 2010. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Ciências Humanas, Dourados, 2010. Disponível em <<https://www.ppghufgd.com/wp->

<content/uploads/2017/06/Lenita-Rodrigues-Calado.pdf>> acesso em janeiro de 2019.

CANDIDO, Isabella Sales. **Plantas medicinais do Cerrado comercializadas em feiras da região central do Distrito Federal**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília. 2018. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/196903664.pdf>> acesso em 2019.

CARLOS, Ana Fani. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2008.

CASEY, Edward. **Getting back into place: toward a renewed understanding of the place-world (studies in continental thought)**. Indiana: Indiana University Press, 1993.

CAVALCANTI, Lana de S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas (SP): Papirus, 2008.

CIDADE, Lúcia Cony Faria. VARGAS, Glória Maria JATOBÁ. Sérgio Ulisses Silva. **Regime de acumulação e configuração do território no Brasil**. cadernos metrópole 20 pp. 13-35 20 sem. 2008

CLAVAL, Paul. **Etnogeografias- Conclusão**. Revista Espaço e Cultura. UERJ. N°7. 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1993

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CUNHA, M.C. & ELISABETSKY, E. **Agrobiodiversidade e outras pesquisas colaborativas de povos indígenas e comunidades locais com a academia.** In: UDRY, C. & EIDT, J (editoras técnicas). Conhecimento Tradicional: Conceitos e Marco Legal. Coleção Povos e Comunidades Tradicionais. Volume I. Embrapa. Brasília, DF. 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2009.

DIEGUES, Antonio Carlos. **A etnoconservação da natureza.** In: _____. (Org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, p. 1-46, 2000

DIAS, Juliana Luiza Barbosa; BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Impactos da Covid-19 na produção e comercialização de alimentos em Brasília-DF: desafios para os assentados/acampados da reforma agrária.** Revista GeoTextos, vol. 17, n. 1, julho 2021.

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa. **Brasília: mitos e contradições na história de Brasília.** In: PAVIANI, Aldo [et.al.] (orgs.). Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora UnB, 2010.

FERRETI, Mundicarmo. **Feiras nordestinas: estudos e problemas.** In.: FERRETI, Sergio [Org.] Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados. São Luís: Edições UFMA, 2000.

FREITAS, Ana Valéria Lacerda; COELHO, Maria de Fátima Barbosa; AZEVEDO, Rodrigo Aleixo Brito; MAIA, Sandra Sely Silveira. **Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte,** Brasil. 2012. Revista Brasileira de Biociências. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1863>> acesso dezembro de 2017.

GDF, **Catálogo hidrográfico do Distrito Federal**, toponímias dos cursos d'água. 2017. Disponível em <<https://www.sema.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Cat%C3%A1logo-Hidrogr%C3%A1fico-do-DF-2017.pdf>> acesso em 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago. 1995.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 25. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Revista TERRITÓRIO, ano II, nº 3, jul./dez. 1997. Disponível em <<http://pesquisadores.uff.br/academic-production/uma-discuss%C3%A3o-fenomenol%C3%B3gica-sobre-os-conceitos-de-paisagem-lugar-territ%C3%B3rio-e>> acesso em janeiro de 2019.

JUSTINO, David. **A Formação do Espaço Económico Nacional, 1810 a 1913**. Portugal, 1989. Vol. 1. Vega. Lisboa.

KOGA, Dirce. **Medida das cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. Editora Cortez, 2003.

KOZEL, Salette Teixeira. **Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivametodológicas**. In: KOZEL, S; FILHO, S.F. (Orgs). Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo. Terceira Margem. EDUFRO, 2007.

LEITE, Daniela Carvalho Bezerra. **Feiras como espaços de hospitalidade e identidade coletiva: Feira permanente da Ceilândia/DF**. 2015. 165 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/18658>> acesso janeiro de 2019.

LESSA, Temízia Cristina Lopes. ARAÚJO SOBRINHO, Fernando Luiz. **Migrar, chegar, permanecer: A construção do lugar de afeto**. Jundiaí, Paco Editorial, 2017.

MAANEN, John Van. **Reclaiming qualitative methods for organization research: a preface**. IN Administrative Science Quarterly, VOL 24, nº 4. 1979.

MACHADO, Lia; MAGALHÃES, Themis Quezado de. **Imagem do espaço**. in: PAVIANI, Aldo. Brasília em questão: espaço urbano, ideologia e realidade. São Paulo: Projeto, 1985.

MACHADO, Luiza Helena Barreira; ALMEIDA, Maria Geralda. **Plantas Medicinais e Geografia: as redes comerciais e as representações sociais**. Laboter/IESA/UFG. 2008. Disponível em <https://www.geomorfologia.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/comunicacao_cordenada/006.pdf> acesso em janeiro de 2019.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2013. Disponível em <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30505/R%20-%20D%20-%20LAWRENCE%20MAYER%20MALANSKI.pdf?sequence=1> HYPERLINK "https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30505/R%20-%20D%20-%20LAWRENCE%20MAYER%20MALANSKI.pdf?sequence=1&isAllowed=y"& HYPERLINK "https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30505/R%20-

[%20D%20-%20LAWRENCE%20MAYER%20MALANSKI.pdf?sequence=1&isAllowed=y" is Allowed=y>](#) .Acesso em janeiro de 2019.

MARANDOLA JR. Eduardo. DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/rzmFzZWXRmzVHZhFGWSR6wn/abstract/?lang=pt>> acesso em janeiro de 2019.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. **A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações**. Ver. Usp. 1990. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?format=pdf> [HYPERLINK](https://www.scielo.br/j/reeusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?format=pdf&lang=pt) ["https://www.scielo.br/j/reeusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?format=pdf&lang=pt">](https://www.scielo.br/j/reeusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?format=pdf&lang=pt) acesso em janeiro de 2020.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GOMES, Laura Barroso .**Medicina tradicional: saberes e práticas ancestrais na região metropolitana de belo horizonte**. Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – Vol. 15, N° 3, 2020

MELLO, João Baptista Ferreira de. **A humanística perspectiva do espaço e dolugar**. Revista ACTA Geográfica, Rio de Janeiro, ANO V, N°9, jan./jun. de 2011. Disponível em <<https://revista.ufrr.br/actageo/article/view/429>> acesso em julho de 2021.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (2a. ed.; C. A. R. Moura, trad.). São Paulo: Martins Fontes.1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**, Reflexivity as theethosofqualitativere search, 2014. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csc/2014.v19n4/1103-1112/pt/> , acesso em janeiro de 2018.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia: pequena história crítica**. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

MOREIRA, Rui. **Para onde vai o pensamento Geográfico? Por umaepistemologia crítica**. Editora Contexto, 2014.

NARCISO, Carla Alexandra Felipe. **Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências**. Revista Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 9, n.2, p. 265-291, 2º semestre de 2009. Disponível em<<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a02.pdf>> . Acesso em: 20 de abr. 2015.

NETO, Auto de Paula Rodrigues; CASTRO, Joana DàrcBarbella. **A cidade de Taquaral de Goiás: um expoente para a indústria têxtil**. Revista eletrônica de economia da UEG, Vol12, nº2. 2016. Disponível em<[file:///C:/Users/Eliana/Downloads/5518-Texto%20do%20artigo-19791-2-10-20170419%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Eliana/Downloads/5518-Texto%20do%20artigo-19791-2-10-20170419%20(1).pdf)> acesso em 2020.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa, características, usos e possibilidades**. IN Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, V.!, nº3, 1996. DISPONÍVEL EM <[https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa Qualitativa.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa%20Qualitativa.pdf)> acesso em julho de 2020.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Uma interpretação fenomenológica na geografia**. IN **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**.

Universidade de São Paulo. 2005. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Metodologicos/11.pdf>> acesso em dezembro de 2020.

NOGUEIRA, Mônica. **Gerais a dentro a fora. Identidade e Territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais.** Coleção Mil saberes, 2017.

OLIVEIRA, Elenice Padilha ; TAQUES, Eloiza Maria ; MOREIRA, Pedro Vinicius Souza ; SIEBEN, Cássia Regina, LORENZETTI, EmiRainildes. **Plantas medicinais empregadas em benzimentos na região de Palmas – PR.** Disponível em <<https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/21169>> acesso janeiro de 2022.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao. **Lugares Geográficos e(m) Locais Narrativos: um modo de se aproximar das Geografias de cinema.** 2014.

DOLA JÚNIOR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia.** São Paulo. Perspectiva, 2014

OLIVEIRA, Rômulo Andrade de. **Brasília e o paradigma modernista: planejamento urbano do moderno atraso.** Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2008.

PATARRA, Neide Lopes; CUNHA, José Marcos. **Migração um tema complexo.** Revista São Paulo em Perspectiva, v.1, n.2, jul./ set., 1987. Disponível em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v01n02/v01n02_04.pdf>.

PAVIANI, Aldo. **Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano VII. n. 11, p. 12-13, set./out. 2003. Disponível em: Acesso em: 26 set. 2016.

PELUSO, Marília Luisa; OLIVEIRA, Washington Candido. **Distrito Federal: paisagem, população e poder**. Editora Candido Calazans, 2012.

PENNA, Nelba Azevedo. **Fragmentação do ambiente urbano: crises e contradições**. IN Brasília: controvérsias ambientais. Editora Universidade de Brasília. 2003

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. **Território e política: práxis invertidas e desafios da existência**. Soc. nat. (Online) vol.23 no.1. Uberlândia, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sn/a/4P4RysNNShfTD3PVqnDFJyH/abstract/?lang=pt>. Acesso em julho de 2021.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RAMIRES, Júlio César de Lima; PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em Geografia**. IN Pesquisa qualitativa em Geografia: Reflexões teórico- conceituais e aplicadas. Editora UERJ. 2013.

RATZEL, Friedrich. **Ratzel**: Coleção grandes cientistas. geografia (Org.) por Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Ática, 1990.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. Vol. 4. Letra Capital, 1995.

SACK, Robert David. **Human Territoriality: Its Theory and History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria. Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec. 2009.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

SATO, Leny. **Visitando a feira livre: notas sobre sua organização e seu trabalho**. Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ. Mnemosine Vol.5, nº2, p. 227-248 (2009). Disponível em <<file:///C:/Users/Eliana/Downloads/41441-140128-1-PB.pdf>> acesso em janeiro de 2021.

SAUTCHUK, Jaime. **Cruis, histórias e andanças do cientista que inspirou JK a fazer Brasília**. Editora Geração. 2014.

SAYAD, Abdelmalek. Trad. Cristina Murachco. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo. Edusp, 1998

SILVA, Maria Tereza Gomes. **O ofício do raizeiro: saberes e práticas integrativas em comunidades tradicionais quilombolas Kalunga**. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em Performances Culturais UFG, 2019. Disponível em <[file:///C:/Users/Eliana/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Maria%20Tereza%20Gomes%20da%20Silva%20-%202019%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Eliana/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Maria%20Tereza%20Gomes%20da%20Silva%20-%202019%20(1).pdf)> acesso em 2020.

SOUSA DAMASCENO, Luana. **Uso do espaço público da Feira de Artesanato da Torre de Televisão de Brasília**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/24382>> acesso em dezembro de 2019.

SOUZA, AngelaFagna Gomes. **Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas**. IN Pesquisa qualitativa em Geografia: Reflexões teórico- conceituais e aplicadas. Editora UERJ. 2013.

SOUZA, Diogo Rodrigues; RODRIGUES, Elaine Cristina Araújo Medeiros de Souza. **Plantas medicinais: indicação de raizeiros para o tratamento de feridas**. Ver. Bras. Prom. Saúde. Vol. 29, num. 02, p. 198. 2016. Disponível em <<https://www.redalyc.org/journal/408/40848190007/html/>>. Acesso em dezembro de 2019.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: Castro Iná et alii. (Org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.

STEINBERGER, Marília. **Território, Ambiente e Políticas Públicas Espaciais**. In: STEINBERGER, Marília. (Org.). Território, ambiente e políticas públicas espaciais. Brasília: Paralelo 15 e LGE, 2006.

SUESS. Rodrigo Capelli. **Geografia humanista e ensino-aprendizagem: perspectivas em Formosa-GO**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós graduação em Geografia da Universidade de Brasília, UnB. 2016 disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/23078>> acesso em 2020.

TREVISAN, Emerson. **A feira livre em Igarassu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia – a convivência do formal e o informal**. 2008.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6327>> acesso em janeiro de 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. IN introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi Fu. **Humanistic geography**. Annals of the Association of American Geographers. 66 (2): 266-276, 1976

TUAN, Yi Fu .**Space and place: humanistic perspective**. Progress in Geography. (6): 211-252, 1974.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meioambiente**. São Paulo: Difiel, 1998.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico- epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**.Petrópolis: Vozes, 2003.

ZANK, Sofia, ETT ALL, **Práticas locais de saúde e o conhecimento de plantas medicinais em um semiárido brasileiro: benefícios ambientais para a saúde humana**. Revista de Etnobiologia e Etnomedicina. v. 11, n. 11, p. 1-13, 2015. Disponível em <<https://ethnobiomed.biomedcentral.com/articles/10.1186/1746-4269-11-11>> acesso em janeiro de 2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Roteiro de entrevista

PERFIL SOCIAL

Nome:

Idade:

Estado civil:

Nome do conjugue:

Possui filhos:

faixa etária dos filhos:

Morador de Brasília desde:

Migrou de qual estado? _____

Residência:

RA:

Renda: 1 salário mínimo () 2 salários mínimos() mais de 2 salários ()

Profissão:

É aposentado: () sim () não

Recebe algum benefício do INSS?

Possui carro próprio: () sim () não

Possui casa própria: () sim () não

Onde fica seu comércio de ervas?

Desde:

Trabalha com quem?

Localização geográfica:

CONHECIMENTO TRADICIONAL

A) Como aprendeu sobre as ervas? Com quem?

b) utilizou na infância estas ervas? Quais? Quem as administrou?

c) utiliza as ervas na própria família? Quais? Por que?

b) Trabalha com venda de ervas desde quando? Porque escolheu este ofício? No DF desde quando?

c)Quais ervas já utilizou pessoalmente? para qual finalidade? Qual foi o resultado?

d) Utiliza serviço de saúde público ou privado? Onde? Faz tratamento para alguma doença atualmente?

- e) Alguma situação de cura através do uso das ervas naturais especial que lhe chamou a atenção?
- f) conhece as propriedades terapêuticas de todos os produtos que vende?
- g) conhece a procedência de todos os produtos que vende?
- h) cultiva alguma erva medicinal? Onde? Por que?
- i) quais os produtos mais vendidos? Que propriedades possuem?
- j) vende outros tipos de produtos? Cosméticos, temperos? Tem boa saída?
- l) Algum produto natural que se mal utilizado pode ser tóxico? Já ocorreu isso?
- m) o consumidor chega e pede pelo produto ou relata a queixa e o sr. Sr^a indica a erva para ele? É comum o sr. Sr^a indicar alguma erva para determinada finalidade?
- n) já fez algum curso ou capacitação para a venda de produtos naturais no DF? Onde? Quando?
- o) recebe orientação para melhorar seu comércio? Qual instituição?
- p) faz parte de alguma organização, associação que reúna estes raizeiros? Como são estas organizações e quais as finalidades?